

# LACAN

*...Ou pior*

1971-72

Este documento de trabalho tem como principais fontes:

- ...Ou *pior*, reprografia datada de 1981.
- ...Ou *pior*, estenotipagem no site da ELP
- ...Ou *pior*, arquivos "mp3" das sessões, no site de Patrick Valas.

O texto deste seminário exige a instalação da fonte específica, denominada "Lacan", disponível aqui:

<http://fr.ffonts.net/Lacan.font.download> (coloque o arquivo Lacan.ttf no diretório c:\windows\fonts)

As referências bibliográficas privilegiam as edições mais recentes. Os diagramas são refeitos.

NB O que aparece entre colchetes [ ] não é de Jacques Lacan.

(Contato)

## Conteúdo

Lição 1	<a href="#">08 de dezembro</a> de 1971
Lição 2	<a href="#">15 de dezembro</a> de 1971
Lição 3	<a href="#">12 de janeiro</a> 19 de 1972
Lição 4	<a href="#">fevereiro</a> 09 de março de 1972
Lição 5	<a href="#">_____</a> 1972
Lição 6	<a href="#">_____</a> 1972
Lição 7	<a href="#">15 marte</a> 1972
Lição 8	<a href="#">19 de abril</a> 1972
Lição 9	<a href="#">10 de maio</a> 1972
Lição 10	<a href="#">17 de junho</a> 1972
Lição 11	<a href="#">14 de junho</a> 1972
Lição 12	<a href="#">21 de junho</a> 1972

Eu poderia começar imediatamente repassando meu título, que afinal, afinal, você veria o que significa. No entanto, por gentileza, já que ele também é feito para reter, vou apresentá-lo com um comentário sobre ele: "...Ou pior".

Talvez mesmo assim alguns de vocês tenham entendido, "...ou pior" em suma, isso é o que eu sempre posso fazer. Eu só tenho que mostrar isso para chegar ao cerne da questão. Em suma, mostro-o a cada momento. Para não ficar nesse *sentido* que como *qualquer sentido* - você toca com o dedo, eu acho - *é uma opacidade*, vou então comentar textualmente.

"...Ou pior": aconteceu que alguns leram mal, pensaram que era *ou o pior*. Não é a mesma coisa. *Pior* é tangível, isso é chamado de advérbio como "*bom*" ou "*melhor*". Dizemos: "*faço bem*", dizemos: "*faço pior*".

É um advérbio, mas disjunto, disjunto de algo que se chama em algum lugar, precisamente *o verbo*, *o verbo* que é substituído aqui pelos três pontos. Esses três pontos referem-se ao uso, ao uso comum para marcar...  
é curioso, mas aparece em todos os textos impressos  
...para fazer um *lugar vazio*.

Sublinha a importância deste *espaço vazio*.  
E também demonstra que é a única maneira de dizer algo com a ajuda da linguagem.  
E esta observação, que o vazio é a única maneira de pegar algo com a linguagem,  
é precisamente isso que nos permite penetrar na sua natureza, na linguagem.

Além disso - você sabe - assim que a lógica conseguiu se deparar com algo, com algo que sustenta uma referência de verdade, é quando ela produziu a noção de "*variável*". É uma *variável aparente*.  
A variável aparente x é sempre constituída pelo fato de que o x, no que está envolvido, marca um lugar vazio.

A condição de que funcione é que coloquemos exatamente o mesmo significante em todos os lugares reservados vazios.  
É a única maneira de a linguagem chegar a algum lugar e por isso me expressei nesta fórmula "*não há metalinguagem*". O que isto significa ?

Parece que, ao dizer isso, estou apenas formulando um paradoxo, pois de onde eu diria isso? Já que o digo *em linguagem*, isso já bastaria para afirmar que há um de onde posso dizê-lo. Claro, esse não é o caso.

A metalinguagem, como é claro é necessário que a elaboremos como uma ficção cada vez que se trata de uma questão de lógica, ou seja, forjamos dentro do discurso o que chamamos de "*linguagem-objeto*", por meio do qual é linguagem que se torna "*meta*", quero dizer o discurso comum sem o qual não há nem mesmo um meio de estabelecer essa divisão.

"*Não há metalinguagem*" nega que essa divisão seja sustentável.  
A fórmula exclui na linguagem que há *discordância*.

Então, o que ocupa esse espaço vazio no título que produzi para reter você?  
Eu disse: necessariamente *um verbo*, pois existe um advérbio. Só que é um verbo elidido pelos três pontos.  
E que na linguagem, a partir do momento que você questiona na lógica, é a única coisa que você não pode fazer.

O *verbo* na ocasião não é difícil de encontrar, basta virar a letra que inicia a *pior palavra*,  
*ele faz: dizer*.  
Só que, como na lógica, o verbo é justamente o único termo para o qual não se pode fazer *espaço vazio*, porque quando uma proposição você tenta fazê-la funcionar, é o verbo que faz a função e é do que a cerca que você pode fazer argumento.

Ao esvaziar este verbo, portanto, faço dele um argumento, ou seja, alguma substância, não é "*dizer*" é "*um dizer*".  
Este *ditado*, aquele que retomei do meu seminário do ano passado, é expresso como qualquer ditado numa proposição completa: "*não há relação sexual*".

O que meu título adianta é que não há ambiguidade, é que para sair daí, você vai afirmar, você vai dizer, só que *pior*.  
"*Não há relação sexual*" é, portanto, proposto como *verdade*.

Mas eu já disse da *verdade* que só pode *ser meio dita*,  
então o que estou dizendo é que é tudo *sobre a outra metade dizendo pior*.  
Se não houvesse nada *pior*, o que tornaria as coisas mais fáceis! É o caso de dizer.

A questão é: isso já não os simplifica, pois se o que eu comecei é o que eu posso fazer e isso é precisamente o que eu não posso fazer, não é suficiente não simplificá-los?  
Só que aqui, não pode ser que eu não possa fazer isso *pior*. Exatamente como todos os outros.

Quando digo que *não há relação sexual*, estou avançando muito precisamente essa verdade no ser falante .  
que o sexo não define nenhuma relação ali.

Não é que eu negue a diferença que existe, desde cedo, entre o que se chama *menininha* e *menininho*.  
É mesmo de lá que eu saio.

Pega logo, assim, que você não sabe - quando eu sair daqui - do que estou falando.  
Não estou falando da famosa *pequena diferença* que é aquela pela qual, *para um dos dois, aparecerá, quando estiver sexualmente maduro*,  
vai parecer um bon mot, uma piada, empurrar: " *Hooray! Viva a pequena diferença!* »

Basta ser engraçado para nos indicar, denota, remete à complexa relação...  
isto é, de fato, tudo o que está inscrito na experiência analítica, e a que nos conduziu a experiência do  
inconsciente, sem a qual não haveria chiste.

...à complexa relação com este órgão, a pequena diferença, já destacada muito cedo como *órgão*, que já diz tudo:

yyyyyy [organon], *instrumento*.

Um animal tem a ideia de que tem órgãos?  
Desde quando vemos isso?  
E por que fazer?

Será suficiente afirmar: "

*Todos os animais...* "...

é uma forma de retomar o que eu disse recentemente sobre a suposição do chamado gozo sexual como instrumental  
nos animais, já disse isso em outro lugar, aqui vou dizer diferente

..." *Qualquer animal que tenha garras não se masturba* ". [Risos]

Essa é a diferença entre o homem e a lagosta! [Risos]

Aqui, sempre tem seu pequeno efeito.

Como resultado disso, que história esta frase tem lhe escapa.

Não é por causa do que ela afirma...

Não digo mais nada: ela afirma

...mas a partir da pergunta que introduz ao nível da lógica.

Está escondido lá...

mas essa é a única coisa que você não viu lá

...é que ele contém o " *não-tudo* " que é muito precisamente e muito curiosamente o que a lógica aristotélica escapa  
na medida em que produziu, que produziu e destacou a *função dos prosdiorismos*...

que nada mais são do que o que você conhece, ou seja, o uso de " *tudo* ", " *não* ", " *algum* "

...em torno do qual Aristóteles dá os primeiros passos da *lógica formal*.

Essas etapas são pesadas de consequências, são elas que permitiram elaborar o que se chama de função dos *quantificadores*.

É com o " *Todos* " que se estabelece o lugar vazio de que falei anteriormente.

Alguém como Frege não erra quando comenta a função da *asserção*, diante da qual coloca a  
asserção em relação a uma função - verdadeira ou falsa -  $\forall$  de x, ele precisa, para que x tenha  
existência de argumento, aqui colocado em essa pequena oca, imagem do lugar vazio, que tem uma coisa chamada " *cada x* " [:], que  
combina com a função.

$$\vdash \neg \Phi(X)$$

A introdução do “ *Não-Todos* ” é essencial aqui:

– o “ *Nem-Todos* ” não é esse universal negativo, – o “ *Não-Todos* ” não é “ zero... ”, não é especificamente: “ *Nenhum animal que tem garras se masturba* ”, – é “ *Não, nem todo animal que tem garras...* ” é, portanto, necessário para o que se segue.

Há *órgão e órgão*, como há *fardo e fardo*, aquele que desfere os golpes e aquele que os recebe.

E isso nos leva ao cerne do nosso problema, pois você vê que simplesmente dando o primeiro passo, nós escorregamos para o centro...

sem sequer ter tido tempo de se virar  
...no centro de *algo* onde há de fato uma máquina nos carregando. É a máquina que estou desmontando.

Mas - faço a observação para o uso de alguns - não é para demonstrar que se trata de uma máquina, muito menos para que um discurso seja tomado por uma máquina, como alguns fazem justamente para querer engajar-se no meu, de discurso. *[referência a Deleuze e Guattari]*

De que forma, o que eles demonstram, é que não se engajam com o *que faz um discurso, ou seja, o Real que o atravessa*. Demonstrar a máquina não é a mesma coisa que acabamos de fazer, ou seja, ir sem mais delongas ao *buraco* do sistema, ou seja, ao lugar onde o *Real* passa por você. E como passa, já que te achata!

Naturalmente gostaria, gostaria, gostaria muito melhor, gostaria de salvar sua ralé natural que é de fato o mais simpático, mas que, infelizmente, “ *ai sempre recomeçando* ”, como diz o outro *[Sísifo?]*, vem a ser reduzido à *estupidez* pelo próprio efeito desse discurso que é o que demonstro.

Como você deve sentir, neste momento, que há pelo menos duas maneiras de demonstrar esse discurso. Ficar aberto ao meu, então ainda é um terceiro.

Você não deve me forçar a *insistir*, é claro, nessa energia de ralé e estupidez, à qual eu só aludo remotamente.

Do ponto de vista da energia, é claro que isso não se sustenta. É puramente metafórico. Mas é dessa veia de *metáfora* da qual subsiste o ser falante, quero dizer, que faz para ele o pão e o fermento.

Então eu implorei por misericórdia, à beira da *insistência*. É na esperança de que a teoria compense isso...  
você ouve o acento do subjuntivo, eu o isolei porque, porque poderia ter sido coberto pelo acento interrogativo, pense em tudo isso, assim, no momento em que passa, e principalmente para não perder o que vem lá, ou seja, a relação do inconsciente com a verdade  
... a boa teoria, e é ela que abre o caminho, o próprio caminho pelo qual o inconsciente foi reduzido a insistir.

Ele não teria que fazer mais isso se o caminho estivesse livre.  
Mas isso não significa que tudo estaria resolvido para isso, muito pelo contrário.

A teoria, já que daria essa facilidade, deveria ser ela mesma leve, leve a ponto de não parecer tocá-la, deveria ter a naturalidade que até agora só os erros têm. De jeito nenhum ! Mais uma vez: claro!  
Mas isso torna mais seguro que haja alguns que apóiam essa naturalidade que tantos outros  *fingem ser* ?

Aqui, adianto que para esses – os outros – poderem fingir, é preciso que desses erros, para sustentar o natural, haja pelo menos um, o *homoinzune*. Reconheça o que já escrevi no ano passado, com um final diferente, muito precisamente sobre a *histérica* e o “ *hominzun* ” que ela exige.

Esse “ *homoinzune* ”, o papel, é óbvio, não poderia ser melhor sustentado do que pela própria natureza.  
Isso é o que eu estava negando no começo... *[lapsus]*

É por isso que, ao contrário, é por isso *que não neguei* de início a diferença que há, perfeitamente perceptível e desde a mais tenra idade, entre uma menina e um menino, e que essa diferença que se impõe como nativa é de fato *natural*, isto é, responde a isso: que o que é *real* no fato de que na espécie que se nomeia...

como aquela filha de suas obras, nisso como em muitas outras coisas  
...que é chamado de “ *homo sapiens* ”, os sexos parecem ser divididos em dois números aproximadamente iguais de indivíduos e que muito em breve - mais cedo do que se poderia esperar - esses indivíduos são distinguidos.  
Eles se destacam, isso é certo.

Apenas...

Ressalto a você de passagem, não faz parte de uma lógica

... só eles só se reconhecem, eles só se reconhecem como *seres falantes* ao rejeitar essa distinção por todos os tipos de identificações de que é a corrente corrente da psicanálise apenas para perceber que são as fases principais de cada infância.

Mas isso é apenas um parêntese.

O logicamente importante é o seguinte: é que *o que eu não estava negando* - é justamente o deslize - *é que eles se distinguem*.

É uma mudança, que eu não neguei, não é exatamente isso:

o que eu não neguei é que *nós* os distinguimos, não são eles que se distinguem.

É assim que dizemos:

“ *Ah! o homenzinho de verdade, como já podemos ver que ele é bem diferente de uma menininha, ele está preocupado, investigador - hein! - já em mau estado* ”.

Enquanto a garotinha está longe de se parecer com ela. Ela já pensa só em bancar esse tipo de fã que consiste em enfiar a cara num buraco e recusar-se a dizer olá.

Só aí está você, só nos admiramos porque é assim, ou seja, exatamente como será depois, conforme os tipos de homem e mulher que vão se constituir. de algo bem diferente, a saber, de a consequência do *preço* que *a pequena diferença* terá levado na sequência .

Escusado será acrescentar que “ *a pequena diferença, hooray!* » já estava lá para os pais desde um salário e que já poderia ter afetado a maneira como o « *homenzinho* » e a « *pequena boa mulher* » eram tratados. Não é certo, nem sempre é assim.

Mas não é necessário que *o juízo de reconhecimento* dos adultos vizinhos se baseie em um erro, o que consiste em reconhecê-los, sem dúvida daquilo de que se distinguem, mas em reconhecê-los apenas segundo critérios formados sob a dependência de linguagem, se é que, como afirmo, é mesmo porque o ser é falar que há um complexo de castração.

Acrescento isso para insistir, para que você entenda bem o que quero dizer.

Assim, é nisto que *o homoinzune do erro* torna consistente a indiscutível naturalidade desta vocação prematura, se assim posso dizer, que cada um sente pelo seu sexo.

Deve-se acrescentar também, é claro, que no caso em que essa vocação não é patente, isso não abala o erro, pois pode ser completada com facilidade, atribuindo-se à natureza como tal, isso, é claro, não menos naturalmente .

Quando não cabe, a gente fala “ *é moleca* ” né? E, neste caso, a *falta* torna fácil ser considerado um sucesso na medida em que nada nos impede de atribuir a ela, a essa falta, um suplemento de feminilidade.

A mulher, a verdadeira, *a pequena boa mulher*, esconde-se por trás dessa mesma falta, é um refinamento, aliás, totalmente em conformidade com o que o inconsciente nos ensina, nunca ter sucesso melhor do que falhar.

Nessas condições, para acessar o outro sexo é preciso *realmente* pagar o preço, justamente o da pequena diferença, que passa enganosamente ao *real* por intermédio do *órgão*, justamente quando ele deixa de ser tomado. ao mesmo tempo revela o que significa ser um órgão: um órgão é apenas um instrumento por intermédio disso sobre o qual todo instrumento se funda, que é ser um *significante*.

Pois bem, é como *significante* que o transexual não o quer mais e não como órgão.

Como sofre de um erro, que é justamente o erro comum.

Sua paixão, para o transexualista, é a loucura de querer se libertar desse erro, o erro comum que não vê que:

– o *significante* é gozo,

– e *que o falo é apenas o significado*.

O transexualista não quer mais ser *significado falo* pelo discurso sexual, o que - afirmo - *é impossível*.

Ele só tem um defeito, é querer forçar o discurso sexual...

que como *impossível* é a passagem do *real*

...querer forçá-lo através de uma cirurgia.

É a mesma coisa que afirmei em *um determinado programa para um certo " Congresso sobre sexualidade feminina "*.  
Sozinho, eu disse...

para quem sabe ler, claro  
...só, como eu disse, o homossexual - estar escrito ali no feminino - sustenta o *discurso sexual* em total segurança.

Por isso invoquei o testemunho da *Preciosa*...  
quem você conhece, permaneça para mim um modelo  
... os *Preciosos* que, se assim posso dizer, definem *tão admiravelmente o Ecce Homo*...  
permita-me terminar a palavra aí: " *excesso de palavra* "  
... o *Ecce homo* do amor, porque - eles - não correm o risco de tomar o falo por *significante*.

"Então! assim significado: é só quebrando o significante em sua letra que se chega ao fim dele no último termo.  
É lamentável, porém, que para ela, isso ampute, o homossexual, o *discurso psicanalítico*, porque esse discurso é um fato, coloca-os de volta, os muito queridos, em total cegueira para o que está envolvido no gozo feminino.

Ao contrário do que se pode ler num famoso drama de Apollinaire<sup>1</sup>, aquele que introduz a palavra " *surrealista* ",  
Teresa regressa a Tíresias...

Acabei de falar sobre cegueira, não se esqueça  
...não deixando ir, mas recuperando os dois pássaros chamados " *sua fraqueza* " ...  
Cito Apollinaire para aqueles que não o leram  
...ou os pequenos e grandes balões que, no palco, os representam e que talvez sejam...  
Digo " *talvez*" porque não quero desviar sua atenção, apenas digo " *talvez*"  
...que talvez sejam *aqueles graças às quais a mulher só sabe gozar na ausência*.

O homossexual não está ausente do que lhe resta de gozo. Repito, isso facilita para ela *falar de amor*, mas é claro que a exclui do *discurso psicanalítico* que ela só pode balbuciar.

Então vamos tentar seguir em frente. Dado o tempo, posso apenas indicar rapidamente o seguinte: que para o que está envolvido em tudo que surge como essa relação sexual, incitando-a, instituindo-a, por uma espécie de ficção que se chama casamento, a regra seria boa para o psicanalista dizer a si mesmo, neste ponto: " *deixe-os administrar o melhor que puderem* ".

É o que ele segue na prática. Ele não diz isso, ou mesmo diz para si mesmo por uma espécie de falsa vergonha, porque acredita que tem o dever de compensar todos os dramas. É um legado de pura superstição: *faz o médico*. O médico nunca havia interferido na garantia da felicidade conjugal e, como o psicanalista ainda não percebeu *que não há relação sexual*, naturalmente o papel de " *Providência Doméstica* " o persegue.

Tudo isso, não é...  
falsa vergonha, superstição e a incapacidade de formular uma regra precisa sobre este ponto,  
aquele que acabei de dizer aqui: " *deixe-os administrar* "  
...resulta do desconhecimento do que sua experiência lhe repete, mas eu poderia até dizer serina para ele: *que não há relação sexual*.

Deve-se dizer que a etimologia de " *seriner*" nos leva direto à *sirene*.  
É textual, está no *dicionário etimológico* <sup>2</sup>, não sou eu que de repente me entrego aqui a uma música análoga.

Sem dúvida, é por isso que o psicanalista - como Ulisses faz em tais circunstâncias - permanece preso a um mastro.  
Sim, naturalmente para que dure, o que ele ouve como o canto das sereias, isto é, permanecendo encantado, ou seja, ouvindo tudo da maneira errada.

Bem, o mastro...  
este famoso *pólo* no qual naturalmente não se pode deixar de reconhecer o *falo*, isto é, o significado maior, global  
...bem, *ele continua ligado a ela* e isso agrada a todos.

No entanto, só convém a todos nisto: que não tenha consequências desagradáveis, pois é feito para isso, para o próprio navio psicanalítico, ou seja, para todos aqueles que estão no mesmo barco.  
O fato é que ele não entende esse *serinamento* da experiência, e é por isso que até agora ela continua sendo um domínio privado, " *um domínio privado* ": quero dizer, para aqueles que estão no mesmo barco.

---

<sup>1</sup> Guillaume Apollinaire: " *Os seios de Tíresias* " em " *O feiticeiro podre* ", Poésie Gallimard, 1972.

<sup>2</sup> Oscar Bloch e Walther Von Wartburg: *Dicionário etimológico da língua francesa*, PUF, 7ª ed. 1986: canário p. 587.

O que está acontecendo neste barco, onde também há seres de ambos os sexos, é, no entanto, notável: o que acontece que ouço da boca das pessoas que às vezes vêm me visitar, desses barcos...

Eu que sou - meu Deus - em outro, a quem as mesmas regras não governam... seria, no entanto, bastante exemplar se a forma como ouvi falar não fosse tão particular.

Estudar o que emerge de um modo de desconhecimento do que faz o *discurso psicanalítico*, a saber, as consequências que isso tem sobre o que chamarei de "estilo" do que diz respeito à " *conexão* ". Uma vez que finalmente a *ausência da relação sexual* é muito claramente o que não impede - longe disso - " a *conexão* ", mas o que lhe dá as suas condições.

Isso talvez nos permitisse vislumbrar o que poderia resultar do fato de o *discurso psicanalítico* permanecer alojado nesses *barcos* . para onde navega actualmente e de que há motivos para temer que continue a ser o privilégio. Algo assim pode vir a dominar o registro de insultos . no que é impropriamente chamado de " o vasto campo do mundo ", e na verdade isso não é tranquilizador.

Certamente seria ainda mais infeliz do que o estado atual, que é tal que é para essa ignorância que acabo de assinalar, que é dela que emerge o que afinal não é injustificado, a saber, o que muitas vezes se vê na *entrada da psicanálise* : os medos manifestados, minha fé, pelos tópicos... que não sabem que é em suma acreditar no silêncio psicanalítico institucionalizado sobre o ponto de que " *não há relação sexual* " ...que evoca nesses sujeitos, esses medos, a saber - meu Deus - de tudo o que pode encolher, afetar as *relações interessantes*, os atos excitantes, até as perturbações criativas que essa ausência de relacionamento exige.

Gostaria, portanto, antes de deixá-los iniciar algo aqui. Por se tratar de uma exploração do que chamei de " *uma nova lógica* ", aquilo que se deve construir a partir do que está acontecendo, a partir disso se colocar primeiro: que em nenhum caso nada do que acontece, por causa da autoridade da linguagem, não pode conduzir à formulação da relação de forma satisfatória .

Não há algo para tirar do que... na exploração lógica, isto é, no questionamento ...do que, à linguagem, não só impõe um limite na sua apreensão do *Real*, mas demonstra na própria estrutura desse esforço de abordá-lo... isto é, identificar em seu próprio manejo... o que pode ser *Real* em ter determinado a *linguagem* ?

Não é apropriado, provável, adequado para ser induzido, que se está no ponto de uma certa *falha do real*... estritamente indizível, pois seria ela quem determinaria *todo discurso* ...que mentira, quais são as *linhas desses campos* que são aqueles que descobrimos na experiência psicanalítica?

É tudo o que a lógica desenhou, ao relacionar a linguagem com o que é posto como *real*, não nos permitiria identificar em certas linhas para inventar... e este é o esforço teórico que designo dessa *facilidade* que encontraria *uma insistência* ...não é possível encontrar aqui orientação?

Vou, antes de vos deixar hoje, apenas salientar que existem 3 registros... a rigor já emergiu da elaboração lógica ...3 registros em torno dos quais meu esforço vai girar este ano para desenvolver quais são as consequências disso, postulado como o primeiro: *que não há relação sexual*.

Em primeiro lugar, o que você já viu na minha fala aponta: *prosdiorismos*. Hoje, durante esta primeira abordagem, encontrei apenas a afirmação de " *não-todos* ".

Este, já no ano passado eu pensei que poderia isolá-lo para você - muito precisamente: .! - ao lado da própria função que deixo aqui totalmente enigmática, da função, não da relação sexual, mas da função que propriamente inviabiliza o acesso a ela .

É este, a definir em suma, a definir este ano, imaginem: *gozo*. Por que não seria possível escrever uma função de *gozo* ?

É através do teste que veremos sua sustentabilidade, se assim posso dizer, ou não.



A função do " *não-todos* ", já no ano passado não consegui avançar...

e certamente de um ponto muito mais próximo do que se tratava, hoje estou apenas tocando em nosso terreno

...Eu avancei no ano passado com uma barra negativa [.] , colocada acima do termo que, na teoria quântica, designa o equivalente...

é apenas o seu equivalente, eu diria ainda mais:

purificação em relação ao uso ingênuo feito em Aristóteles

...de " *tudo* " *prosdiorismo* [.] . O importante é que hoje apresentei a vocês a função do " *não-todos* ".

Todos sabem que em relação ao que está envolvido na proposição chamada, em Aristóteles, " *particular* ", o que *dela emerge*, se assim posso dizer com *ingenuidade*, é: " *existe alguma coisa* " que responderia a ela.

Quando você usa " *algum* ", na verdade parece desnecessário dizer. Parece ir sem dizer e não é.

Porque é bastante claro que não basta negar o " *nem todos* " para que de cada uma das duas peças, se posso me expressar assim, a existência se afirma. Claro, se a existência é afirmada, o *não-tudo* ocorre.

É em torno deste " *existe* " que o nosso progresso deve centrar-se.

Por tanto tempo as ambiguidades se perpetuaram, que chegamos

– confundir *essência* e *existência*,

– e de uma forma ainda mais surpreendente, acreditar que é *mais* existir do que ser.

Talvez seja precisamente que " *há* " certamente homens e mulheres...

e para ser honesto que não fazem nada além de existir

... esse é o ponto.

Porque afinal, no uso correto que deve ser feito *a partir do momento em que a lógica se permite descolar um pouco da realidade*...

a única maneira, para dizer a verdade, que ela tem em relação a ele de poder se orientar

...é *a partir do momento* em que só assegura aquela parte do *real* onde uma verdade é possível...

isto é, uma matemática, ... é a

*a partir deste momento* que vemos claramente que o que qualquer " *Existe* " designa , não é nada mais, por exemplo, do que um número para satisfazer uma equação.

Eu não decido se o *número* deve ser considerado *real* ou *não*.

Para não te deixar na ambiguidade, posso te dizer que decido: *que o número faz parte do real*.

Mas é sobre esse *real* privilegiado que a manipulação da verdade avança a lógica.

Seja como for, o modo de existência de um número não é, estritamente falando, o que pode

nos assegurar do que está envolvido na *existência* cada vez que o *prosdiorismo* " *algum* " é proposto.

*Há um segundo nível* no qual o que estou apenas fixando aqui como referência...

do campo em que teremos que avançar

...de uma lógica que nos seria favorável, é a da *modalidade*.

A *modalidade*, como todos também sabem, ao abrir Aristóteles, é o que está envolvido no *possível*, no que pode ser.

Apenas indicarei aqui também a entrada, o frontispício. Aristóteles joga com as quatro categorias: — do

*impossível* que ele opõe ao *possível*, — do *necessário* que ele opõe ao *contingente*.

Veremos que não há nada de sustentável nessas oposições, e hoje estou simplesmente mostrando a vocês o que

está envolvido em uma formulação do *necessário* que é propriamente esta: " *não poder não* ".

" *Não poder não* " é propriamente o que, para nós, define necessidade.

Onde você está indo?

– Do *impossível* : " *não poder* ",

– " *não poder* ": é *possível* ou *contingente* ?

Mas o que é certo é que se você quer fazer o caminho inverso, o que você encontra é *poder não poder*, ou seja, junta o improvável, o obsoleto, disso que pode acontecer, a saber:

– não esse *impossível* ao qual se voltaria fechando o ciclo — mas simplesmente

a *impotência*.

Isto é simplesmente para indicar, como frontispício, o segundo campo de perguntas a ser aberto.

O terceiro termo é a negação.

Já não lhe parece, embora o que escrevi aqui do que o completa nas fórmulas do ano passado já anotadas no quadro ::!, ou seja, que existem 2 formas completamente diferentes de negação possível, já percebidas pelos gramáticos. Mas na verdade, como era numa gramática que dizia ir " das palavras ao pensamento "

<sup>3</sup>, isso diz tudo: embarcar na semântica é naufrágio garantido!

A distinção, no entanto, feita entre *encerramento* e *discordância* deve ser lembrada no início do que faremos este ano.

Ainda falta esclarecer...

e será objeto das discussões que se seguirão, dar a cada um desses capítulos o desenvolvimento adequado

... a execução hipotética não pode, como dizem Damourette e Pichon, estar ligada em si mesma

– no " *passo* ", –

no " *ponto* ",

– para a " *gota* ", –

para a " *migalha* ",

– ou a alguns dos outros acessórios que parecem apoiá-la em francês.

No entanto, deve-se notar que o que vai contra ela é precisamente o nosso " *não tudo* ": o nosso " *não tudo* " é a *discordância*.

Mas o que é *encerramento* ?

Certamente, ela deve ser colocada em um registro diferente daquele da *discordância*.

Deve ser colocado no ponto onde escrevemos o termo chamado " *a função* ".

Aqui se formula a importância do *dizer* : o único encerramento é o *dizer*.

Somente a partir desse algo que existe, a existência já sendo promovida ao que devemos seguramente dar-lhe um *status* : se algo pode ser *dito ou não*, é disso que se trata a *forclusão*.

E do fato de que *algo não pode ser dito sobre isso*, seguramente, apenas uma pergunta *sobre o real pode ser concluída*.

No momento, a função *yx*, como a escrevi, significa apenas isto: que por tudo o que está envolvido no *ser falante*, a *relação sexual levanta uma questão*. Esta é, de fato, toda a nossa experiência, quero dizer, o mínimo que podemos extrair dela.

Isso para esta pergunta, como para qualquer pergunta...

não haveria pergunta se não houvesse resposta

...que os modos sob os quais se coloca esta questão, isto é, as respostas, são precisamente o que se trata de

escrever *nesta função*, eis o que nos permitirá, sem dúvida, fazer uma ligação entre o que foi desenvolvido a partir da *lógica*, e o que pode, em princípio...

considerado como *um efeito da realidade*

... sobre o princípio de que não é possível escrever a *relação sexual*, sobre este mesmo princípio de fundar o que está envolvido na *função*, a *função* que regula tudo o que está envolvido em nossa experiência, neste: o que questionar, o relacionamento sexual...

*que não é*, no sentido de que não pode ser escrito

...essa *relação sexual* determina tudo o que é elaborado a partir de um *discurso* cuja natureza é ser *um discurso quebrado*.

---

3 Jacques Damourette e Édouard Pichon : " *Das palavras ao pensamento, Ensaio sobre a gramática da língua francesa* ", 1911-1946, Vrin 2001.

Deram-me esta manhã, trouxeram-me esta manhã, deram-me esta manhã um presente: uma caneta.  
Se você soubesse como é difícil para mim encontrar uma caneta que eu goste, bem,  
você sentiria como isso me deixou feliz, e a pessoa que a trouxe para mim, que pode estar lá, agradeço a ela.

Ele é uma pessoa que me admira, como dizem!  
Eu não me importo se as pessoas me admiram. *[Risos]*  
O que eu gosto é que sou bem tratado!  
Só que, mesmo entre esses, raramente acontece.

Bem, de qualquer forma, eu imediatamente o usei para escrever e é aí que meus pensamentos começam.  
É fato que, pelo menos para mim, é quando escrevo que encontro algo. Isso não significa que,  
se eu não escrevesse, não encontraria nada, mas de qualquer forma talvez não notasse.

Enfim, a ideia que tenho dessa função de escrever...  
que assim, graças a alguns caras espertos, está na agenda e sobre a qual talvez eu não  
quisesse realmente tomar partido, mas eles forçam minha mão. Por que não ?  
...a ideia que tenho dele em resumo...  
e é isso que talvez em alguns casos tenha levado à confusão  
...vou falar assim, cru, massivo, justamente porque hoje eu disse para mim mesma que *escrever* pode ser  
muito útil para eu encontrar alguma coisa.

Mas escreva algo para me poupar aqui, diga fadiga ou risco ou muitas outras coisas  
que eu quero falar com você, em última análise, não dá resultados muito bons.  
É melhor que eu não tenha nada para ler para você.

Além disso, não é o mesmo tipo de escrita – que  
é a escrita onde de vez em quando faço alguns achados,  
– ou a escrita onde posso preparar o que tenho a dizer aqui.

Depois, há também a escrita para impressão, que é outra coisa bem diferente, que não tem conexão, ou mais exatamente  
com a qual seria lamentável acreditar que o que eu possa ter escrito uma vez para você falar, isso constitui uma escrita  
completamente admissível. e que eu iria colecionar.

Então me arrisco a dizer algo assim, que pula o passo.  
A ideia que eu tenho de escrever, de situar, de partir daí, poderíamos discutir depois, digamos assim: é o retorno do recalcado.

quer dizer, é neste formato...  
e é isso que pode ter levado à confusão em alguns de meus *Escritos* precisamente  
...é que se às vezes consegui parecer prestar-me a acreditar que identifico *o significante e a letra*, é precisamente porque – é como  
*letra* que mais me toca, eu como analista,  
– é mais frequentemente como uma *letra* que vejo o significante retornando, o significante reprimido.

Enquanto eu a imagino em " *A instância da Letra...* ", finalmente com uma letra, esse significante,  
e, além disso, devo dizer que é ainda mais legítimo que todos façam assim, a primeira vez que  
realmente entramos na lógica...  
trata-se de Aristóteles e dos " *Analíticos* "  
...bem, usamos a letra também, não exatamente da mesma forma que a letra retorna no lugar do significante que  
retorna. Ele vem ali para marcar *um lugar*, o *lugar* de um significante que, por sua vez, é um significante que arrasta, que ao menos pode  
arrastar por toda parte.

Bom. Mas a gente vê que a *letra*, ela é feita de um jeito pra isso,  
e percebemos que é ainda mais feito para isso porque é assim que se manifesta pela primeira vez.

Não sei se você percebe, mas de qualquer forma espero que pense a respeito, porque mesmo assim supõe algo que não está dito no  
que estou propondo. Tem que haver uma espécie de transmutação que ocorre do significante para a *letra* - quando o significante não  
está lá, está à deriva, não é, limpou o campo - da qual se teria que perguntar como isso pode acontecer.

Mas não é para lá que pretendo ir hoje. Talvez eu vá outro dia. Sim !

Mesmo assim não se pode fazer que, a propósito desta *carta*, se trate de *um campo* que se chama *matemática*, num lugar onde não se pode escrever qualquer coisa. Claro que não é ...

Também não vou me envolver nisso.

Estou apenas apontando para você que é aqui que esta área se destaca,

e é mesmo provavelmente o que constitui aquilo a que ainda não aludi aqui, isto é, aqui no seminário, mas, finalmente, que trouxe algumas observações onde sem dúvida alguns dos que assistiram, nomeadamente em Sainte-Anne , quando coloquei a questão do que se poderia chamar *de um matema*, já colocando que é o pivô de todo o ensino, ou seja, que não há ensino além da matemática, o resto é piada.

É claro que isso se deve a outro status de *escrita* do que o que dei primeiro.

E a junção finalmente, no decorrer deste ano do que tenho para lhes dizer, é isso que vou tentar fazer.

Enquanto isso, minha dificuldade...

aquele em resumo onde apesar de tudo

que eu quero, não sei se vem de mim ou se não é da sua ajuda

...a minha dificuldade é que *o meu próprio matema* , dado *o campo de discurso* que eu tenho que estabelecer, enfim, sempre beira a *besteira*.

Escusado será dizer com o que lhe disse, pois, em suma, o que está em jogo é *apenas a relação sexual : não há nenhuma*.

Deve ser escrito *hi-han e isca*, com dois p's, um acento circunflexo e um t no final: " *hi-han isca* ".

Claro que não deve ser confundido: *relações sexuais* só existe isso, mas *encontros sexuais* sempre são perdidos, mesmo e principalmente quando se trata de um ato. Ok, finalmente vamos seguir em frente... *[Risos]*

Isso é o que me atraiu para uma observação como essa. Eu gostaria, enquanto ainda há tempo que...

porque teremos que ver, pelo menos teremos que ver as coisas ao redor,

é uma introdução muito boa, é algo essencial, e é a " *Metafísica*" de Aristóteles

...Eu realmente gostaria que você tivesse lido, para finalmente ter certeza de que quando eu chegar, eu não sei, no início de março, para ver a relação com o nosso próprio negócio, você teria que ler isso com atenção.

Claro, não é sobre isso que vou falar com você. Não é que eu não admire *besteiras*, vou dizer mais: eu me curvo.

Vocês, vocês não se curvam, vocês são eleitores conscientes e organizados, vocês não votam em idiotas, *é isso que os perde !*

*[Risos]* Um sistema político feliz deve permitir que a *besteira* tenha seu lugar e, além disso, as coisas só vão bem quando a *besteira* domina. Dito isto, isso não é motivo para se curvar.

Então, o texto que vou pegar é algo que é uma façanha, e uma façanha como há muitas que são, se assim posso dizer, *inexploradas* : é o " *Parmênides*" de Platão que nos servirá. Mas para entendê-lo bem, para finalmente compreender o alívio que há nesse texto idiota, é preciso ter lido a " *Metafísica*" de Aristóteles .

E finalmente espero, espero porque quando aconselho que a *Crítica da Razão Pura* seja lida como um romance *[lapsus]*

*...de razão prática*, é uma coisa cheia de humor, não sei se alguém, enfim, já seguiu esse conselho e consegui ler como eu.

Ninguém me falou sobre isso, está em algum lugar do " *Kant com Sade*" que nunca sei se alguém o leu.

Então vou fazer o mesmo, vou te dizer: leia a " *Metafísica*" de Aristóteles e espero que, como eu, você sinta que é realmente estúpido. *[Risos]*

Finalmente, eu não gostaria de me debruçar sobre isso por muito tempo, é assim que pequenas observações secundárias, claro, chegam a mim, só podem atingir a todos quando lemos, quando lemos o texto, é claro.

Não se trata da " *Metafísica*" de Aristóteles assim na sua essência, no sentido, em tudo o que lhe explicamos a partir deste texto magnífico, ou seja, tudo o que tem faz metafísica para esta parte do mundo onde estamos, porque tudo saiu de lá, é absolutamente fabuloso.

Falamos do " *fim da metafísica* ", em nome de quê? Enquanto houver este livro, sempre podemos fazê-lo!

Este livro é um livro – é muito diferente da *metafísica* – é um livro *escrito* sobre o qual eu estava falando anteriormente.

Demos-lhe *um significado* que chamamos de *metafísica*, mas ainda temos que distinguir *o significado e o livro*.

Claro, uma vez que você dá todo esse significado, não é fácil encontrar o livro.

Se você realmente encontrar, verá o que todas as mesmas pessoas, que têm uma disciplina...  
e que existe, e que se chama o método, o  
método histórico, crítico, exegético, o que você quiser  
...que são capazes de ler o texto obviamente com uma certa maneira de bloquear o significado, e  
quando você olha para o texto, bem, obviamente você tem dúvidas.

Direi que, como é claro porque este obstáculo de tudo o que dele entendemos, só pode existir a nível universitário e que a  
Universidade nem sempre existiu, bem na Antiguidade 3 ou 4 séculos depois de Aristóteles, começamos a expressar dúvidas,  
naturalmente as mais sérias, sobre este texto, porque ainda sabíamos ler, expressamos dúvidas, dissemos que isso é uma série  
de "anotações" ou ainda que foi um aluno que fez isso, que colecionou coisas.

Devo dizer que não estou nem um pouco convencido.

Talvez seja porque acabei de ler um livro de alguém chamado Michelet...

não nosso, *não nosso poeta*, quando digo " *nosso poeta* ", quero dizer que coloco muito alto nosso  
...é um cara assim que estava na Universidade de Berlim, que também se chamava Michelet, que  
escreveu um livro sobre a " *Metafísica* " de Aristóteles <sup>4</sup>, justamente sobre isso.

Porque o método histórico que floresceu então o provocou um pouco com as dúvidas expressas, não  
sem fundamento, pois remontam à mais alta antiguidade.

Devo dizer que Michelet não é dessa opinião e nem eu.

Porque realmente, como direi, *besteira é prova* quando se trata de autenticidade.

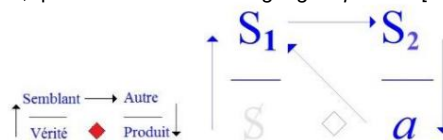
O que domina é a autenticidade se assim posso dizer, besteira.

Talvez esse termo " *autêntico* " que sempre é um pouco complicado conosco, assim, com ressonâncias  
etimológicas gregas, há línguas onde ele está mais bem representado, é " *echt* ", não sei como com isso  
fazemos um nome, deve ser *Echtheit* ou algo assim, tanto faz.

Ainda não há nada autêntico, *exceto besteira*.

Então essa autenticidade talvez não seja a autenticidade de Aristóteles, mas a *Metafísica* - estou falando do texto -  
é autêntico, não pode ser feito de pedaços ou pedaços, depende sempre  
do que é preciso agora que eu chamo, que justifico chamá-lo: *besteira*.

*Isso é besteira*, é nisso que entramos quando fazemos perguntas em um determinado nível, que é  
justamente esse nível, determinado pelo *fato da linguagem* [S1 ÿ S2], quando abordamos *sua função essencial*  
que é preencher tudo o que deixa em aberto *que não pode haver relação sexual*, o que significa que nenhuma escrita pode dar  
conta de forma alguma de forma satisfatória, que se escreve como *linguagem produto* [S1 ÿ S2 ÿ a].



Porque, claro, desde que vimos os gametas, podemos escrever no quadro:

" *homem = portador de esperma* ". O que seria uma definição um pouco engraçada porque não é só ele que usa, há muitos  
animais! Desses espermatozoides, *espermatozoides* de homens então, vamos começar falando de biologia!

Por que o esperma dos homens é exatamente o mesmo que o homem carrega?

Porque, como são os espermatozoides do homem que fazem o homem, estamos num círculo que gira ali!

Mas seja o que for, podemos escrever isso.

Só que não tem relação com nada que possa ser escrito, se assim posso dizer, como sensato, ou seja,  
que tenha relação *com o real*. Só porque é orgânico não o torna mais *real*: é o fruto da ciência chamada  
*orgânico*.

---

<sup>4</sup> Carl Ludwig Michelet: " *Exame Crítico da Obra de Aristóteles intitulada Metafísica* ", Vrin, 2002.

O *real* é outra coisa:

- O *real* é o que comanda toda a função de significação.
- O *real* é exatamente o que você encontra: *não poder, em matemática, escrever qualquer coisa.*
- O *real* é o que interessa a isso: *que na nossa função mais comum você seja banhado de significado.*

Bem, você não pode pegá-los todos ao mesmo tempo os significantes, hein! Isso é proibido por sua própria estrutura: quando você tem alguns, um monte, você não tem mais os outros, eles são reprimidos.

Isso não quer dizer que você *não* os diga da mesma forma: precisamente, você os *diz* " *inter* ", eles são *proibidos*.

Isso não impede você de *dizê-las*, mas você *as diz censuradas* :

- ou tudo o que é psicanálise não tem sentido, é para ser jogado no cesto,
- ou então o que estou lhe dizendo deve ser sua primeira verdade.

Então é sobre isso que este ano vai ser: o fato de se colocar em um certo nível...

Aristóteles ou não, mas em qualquer caso o texto é autêntico

...quando você se coloca em um certo nível, as coisas não acontecem sozinhas.

É emocionante ver alguém tão perspicaz, tão experiente, tão alerta, tão lúcido, começar a caminhar assim.

Porque o que ? Porque ele questiona o *princípio*.

Naturalmente ele não tem a menor idéia de que o princípio é que *não há relação sexual*.

Ele não tem ideia, mas vemos que é apenas nesse nível que ele se faz todas as perguntas.

E então o que sai dele como o corvo voa do chapéu onde ele simplesmente faz uma pergunta cuja natureza ele não conhece: você entende, é como o mágico que acredita ter colocado...

finalmente, temos que apresentar o *coelho*, é claro, que deve sair

...e então sai *um rinoceronte !* é exatamente assim para Aristóteles.

Pois onde está o princípio?

Se for o *gênero*, mas então se for o *gênero* ele fica furioso porque: é o *gênero geral* ou o *gênero mais específico* ?

- É óbvio que o *mais geral* é o mais essencial, – mas mesmo assim o *mais específico* é o que dá o que é único em cada um.

Então, mesmo sem perceber...

*Graças a Deus, porque graças a isso ele não os confunde*

...porque essa *história de essencialidade* e essa *história de singularidade*, é a mesma coisa ou mais exatamente homônima com o que ele questiona - graças a Deus ele não as confunde - não é daí que ele as tira.

Ele diz para si mesmo:

- o princípio é o *Uno* ? – ou o princípio é o *Ser* ?

Então, nesse momento, realmente fica confuso! o *Ser* é

todo custo que este seja, e que não brincando, é separar *Uno* e *Ser* de modo especial. Porque no *ser* há o *deus*. O *ser* é o *tempo* e a *história* a

Eu te disse...

Eu já mergulhei no ano passado

...que essa *não-relação*, se posso me expressar assim, deve *ser escrita*, *deve ser escrita a todo custo*, quer dizer, escrever *a outra relação*, aquela que bloqueia a possibilidade de escrever esta.

E *já no ano passado* coloquei no quadro *algumas coisas* que afinal não acho ruim colocar em primeiro lugar.

Claro, há algo arbitrário aqui. Não vou me desculpar me protegendo dos matemáticos, os matemáticos fazem o que querem, e depois eu também.

Mesmo assim, simplesmente para quem precisa me dar desculpas, posso destacar que nos " *Elementos* " de Bourbaki<sup>5</sup> começamos por abrir mão das letras sem dizer absolutamente nada sobre para que elas podem ser usadas.

---

<sup>5</sup> Nicolas Bourbaki: " *Elementos da história da matemática* ", Hermann, 1974.

Estou falando... vamos chamar de *símbolos escritos*, porque nem parece letras, e *esses símbolos representam algo* que podemos chamar de operações, não dizemos absolutamente quais são, só 20 páginas depois começaremos a poder deduzi-lo retroativamente de acordo com a maneira como o usamos.

Eu não vou tão longe assim. Vou tentar imediatamente questionar o que significam as cartas que eu teria escrito. Mas como afinal eu acho que para você seria muito mais complicado se eu as trouxesse uma a uma, à medida que vão ganhando vida, à medida que assumem o valor de uma função, prefiro colocar essas letras por aí eu teria para virar depois.

Já no ano passado eu pensei que poderia perguntar o que é:  $\tilde{y}x$ , e que eu acredito...  
por motivos que são tentativas  
...ser capaz de escrever como na matemática, a saber: a  
função que é constituída pela existência *desse gozo chamado gozo sexual*  
e qual é propriamente o que bloqueia a *relação*.

Deixe o *gozo sexual* abrir para que o *falar seja* a porta do *gozo*, e tenha um pouco de ouvido, você vê esse *gozo*, quando o chamamos assim, em suma, talvez seja *gozo* para alguns - não estou eliminando - mas realmente não é *prazer sexual*.

É o mérito que pode ser dado ao texto de Sade por ter chamado as coisas pelo nome: - *gozar é gozar de um corpo*,  
- *gozar é abraçá-lo, extingui-lo, despedaçá-lo*.

Com razão, ter o gozo de algo é precisamente isso: é poder tratar algo como um corpo, ou seja, demoli-lo, não é?  
É o modo mais regular de fruição, por isso essas afirmações sempre têm uma ressonância sadiana. Sadiano não deve ser confundido com sádico, porque tanta besteira foi dita justamente sobre o sadismo que o termo é desvalorizado!  
Não vou mais longe neste ponto.

O que essa relação do *significante* com o *gozo* produz é o que expresso por essa notação  $\tilde{y}x$ . Isso significa que X designa apenas um *significante*. Um *significante* que pode ser cada um de vocês, cada um de vocês precisamente no nível, no nível *sutil* onde vocês existem como sexualizados.

É muito *fino* na espessura, se assim posso dizer, mas é muito *mais largo* na superfície do que nos animais, nos quais, quando não estão no cio, você não os distingue do que chamei no último seminário, o *menino* e a *menininha*, os filhotes de leão, por exemplo, são bastante parecidos em seu comportamento.  
Não você, precisamente porque é como se *significasse* que você mesmo faz sexo.

Portanto, não se trata aqui de fazer a distinção, de marcar o *significante* " *homem* " como distinto do *significante* " *mulher* ", de chamar um X e o outro Y, porque essa é justamente a questão. : é assim que nos distinguimos .

É por isso que coloco esse X no lugar do furo que faço no *significante*, ou seja, coloco esse X ali como *variável aparente*. O que significa que cada vez que eu tiver que lidar com esse *significante sexual*, ou seja, com esse *algo* que está ligado ao *gozo*, vou ter que lidar com  $\tilde{y}x$ , e há certos, certos , especificado entre esses X que são tais que podemos escrever: *para qualquer x qualquer* :  $\tilde{y}x$ , quer dizer que o que se chama *em matemática* uma função  $\tilde{y}$  funciona, quer dizer que isso pode ser escrito: ;!

Então eu vou te dizer imediatamente, eu vou iluminar, finalmente " *iluminar* " : é só você que vai se *iluminar* , é claro, finalmente você vai se *iluminar* por um tempo. Como diziam os estoicos, " *quando é dia, é luz* ".  
Estou obviamente, como coloquei no verso dos meus *Escritos, na festa das luzes* : eu acendo , *na esperança do Dia D* , é claro. Só que é justamente ele quem está em questão, o dia D, não é para amanhã.

O primeiro passo a ser dado em relação à *filosofia do Iluminismo* é saber que o dia não nasceu, que o dia em questão é o de uma pequena luz em um campo perfeitamente escuro.

Por meio do qual você vai acreditar que é luz quando eu lhe disser que  $\tilde{y}x$  significa a *função que se chama castração*. Já que você acha que sabe o que é *castração*, então eu acho que *você está feliz*, pelo menos por um tempo!

[Risos]

Bem, imagine que se escrevo tudo isso no quadro-negro, e vou continuar, é porque não sei nada o que é *castração* !

E que eu espero, com a ajuda deste jogo de letras, que finalmente " *o dia esteja raiando* ", ou seja, que saibamos dessa *castração*, temos que passar por ela e que não haverá fala saudável...

a saber: que não deixa metade de seu status e seu condicionamento nas sombras ... enquanto não soubermos, e só saberemos colocando em jogo em diferentes níveis de relações topológicas, uma certa maneira de mudar as letras e ver como ela se distribui.

Até lá você está reduzido a pequenas histórias, ou seja, que papai disse: " *vamos cortar para você* "...

Bem, como se não fosse besteira típica!

Portanto, há em algum lugar um lugar onde podemos dizer que tudo o que se articula como significante cai no escopo de  $\tilde{Y}X$ , *dessa função de castração*. Tem uma pequena vantagem para formular coisas assim.

Pode ocorrer a você que se agora eu...

não sem intenção, eu sou mais inteligente do que pareço ... Trouxe-lhe como uma observação sobre o assunto do inter-dit, a saber:

" *que todos os significantes não podem estar todos juntos* " nunca, pode ter algo a ver com:

– Eu não disse que *o inconsciente* = *castração*,

– Eu disse que tem muito a ver com isso.

Obviamente, escrever  $\tilde{Y}X$  assim é *escrever uma função* de um intervalo, como diria Aristóteles, incrivelmente *geral*.

Quer isso signifique que a relação com um certo significante...

você vê que eu não disse isso ainda, mas vamos dizer

...um significante que é, por exemplo, " *um homem* " ...

tudo isso está matando porque há muito o que agitar, e ninguém nunca fez isso antes de mim, pode cair na minha cabeça a qualquer momento

... " *um homem* ", eu não disse " *o homem* ": é muito engraçado mesmo assim que no uso assim, do significante, dizemos ao cara " *seja homem* ", não dizemos " *seja o homem* ", não, dizemos a ele " *seja homem* ", por quê?

O curioso é que não se costuma dizer " *ser mulher* ", mas por outro lado falamos de " *a mulher* ", artigo definido. Tem havido muita especulação sobre o artigo definido. Mas de qualquer forma, vamos encontrá-lo quando necessário.

O que eu simplesmente quero dizer a vocês é que o que  $\tilde{Y}X$  escreve significa - eu nem estou dizendo esses dois significantes precisamente - mas eles e um certo número de outros com os quais se articulam, portanto, têm o efeito de *que não podemos mais ter todos os significantes* e que esta talvez seja uma primeira aproximação ao que está em jogo na *castração*, do ponto de vista, é claro, dessa função matemática que minha escrita imita.

A princípio, não lhe peço mais do que reconhecer que é imitado. Isso não significa que para mim, que já pensou nisso, não vá muito além.

Finalmente, há uma maneira de escrever que  $\tilde{Y}X$  funciona.

É a característica de uma *escrita* que vem desde o primeiro traçado lógico pelo qual Aristóteles é responsável, *o que lhe deu esse prestígio vem do fato de que a lógica é tremendamente agradável justamente porque se deve a esse campo de castração*.

Enfim, como você poderia justificar, ao longo da história, que um período tão amplo no tempo, tão ardente em inteligência, tão abundante em produção, como nossa Idade Média, poderia ter ficado tão animado com essas questões de lógica, e *aristotélica* !

Para colocá-los nesse estado...

porque veio para despertar multidões, porque através *dos lógicos* teve consequências *teológicas*

onde a *lógica* dominou *muito o theo*, o que não é como conosco onde só o *theo* permanece, ainda lá muito sólido em sua besteira, e onde a *lógica* se evaporou um pouco

... é bom que esta história seja *agradável* .

É aliás daí que se tira todo o prestígio que, na construção de Aristóteles, ressoou nesta famosa " *Metafísica* ", onde se desbloqueia com tubo cheio.



Mas a este nível...

porque hoje eu não vou te dar um curso de história da lógica  
...se você quiser simplesmente ir buscar o " *First Analytics*", o que é mais exatamente chamado de " *Análise Anterior*", mesmo para aqueles que - claro que os mais numerosos - nunca terão a coragem de lê-lo, mas fascinante, ainda recomendo a você - o que se chama Livro I, capítulo 46 **6** não é -  
ler o que Aristóteles produz sobre o que está envolvido na *negação*, ou seja, sobre a *diferença* que há em dizer " *o homem não é branco*", se isso é de fato o contrário de " *o homem é branco*" ou se...

como muitos acreditavam, e já acreditavam em seu tempo - isso não o impediu  
...ou se o contrário for dizer " *o homem não é branco*".

Não é absolutamente a mesma coisa.  
Acho que só de falar assim já se nota a diferença.

Só que é muito importante ler *este capítulo* porque, você já ouviu tantas coisas sobre a *lógica dos predicados*, pelo menos aqueles que já tentaram conviver com os lugares onde essas coisas são faladas,  
que você possa imaginar que o silogismo está inteiramente na *lógica dos predicados*.  
É uma pequena indicação que faço lateralmente.  
Como não queria me debruçar sobre isso, talvez tenha tempo de retomá-lo um dia.

Quero apenas dizer que houve - para que eu possa escrever assim - no início do século XIX, uma mutação essencial, é a tentativa de aplicar esta lógica ao que já vos indiquei que tem um status, ou seja, o *significante matemático*. Deu essa forma de escrever que acho que terei tempo para mais tarde  
para fazer sentir o alívio e a originalidade, nomeadamente que já não diz a mesma coisa que as propostas  
- pois é disso que se trata - que funcionam no silogismo.

Ou seja, *como já escrevi no ano passado* : *..!*, o signo de negação colocado no nível onde há o A maiúsculo [y], é uma possibilidade que nos é aberta justamente por essa introdução de *quantificadores*, no uso desses *quantificadores* geralmente chamados de *quantificadores*, e que eu prefiro chamar assim...

Não sou o único nem o primeiro, porque o importante é que você saiba  
o que é óbvio: que não tem absolutamente nada a ver com quantidade, chamamos assim porque não encontramos melhor, que é um sinal  
...finalmente, esta articulação de *quantificadores* permite-nos o que nunca foi feito nesta *lógica dos quantificadores*, é o que faço porque considero que para nós pode ser muito proveitoso, é função do " *não-todos* ".

Há um conjunto desses significantes que complementa a função do sexualizado, que a complementa no que diz respeito ao *gozo*, em um lugar onde é " *não-todo* " que funciona na função de castração. Continuo a usar quantizadores.  
Há uma maneira que temos de articulá-los é escrever  $\neg X$ , que significa " *existe* ". O que existe? - um *significante*.

Quando você lida com significantes matemáticos, aqueles que têm um status diferente de nossos pequenos significantes sexuais, que têm um status diferente e que mordem o real de uma maneira diferente, talvez você devesse tentar fazer prevalecer em sua mente *que há pelo menos menos uma coisa real*, e essa é a única coisa que sabemos com certeza, é o *número*.

O que conseguimos fazer com isso! Fizemos bastante! Para chegar à construção dos *números reais*,  
ou seja, precisamente aqueles que não são, o *número deve ser algo real*.  
Por fim, dirijo isso de passagem aos matemáticos que talvez joguem maçãs assadas em mim, mas quem se importa, eles farão isso em particular porque aqui estou eu os intimidando.

Voltemos ao que temos a dizer: " *existe* ".  
Esta referência que acabo de fazer não é simplesmente *uma descrição*, mas uma digressão, antes para vos dizer que " *existe* " é aí que tem um sentido, tem um sentido precário: *é mesmo como significante que todos vós existis*.  
Você existe, você certamente existe... mas não vai muito longe. Você existe como *significante*.

Tente se imaginar assim, limpo de todo esse negócio, você vai me contar as novidades.  
Depois da guerra, assim, fomos incentivados a existir de uma *forma fortemente contemporânea*. Bem, olhe o que sobrou.  
Você entende, eu ousaria dizer que as pessoas ainda tinham um pouco mais de ideias em suas cabeças quando demonstravam a existência de Deus. É óbvio que Deus existe, mas não mais do que você, não vai longe.  
Finalmente isso para focar no que está envolvido na existência.

---

6 Aristóteles: " *Organon III. A primeira análise* , trad. Tricô, Vrin 2001, pp. 194-195.

O que pode nos interessar nesse “*existe*” em termos do significante? Seria que existe “*pelo menos um*” para quem esse caso de castração não funciona [:\$], e é por isso mesmo que nós o inventamos, é o que se chama o pai.

É por isso que o Pai existe pelo menos tanto quanto Deus, ou seja, não muito.

Então, naturalmente, existem alguns inteligentes ...

Estou cercado de caras espertos, aqueles que transformam o que eu apresento em poluição intelectual [risos], como se expressou uma de minhas pacientes, a quem agradeço por ter me proporcionado isso, ela descobriu isso sozinha porque é uma - Hã? -

além disso, em geral, são apenas as mulheres que entendem o que estou dizendo

...então há aqueles que descobriram que eu estava dizendo que o Pai era um mito porque é óbvio que  $\bar{y}X$  não funciona no nível do mito de Édipo.

O Pai não é castrado, senão como poderia tê-los todos? Você se dá conta !

Eles até existem só lá como “*todos*”, porque o *não-todo* combina com as *mulheres*,

mas de qualquer forma vou comentar sobre isso mais tarde em breve.

Então do que “*existe um*” é a partir daí que todos os outros podem funcionar, é em referência a essa

exceção, a esse “*existe*”. Só aqui, para entender muito bem que se pode escrever a rejeição da função:  $\bar{y}X$  negado [:\$],

“*não é verdade*” que seja castrado, esse é o mito.

Só que o que os espertos não perceberam é que é correlato à existência e que postula o “*existe*” desse “*não é verdade*” da castração.

Bem, são duas horas!

Então, vou apenas marcar a 4ª maneira de usar a *negação* baseada em quantificadores ,

que é escrever / : “*não há*”.

“*Não há*” - quem, o quê? - para quem não é verdade que a função  $\bar{y}X$  é o que domina o que está envolvido no uso do significante.

Só isso significa?

Porque agora a *existência* eu a distingi para você da *exceção*, e se a *negação* aqui significava / \$,

sem exceção dessa *posição significativa*, ela pode se inscrever na *negação da castração*,

na *rejeição*, no “*não é verdade*” que a castração domina tudo.

É sobre este pequeno enigma que vos deixo hoje porque, na verdade, é muito esclarecedor para o assunto. Ou seja, que a *negação* não é algo que você pode usar, assim,

de um modo tão simplesmente unívoco como na lógica das proposições, onde tudo o que

não é verdadeiro é falso, e onde - uma coisa enorme - tudo o que não é falso torna-se verdadeiro.

Tudo bem, eu deixo as coisas quando chega a hora que me corta direito, e eu vou pegar as coisas na segunda quarta-feira de janeiro no ponto exato onde os deixei hoje.

12 de janeiro de 1972

Seminário: Panthéon-Sorbonne

[Conteúdo](#)

Se encontrássemos na lógica um meio de articular o que o inconsciente demonstra de *valor sexual*, não ficaríamos surpresos. Não nos surpreenderíamos, quero dizer *aqui mesmo*, no meu seminário, ou seja, no nível dessa experiência, análise, instituída por Freud e a partir da qual se estabelece uma estrutura de discurso que defini.

Vamos voltar ao que eu disse na densidade da minha primeira frase.

Falei de “ *valor sexual* ”. Ressalto que esses *valores* são *valores recebidos*, recebidos em qualquer idioma, *homem, mulher*, é o que chamamos de “ *valor sexual* ”.

No início que há o *homem* e a *mulher*...

esta é a tese que estou começando a partir de hoje

...é antes de tudo uma questão de linguagem.

A linguagem é tal que, para qualquer sujeito falante:

- ou é *ele*,
- ou é *ela*.

Existe em todas as línguas do mundo.

Este é o princípio do funcionamento do *gênero* : feminino ou masculino.

Que haja o hermafrodita, será apenas uma oportunidade de jogar com mais ou menos sagacidade para transmitir na mesma frase o *ele* e a *ela*. Não vamos chamar de “ *isso* ”, em hipótese alguma.

Exceto manifestando assim algum *horror* do tipo “ *sagrado* ”, não o colocaremos em ponto morto.

Dito isto, o *homem* e a *mulher*, não sabemos o que é.

Por um tempo, essa bipolaridade de valores foi levada para sustentar suficientemente, para suturar o que está envolvido no sexo.

É daí que resulta essa *metáfora* surda que durante séculos sustentou a *teoria do conhecimento*.

Como indiquei em outro lugar, o *mundo era o que era percebido*, até mesmo percebido como *um lugar do outro valor sexual*.

O que se tratava do *ŷŷŷŷ* [nouss]7 - o poder de saber - ser colocado do lado positivo, do lado ativo do que vou questionar hoje perguntando qual é a sua relação com o *Uno*.

Eu disse que se o passo dado pela análise nos mostra, nos revela, no primeiro contato com a abordagem sexual, o desvio, a barreira, o progresso, a chicana, o desfiladeiro, da *castração*, isso é e propriamente o que só pode ser feito a partir da articulação que lhe dei do *discurso analítico*.

É isso que nos leva a pensar que a *castração* não pode, em caso algum, ser reduzida a uma anedota, a um acidente, à intervenção desajeitada de uma declaração ameaçadora ou mesmo à censura.

A *estrutura é lógica*. Qual é o *objeto* da lógica?

Você sabe, você sabe por experiência, ter aberto apenas um livro que se intitula “ *Traité de Logique* ”, quão frágil, incerta, iludida, pode ser a primeira fase de qualquer tratado que se intitula desta ordem: *a arte de conduzir o próprio pensamentos bem ...*

conduzi-lo para onde, e segurá-lo por qual lado?

...ou mesmo tal recurso a uma normalidade a partir da qual se definiria o *racional*, independentemente do *real*.

É claro que, após tal tentativa de defini-lo [o *real*] como objeto da lógica, o que se apresenta é de outra ordem e consistente.

Eu proporia se necessário, se não pudesse simplesmente deixar um vazio aí – mas não o deixo – proponho: “ *o que se produz da necessidade de um discurso* ”. É ambíguo, sem dúvida, mas não é estúpido, pois envolve a implicação de que a lógica pode mudar completamente seu significado, dependendo de *onde todo discurso toma seu significado*.

Então, já que é disso que *todo discurso toma seu sentido*, ou seja, a partir de *outro*, venho propondo há muito tempo com clareza suficiente para que seja suficiente lembrá-lo aqui: o *real*...

categoria do que na tríade de onde partiu meu ensino: o *simbólico*, o *imaginário* e o *real*

...o *real se afirma*, e não menos importante é se afirmar *nos impasses da lógica*.

7 Aristóteles expõe sua teoria do conhecimento na “ *Metafísica* ” e no “ *De anima* ”. Ele distingue no *ŷŷŷŷ* duas funções distintas:

a *função receptiva*, relacionada à atividade sensorial, *œuvre du ŷŷŷ passiva* (mente passiva) e a *função ativa*, *celle du ŷŷŷ agent* (mente poética) em que se baseia a ciência. Veja Jeanne Croissant: *Aristóteles e os mistérios*, Droz, Paris, 1932.

Deixe-me explicar. O que à partida, na sua ambição conquistadora, a lógica propunha era nada menos do que a *rede do discurso* enquanto *articulada*, e que ao ser *articulada* esta rede devia fechar-se *num universo* deveria encerrar e cobrir como com uma rede o que poderia ser do que foi oferecido ao conhecimento.

A experiência, a experiência lógica, mostrou que era diferente.

E sem ter aqui hoje - onde por acaso tenho que gritar - para entrar em mais detalhes...

este público está ainda suficientemente informado de onde em nosso tempo poderia ser retomado o esforço lógico, saber que abordar algo em princípio tão simplificado tão *real* quanto a *aritmética*

Demonstrou-se que em *aritmética*, algo sempre pode ser enunciado, oferecido ou não à *dedução lógica*, que se articula como se fosse antes daquilo que as premissas, os axiomas, os termos fundadores que *podem* dita aritmética, permite presumir como *demonstrável* ou *refutável*. *Os dois teoremas da incompletude de Gödel*

Estamos tocando aqui, em um domínio aparentemente mais seguro *[aritmética]* :

- que se opõe à plena apreensão do discurso, ao esgotamento lógico,
- o que introduz nele uma lacuna irredutível, é aí que

designamos o *Real*.

Claro que, antes de chegar a este campo de provas que pode parecer no horizonte, mesmo incerto para quem não acompanhou de perto as suas últimas provas, bastará recordar o que é o " *discurso ingênuo* ". O " *discurso ingênuo* " é oferecido desde o início, inscrito como tal, como *verdade*.

Sempre lhe pareceu fácil demonstrar com esse discurso ingênuo " *que ele não sabe o que está dizendo* ", não estou falando do assunto, estou falando do discurso. É o limite - por que não dizê-lo - da crítica, que o sofista...

para quem profere o que é sempre posto como *verdade*

...deixe o sofista demonstrar a ele que " *ele não sabe o que está dizendo* ". Esta é mesmo a origem de toda *dialética*.

E então está sempre pronto para renascer: que alguém venha testemunhar na barra de um tribunal, é a infância da arte do advogado para lhe mostrar que não sabe o que diz.

Mas aqui chegamos ao nível do sujeito, da testemunha, que precisa ser confundido.

O que eu disse no nível da ação sofística, é o próprio discurso que o sofista ataca.

Talvez tenhamos este ano - já que anunciei que teria de relatar "*Parmênides*" - para mostrar o que está envolvido na ação sofística.

O notável, no desenvolvimento a que me referi há pouco, da enunciação lógica, onde talvez alguns tenham notado que se trata de nada mais que o " *teorema de Gödel* " sobre a aritmética, é que ela não é de *valores de verdade*, que Gödel procede à sua demonstração...

que sempre haverá no campo da *aritmética* algo que possa ser enunciado nos próprios termos que ela compreende, que não estará ao alcance do que ela se propõe como modo a ser tomado para recebimento de demonstração

...não é da *verdade*, é da noção de *derivação*.

É deixando o valor *verdadeiro* ou *falso* como tal em suspenso que o teorema é demonstrável.

O que acentua o que eu digo sobre a lacuna lógica neste ponto, ponta afiada...

pontiagudo na medida em que ilustra o que pretendo avançar

...é que se o *verdadeiro*...

definitivamente facilmente acessível

...pode ser definido como o *impossível*...

isso é *impossível* na medida em que resulta da própria compreensão do discurso, do discurso lógico

...este *impossível*, este *real* deve ser privilegiado por nós.

" *Por nós* ": Por quem? por analistas.

Porque dá de forma exemplar, que é o paradigma do que põe em causa o que pode sair da linguagem.

Surge *certos tipos* - que defini - *de discurso*, como sendo o que estabelece um tipo de vínculo social definido.

Mas a linguagem questiona o que ela funda como *discurso*.

É impressionante que ele só possa fazer isso fomentando a *sombra de uma linguagem* que iria além de si mesma, que seria a *metalinguagem*.

Aponte muitas vezes que ela só pode fazê-lo reduzindo-se à sua função, isto é, já gerando um discurso particularizado.

Eu proponho...

interessando-se por esse *real* na medida em que é afirmado pela interrogação lógica da linguagem  
...proponho encontrar aí o *modelo* do que nos importa, ou seja, o *que a exploração do inconsciente proporciona*, o que longe de ser...  
como um Jung pensou que poderia voltar atrás, para retornar à rotina mais antiga  
\_ \_ \_ \_ uma palavra ouvida.

Caso contrário, por que isolá-lo, dar-lhe esse privilégio de não sei que trauma, até mesmo de *bocejo* efetivo ?  
Embora não seja muito claro que não é anedótico, que é rigorosamente fundamental  
naquilo que não estabelece, mas *impossibilita* a afirmação da bipolaridade sexual como tal,  
ou seja, como - curiosamente - continuamos a imaginá-lo no nível animal.

Como se cada ilustração do *que*, em cada espécie, *constitui o tropismo de um sexo pelo outro*  
não foi tão variável para cada espécie quanto sua constituição corporal.

Como se não tivéssemos aprendido - já há algum tempo - que o sexo...  
não no nível do que acabei de definir como o *real*, mas no nível do  
que se articula dentro de cada ciência, sendo seu objeto uma vez definido  
...aquele sexo, há pelo menos dois ou três estágios do que o constitui, *do genótipo ao fenótipo* e isso afinal, depois das  
últimas etapas da biologia - preciso mencionar quais? - é certo que o sexo só se realiza como um modo particular no  
que permite a reprodução do que se chama corpo vivo.

Longe de o sexo ser o instrumento padrão, é apenas uma de suas formas, e o que é muito confuso...  
embora Freud sobre isso tenha dado a indicação, mas aproximada  
...o que confundimos muito é justamente a função do sexo e a da reprodução.

Longe de ser tal que haja a fieira da gônada de um lado, o que Weissmann chamou de *germen*,  
e a conexão do corpo, é claro que o corpo, que seu genótipo veicula algo que determina o sexo e que isso não basta: de sua  
produção de corpo, de sua estática corporal, ele desprende hormônios que, nessa determinação, pode interferir.

Portanto, não há por um  
lado - por um lado sexo, irresistivelmente associado - porque está no corpo - com a vida,  
o sexo imaginado como a imagem do que na reprodução da vida seria o amor, não há isso de um lado — e do outro o  
corpo, o corpo como tem que se defender da morte.

A reprodução da vida como passamos a questioná-la, ao nível do aparecimento de suas primeiras formas, emerge de algo  
que não é *nem vida nem morte*, que é isto: apenas muito independentemente do sexo.  
e mesmo por ocasião de algo já vivo  
...intervém algo que chamaremos novamente de programa ou *códon*, como dizem sobre  
este ou aquele ponto marcado dos cromossomos.

E então o diálogo “ *vida e morte* ”, ocorre no nível do que é reproduzido e não leva, ao nosso conhecimento,  
um personagem de drama apenas a partir do momento em que, no equilíbrio da *vida e da morte*, intervém o *gozo*.

A ponta afiada, o ponto de emergência de algo que é o que todos nós aqui acreditamos fazer mais ou menos parte,  
o *ser falante* para dizê-lo, é essa *relação perturbada com seu próprio corpo que se chama gozo*.

E isso, que tem como centro, tem como ponto de partida...  
é o que o discurso analítico nos demonstra  
...tem como ponto de partida uma relação privilegiada com o *gozo sexual*.

É *assim que o valor do outro parceiro*, aquele que passei a designar respectivamente pelo *homem* e pela *mulher*, é inacessível à  
linguagem, precisamente nisto: — que a linguagem funciona, originalmente, *na complementação do gozo sexual* — que ela é por  
isso que ele ordena essa intrusão, na repetição corporal, *do gozo*.

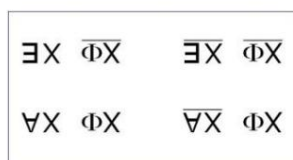
É por isso que hoje vou começar a mostrar como, usando funções lógicas, é possível dar ao que está envolvido  
na *castração* outra articulação que não o anedótico.  
Em linha com a *exploração lógica da realidade*, o lógico começou com *proposições*.  
A lógica só conseguiu, *na linguagem*, isolar a função dos chamados *prosdiorismos*, que nada mais são  
do que o “ *Um* ”, o “ *algum* ”, o “ *todos* ” e a *negação dessas proposições*.

Você sabe, Aristóteles define para se opor a eles,  
 – “ os *Universais* ”,  
 – e “ os *Indivíduos* ”,  
 e dentro de cada: – “ *afirmativo* ”,  
 – e “ *negativo* ”.

O que posso marcar é a diferença que existe entre esse uso de *prosdiorismos* e o que...  
 para necessidades lógicas, ou seja, para uma abordagem que nada mais era do que *esse real que é chamado de número*  
 ... ao que aconteceu completamente diferente.

A *análise lógica* do que se chama *função proposicional* se articula a partir do isolamento na proposição, ou mais  
 exatamente *da falta, do vazio, do buraco, do vazio que se faz*, daquilo que deve funcionar como *argumento*.

Ou seja, será dito que qualquer argumento de um domínio ...  
 que vamos chamar como você deseja X ou um *gótico* A [:] –  
 ...qualquer argumento deste domínio, colocado no lugar deixado vazio em uma  
 proposição, irá satisfazê-la, ou seja, dar-lhe *valor de verdade* [!].



Isso é o que está inscrito com o que está lá embaixo à esquerda, esse A invertido X: ;!...  
 não importa qual seja a proposta  
 ...a função assume *um valor verdadeiro para qualquer X no domínio*.

O que é esse X?  
 Eu disse que se define como um domínio.  
 Isso significa que sabemos o que é?

Sabemos o que é um *homem* dizer que “ *todo homem é mortal* ”?  
 Aprendemos algo dizendo que é mortal e apenas sabendo que *para todo homem* é verdade.  
 Mas antes de apresentar o “ *homem comum* ” conhecemos apenas as características mais aproximadas.  
 e que pode ser definido da maneira mais variável.

Essa, suponho que você saiba há muito tempo, é a história que Platão conta, não é, da galinha depenada<sup>8</sup>.

Ou seja, temos que nos perguntar sobre os tempos de *articulação lógica*, a saber: que o que o *prosdiorismo* possui não tem,  
 antes de funcionar como argumento, nenhum sentido, não o toma apenas de sua entrada *na função*.  
 Assume o significado de *verdadeiro* ou *falso*.

Parece-me que isso é feito para nos fazer tocar a lacuna que há do *significante* em sua *denotação*,  
 – já que o *sentido*, se está em algum lugar, *está na função*, –  
 mas a *denotação* só começa a partir do momento em que o argumento passa a se inscrever ali.

Ao mesmo tempo, *questiona o que há de diferente*, que é o uso da letra E, também invertida: ÿ, “ *existe* ”.  
 “ *Existe* ” algo *que pode servir na função de argumento* e assumir ou não o *valor de verdade*.  
 Eu gostaria de fazer você sentir a diferença que há nesta introdução do “ *existe* ” como problemático:

- ou seja, questionando a própria função da existência  
 comparado com o que o uso de *particulares* implicava em Aristóteles,
- a saber, que o uso do “ *algum* ” parecia por si mesmo implicar a *existência*, de modo que, como o “ *todos* ” deveria  
 entender esse “ *algum* ”, o próprio “ *todos* ” assumia o valor do que não é, a saber, de uma *afirmação da*  
*existência*.

---

<sup>8</sup> Platão (*Política*) define o homem como “ *um bípede sem penas* ”,  
 Diógenes depena uma galinha e joga-a, obrigando-o a acrescentar “...e com *unhas chatas* ”.

Só poderemos - com o tempo - vê-lo na próxima vez:

não há status de " todos ", ou seja, do *Universal*, exceto no nível do *possível*.

É *possível* dizer - entre outras coisas - que " *todos os humanos são mortais* ".

Mas longe de decidir a *questão da existência do ser humano*, é preciso primeiro, curiosamente, que se assegure que ele *existe*.

O que quero indicar é a forma como entraremos na próxima vez.

Eu gostaria de dizer que da articulação dessas quatro conjunções argumento-função sob o signo de quantificadores:

$\exists X$	$\Phi X$	$\exists \bar{X}$	$\Phi \bar{X}$
$\forall X$	$\Phi X$	$\forall \bar{X}$	$\Phi \bar{X}$

É a partir daí e somente a partir daí que se pode definir o domínio do qual cada um desses X toma valor.

É possível propor a *função de verdade* que é esta, a saber, que " *todo homem* " é definido pela *função fálica*, e a *função fálica* é propriamente o que *fecha a relação sexual*.

É diferente que esta letra será definida: "A *invertida*

" chamada *quantor universal*, equipada, como eu, com a barra que a nega: ..

Apresentei a característica essencial do " *nem todos* ": .!, como sendo o que pode articular uma afirmação fundamental quanto à possibilidade de denotação que uma variável assume em função de argumento.

A mulher é daqui:

que não é *tudo* o que se pode dizer *com a verdade* em função do argumento no que se afirma *a partir da função fálica*.

O que é esse " *não tudo* "?

É justamente isso que merece ser questionado como estrutura, pois ao contrário...

este é o ponto muito importante

... à função do " *particular negativo* ", a saber, que há " *alguns* " que não são, é impossível extrair do " *nem todos* " esta afirmação.

É o " *não tudo* " ao qual se reserva indicar que *em algum lugar*, e nada mais, se relaciona com a *função fálica*.

Agora é a partir daí que começam os valores a dar aos meus outros símbolos.

Ou seja, que nada pode apropriar deste " *todo* " a este " *não tudo* ", que resta...

entre o que funda simbolicamente a função argumentativa dos termos: *homem e mulher*

...que permanece essa lacuna de uma indeterminação de sua relação comum com o gozo.

Não é da mesma ordem que eles se definem em relação a ela.

O que é preciso...

como já disse de um termo que desempenhará um grande papel no que temos a dizer a seguir

...o que é preciso é que, apesar desse " *todo* " da *função fálica* em que se sustenta a denotação do homem, apesar desse " *todo* ", ele exista...

e " *existe* " significa *que existe* exatamente como na solução de uma equação matemática

...existe " *pelo menos um* ", existe pelo menos um para quem a verdade de sua denotação não se sustenta na *função fálica*.

Você precisa pontuar os i's e dizer que o mito de Édipo é o que conseguimos fazer para dar a ideia

dessa condição lógica que é a da abordagem, da abordagem indireta que uma mulher pode fazer de um homem?

Se o mito fosse necessário, esse mito do qual se pode dizer que já é em si extraordinário que a afirmação não

pareça bufão, ou seja, a do homem original que gozaria justamente *do que não existe*, a saber, " *todas as mulheres* ", que não é possível, não simplesmente porque é claro que... que temos nossos limites *[Risos]*, mas porque não existe " *tudo* " mulher.

Portanto, o que está em jogo é obviamente outra coisa, nomeadamente que ao nível de " *pelo menos um* "

é possível que a prevalência da função fálica seja subvertida, isso não é mais verdade.

E não é porque eu disse que *o gozo sexual é o pivô de todo gozo*,

que por tudo isso defini suficientemente o que está envolvido na *função fálica*.

Provisoriamente, vamos supor que seja a mesma coisa.

O que se introduz ao nível do " *pelo menos um* " do pai é este *pelo menos um* que significa que pode funcionar sem. Isso quer dizer, como demonstra o mito, porque é feito apenas para garantir isso, a saber : *que o gozo sexual será possível, mas limitado*.

O que supõe para cada homem, em sua relação com a mulher, algum domínio, no mínimo, *desse gozo*.  
Uma mulher precisa *pelo menos disso* : *que a castração seja possível*, é o seu acesso ao homem.  
Quanto a fazê-la passar ao ato, disse a *castração*, ela se encarrega disso.

E para não deixá-lo antes de ter articulado o que está envolvido no quarto termo, diremos o que todos os analistas sabem bem: é isso que o / § significa.

Vou ter que voltar a isso, claro, já que hoje estávamos um pouco atrasados. Eu pretendia cobrir, como sempre, um campo muito maior, mas como você é paciente, você voltará na próxima vez.

O que significa *[le/§]* ?

O " *isso existe* ", como dissemos, é problemático.

Esta será uma oportunidade este ano para questionar o que está envolvido na *existência*.

O que existe afinal?

Já notamos que ao lado do frágil, do fútil, do inessencial, que constitui o " *isso existe* ", o " *não existe* " significa alguma coisa?

O que significa afirmar que " *não existe* " um X tal que satisfaça a *função*  $\bar{y}X$  fornecida com a barra que o estabelece como não verdadeiro? : /§ ? Porque é exatamente isso que questionei anteriormente: se " *nem todas* " as mulheres têm a ver com a função fálica, isso implica que há algumas que têm negócios com castração? Pois bem, é justamente o ponto pelo qual o homem tem acesso à mulher.

Quer dizer, digo isso para todos os analistas, aqueles que ficam por perto, aqueles que se voltam, enredados nas relações edipianas do lado do pai. Quando não saem do que está acontecendo do lado do pai, há uma causa muito específica, que é que o sujeito teria que admitir que a essência da mulher não é a castração, e dizer a verdade, seja do *real*, a saber: além de um pequeno insignificante nada - não estou dizendo isso ao acaso - bem, eles não são castráveis.  
Porque o *falo* – que ressaltou que ainda não disse o que é – bem, eles não o têm.

É a partir do momento em que é *impossível* como causa, que a mulher não está essencialmente ligada à castração, que o acesso à mulher é possível na sua indeterminação. Isso não sugere a você

- Eu a semeio para que possa ter sua ressonância aqui da próxima vez - apenas o que está acima e à esquerda:

$\exists X$	$\Phi X$	$\exists \bar{X}$	$\Phi \bar{X}$
$\forall X$	$\Phi X$	$\forall \bar{X}$	$\Phi \bar{X}$

:§, o " *pelo menos um* " em questão, resulta de uma necessidade? E é bem assim que é *uma questão de discurso*.

Há apenas uma *necessidade falada*, e essa necessidade é o que torna possível a existência do homem como valor sexual.

O *possível* - ao contrário do que afirma Aristóteles - é o oposto do *necessário*.

É nisto - que se opõe a ; - que reside a mola mestra do *possível*.

Eu te disse, o " *não existe* " [ / ] é *afirmado por um ditado*, um dito do homem, o *impossível*, a saber, que é *real* que a mulher toma sua relação com a *castração*.

E é isso que nos dá o significado de . ou seja, " *nem todos* ". O " *nem todos* " significa... como foi anteriormente na coluna da esquerda [ " *o que está acima e à esquerda* " ]  
...significa o *não impossível* : não é *impossível* para a mulher conhecer a função fálica.

O *passo impossível*, o que é? Tem um

nome que a tétade aristotélica nos sugere, mas aqui disposta de outra forma: – assim como o possível se opunha ao *necessário* ,  
– ao *impossível*, é o *contingente*.

É na medida em que a mulher, com a *função fálica* , se apresenta como argumento na *contingência*, que o que está envolvido no valor sexual " *mulher* " *pode ser articulado*.



São 2:16 da manhã , não vou mais longe hoje.

O corte é feito em um local que não é especialmente desejável.

Acho que percorri um longo caminho com esta introdução de como esses termos funcionam, por ter feito você sentir que o uso da lógica não está alheio ao conteúdo do inconsciente.

Não é porque Freud disse que *o inconsciente não conhece a contradição*, para que não seja “ *terra prometida* ” à conquista da lógica.

Chegamos a este século sem saber *que uma lógica pode perfeitamente prescindir do princípio da contradição ?*

Quanto a dizer que em tudo o que Freud escreveu sobre o inconsciente não existe lógica, nunca se deve ter lido o uso que ele fez de tal ou tal termo...

“ *Eu a amo, não o amo* ”, todas as maneiras que existem de negar o “ *eu o amo* ”, por exemplo, isto é, por meios gramaticais... dizer que o inconsciente não pode ser explorado por meios de lógica.

19 de janeiro de 1972

Seminário: Panthéon-Sorbonne

Conteúdo

[Para o quadro-negro]

L'art de produire une nécessité de discours

$\exists X \quad \Phi X$	$\exists \bar{X} \quad \Phi \bar{X}$	La signification du Phallus
$\forall X \quad \Phi X$	$\forall \bar{X} \quad \Phi \bar{X}$	Die Bedeutung des Phallus

Génitif objectif :	un désir $\longrightarrow$ d'enfant
Génitif subjectif :	un désir $\longleftarrow$ d'enfant

0	1	0	0	0	0	0	0	0
	0	1	1	1	1	1	1	1
		0	1	2	3	4	5	6
			0	1	3	6	10	15
				0	1	4	10	20
					0	1	5	15
						0	1	6
							0	1
								0

A arte, "a arte de produzir uma necessidade do discurso", tal é a última vez que a fórmula que incorporei, ao invés de propor, do que é a lógica. Deixei-o em meio ao alvoroço de todos se levantando, para lhe mostrar que não bastou Freud ter notado como personagem do inconsciente, que ele negligencia, que desconta o *princípio da contradição* para que, como alguns psicanalistas Imagine,

a lógica nada tem a ver com sua elucidação.

Se há um discurso, um discurso que merece se destacar da nova instituição analítica, é mais do que provável que, como para qualquer outro discurso, sua lógica deva emergir.

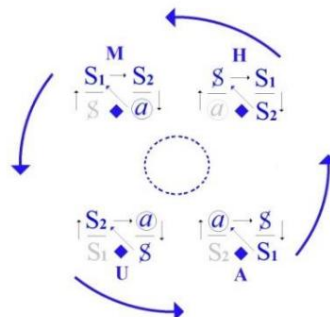
Recordo de passagem que o *discurso* é o mínimo que se pode dizer é que o sentido permanece *velado*.

Para dizer a verdade, o que o constitui é muito precisamente feito da *ausência de sentido*.

*Nenhum discurso que não deva receber seu significado de outro.*

E se é verdade que o surgimento de uma nova estrutura de discurso ganha sentido, não é apenas para recebê-la, é também se parece que esse discurso analítico, como localizei no ano passado, representa o último deslize de um tetraedro estrutura, quadripé... como chamei em um texto publicado em outro lugar

...pelo último deslocamento do que é articulado em nome da *significação*, torna-se evidente que algo original é produzido a partir desse círculo fechado.



" *A arte de produzir* - como eu disse - *uma necessidade do discurso* " é outra coisa que essa necessidade mesma.

A necessidade lógica - pense bem, não pode haver outra - é fruto dessa produção.

A *necessidade*, *yyyyyy* [ananké] só começa com o ser falante e, aliás, tudo o que dele poderia surgir, dele se produzir, é sempre fato de um discurso.

Se de fato é disso que se trata a tragédia, é na medida em que a tragédia se materializa como fruto de uma necessidade que não é outra...

é óbvio, porque se trata apenas de seres falantes  
...de uma necessidade, digo, apenas lógica.

Nada, parece-me, aparece em outro lugar senão no ser falante do que é propriamente *yyyyyy* [ananké].

É também por isso que Descartes fez dos animais apenas autômatos.

Quão seguramente é uma ilusão, uma ilusão cujo impacto mostraremos de passagem, sobre o que vamos, *desta arte de produzir uma necessidade de discurso*...

" *do que vamos* ": vou tentar  
... tente desovar.

" *Produzir* ", no duplo sentido:

– para demonstrar o que havia antes, já é nisso que não é certo que algo não se reflita, não contenha os primórdios da necessidade em questão na preliminar, no pré-requisito da existência animal.

Mas, por falta de demonstração, o que deve ser produzido deve, de fato, ser considerado inexistente antes.

– Outro sentido de produzir, aquele sobre o qual toda uma pesquisa resultante da elaboração de um *discurso* já constituído , diz o *discurso do Mestre*, já avançou sob o termo: *realizar pelo trabalho*.

É no que consiste o que é feito... na medida em que eu mesmo sou o lógico em questão, o produto da emergência desse novo discurso, que a produção no sentido de *demonstração* pode estar diante de vocês aqui anunciada.

O que deve ser suposto já estava lá, pela necessidade da demonstração, produto da suposição da necessidade de sempre, mas também testemunhou precisamente a - *não menor* - necessidade do trabalho, de atualizá-lo.

Mas neste momento de emergência, essa necessidade dá ao mesmo tempo a prova de que ela só pode ser suposta inicialmente em nome do *inexistente*.

O que é então a necessidade ?

Não ! O que se deve dizer não é " *isto portanto* " mas " *o que é* " e *diretamente*, este " *isto portanto* " que compreende em si *muito ser*.

É diretamente " *O que é necessidade ?* " tal que, pelo próprio fato de produzi-lo, ele só pode, antes de ser produzido, ser assumido como inexistente. O que significa posado como tal no discurso.

Há uma resposta a esta pergunta como a qualquer pergunta, porque só a colocamos, como qualquer pergunta, se já se tem a resposta. Então você tem, mesmo que não saiba.

O que responde a esta pergunta " *O que é necessidade ?* " » isso é o que fazer *logicamente*, mesmo que você não saiba, no seu remendo cotidiano, esse *remendo* que um certo número aqui...

para estar comigo em análise, há alguns, claro que não todos  
...vem confiar-me sem poder tomar, aliás, antes de um certo passo dado, o sentimento do que fazer, vir me ver, supõem-me ser eu mesmo - este *DIY* - para fazê-lo, portanto, que quer dizer, todos, mesmo aqueles que não me confiam, já respondem.

Como ? Para simplesmente *repetir* , este DIY, incansavelmente. É o que chamamos:

– o *sintoma* em um nível, – em outro:

*automatismo*, um termo que não é muito específico, mas que a história pode dar conta.

Você percebe a cada momento - na medida em que o inconsciente existe - a demonstração na qual a *inexistência* se baseia. pré-requisito do *necessário*, é a *inexistência* do que está no princípio do *sintoma*, é *sua própria consistência* para o referido *sintoma*, pois o termo, surgido com Marx, assumiu seu valor, que é para o princípio do *sintoma* , é nomeadamente a *inexistência de verdade* que ele pressupõe, embora marque o seu lugar.

Tanto para o *sintoma na medida em que está ligado à verdade que não tem mais validade*. neste título podemos dizer que como qualquer um que sobrevive na era moderna, nenhum de vocês é estranho a este modo de resposta.

No segundo caso, o chamado *automatismo* é a *inexistência do gozo* que o chamado *automatismo* de " *repetição* " traz à tona, a partir da insistência desse pisar na porta, que se designa como saída *para o ' existência*.

Só que, além disso, não é bem o que se chama *uma existência* que te espera, é o gozo tal como opera *como necessidade do discurso* e só opera, veja, como *não-existência*.

Só aqui, para lembrá-los desses refrões, esses refrões que estou fazendo com a intenção de tranquilizá-los, de dar-lhes a sensação de que só farei *discursos* sobre o que em que... em nome disso que teria uma certa substância, *gozo, a verdade* na ocasião tal como seria defendida em Freud, o fato é que se você parar por aí, não é ao osso da estrutura que você pode se referir.

" *Qual é a necessidade* - eu disse - *que se estabelece por uma suposição de não-existência?* Nesta questão, não é o *inexistente* que conta, é precisamente a *suposição da inexistência*, que é apenas consequência da produção da *necessidade*.  
*A inexistência* é apenas uma questão de já ter uma resposta - certamente dupla - do *gozo* e da *verdade*, mas ela já não existe.

Não é pelo *gozo* nem pela *verdade* que a *não-existência* toma um estatuto, que ela pode não-existir, isto é, chegar ao *símbolo* que a designa como não-existência, não no sentido de não ter existência, mas *de seja existência apenas do símbolo* que o tornaria inexistente e que, *ele mesmo*, existe: é um número, como você sabe geralmente designado por zero. O que mostra que a *inexistência* não é o que se poderia pensar: o nada.

Porque o que poderia sair disso, além da crença, da crença em si mesmo? não existem 36 crenças!  
Deus fez o mundo do nada, não é à toa que é dogma.

É a crença em si mesma, é essa rejeição da lógica que se expressa...  
há um dos meus alunos que um dia encontrou isso por conta própria  
...e quem se expressa segundo a fórmula que deu, agradeço-lhe: " *Certamente não, mas mesmo assim* " [Octave Manoni?].

Não pode ser suficiente para nós.  
A inexistência não é o nada.  
É, como acabei de dizer, *um número* que faz parte da série dos números inteiros.  
Nenhuma teoria dos números inteiros se você não perceber o zero.

É o que notamos, num esforço que não é por acaso que é justamente contemporâneo, certamente um pouco anterior, da pesquisa de Freud, é aquele que se inaugura, para se questionar logicamente qual é o estatuto do número, um nome Frege, nascido 8 anos antes dele e falecido uns 14 anos antes.

Isso é muito destinado [para] ...  
em nosso questionamento do que está envolvido na necessidade lógica do *discurso de análise*  
... é exatamente isso que eu estava apontando do que você arriscou escapar da referência que eu estava apenas ilustrando como a aplicação - em outras palavras, uso funcional - da *inexistência*,  
isto é, ela só se produz a partir do momento em que surge a *necessidade*, a saber, *de um discurso em que ela se manifesta* diante do lógico - como eu lhe disse -  
acontece aí mesmo como uma segunda consequência, isto é, ao mesmo tempo que a própria *não existência*.

É o seu fim reduzir-se ao ponto em que se manifesta diante dele, esta necessidade, repito, demonstrando-a desta vez ao mesmo tempo que a estou afirmando.

*Essa necessidade é a própria repetição: em si, por si, para si*, isto é, aquilo pelo qual a vida se mostra apenas *necessidade do discurso*.  
já que não encontra resistir à morte - isto é, à sua quota de *gozo* - nada mais que um *truque*, nomeadamente o recurso a esta mesma coisa que uma programação opaca produz...  
que é algo bem diferente, sublinhei, do que " *o poder da vida* ", " *amor* ", ou *outras bobagens*  
...que é essa programação radical que só começa para nós, um pouco, se deslumbrar com o que os biólogos fazem no nível da bactéria e cuja consequência é justamente a reprodução da vida.

Que discurso faz...  
para demonstrar aquele nível onde nada *de necessidade lógica se manifesta, exceto na repetição*  
... parece aqui reunir, como *um semblante*, o que se realiza ao nível de uma mensagem que não é de modo algum fácil de reduzir ao que conhecemos deste termo e que é da ordem do que se situa no nível de uma combinatória curta cujas modulações são aquelas que passam do *ácido desoxirribonucleico* para o que será transmitido ao nível da *proteína*  
com a boa vontade de alguns intermediários qualificados em particular *como enzimáticos* ou *catalisadores*.

Que isso é o que nos permite referir o que está envolvido na *repetição*, isso só pode ser feito elaborando precisamente o que está envolvido na ficção pelo qual algo de repente nos parece reverberar do fundo. falar.

Há, de fato, um entre todos que não escapa a um *gozo* particularmente insensato e que direi local no sentido de acidental, e que é a forma orgânica que *o gozo sexual tomou para ele*.

Ele colore todas as suas necessidades básicas com *gozo*, que em outros seres vivos são apenas obstruções no que diz respeito ao *gozo*. Se o animal come regularmente, é bastante claro que é para não experimentar *o prazer* da fome.

Portanto, colore aquele que fala...  
e é impressionante, é a descoberta de Freud  
...todas as suas necessidades, ou seja, o que ele usa para se defender da morte.

Você não deve acreditar de forma alguma, porém, por essa razão, que o prazer sexual é a vida. Como eu disse antes, é uma produção local, acidental, orgânica, e muito exatamente ligada, centrada, no que está envolvido no órgão masculino. O que é obviamente particularmente grotesco.

A detumescência no homem gerou esse apelo de um tipo especial que é a linguagem articulada, graças à qual *a necessidade de falar é introduzida em suas dimensões*. É daí que *surge a necessidade lógica como gramática do discurso*. Você vê como é fino! Para perceber isso, foi necessário nada menos do que o surgimento do discurso analítico.

"*O sentido do falo*", algures nos meus *Escritos*, tive o cuidado de incluir esta afirmação que tinha feito, muito precisamente em Munique, algures antes de 1960: há um contracheque! Escrevi abaixo " *die Bedeutung des Phallus* ". Não é pelo prazer de fazer você acreditar que eu sei alemão - de novo, mesmo sendo em alemão, já que foi em Munique que pensei que deveria articular o que dei aqui no texto retraduzido.

Pareceu-me apropriado introduzir sob o termo *Bedeutung* o que em francês, dado o grau de cultura que havíamos alcançado na época, eu só podia traduzir decentemente por *significado*. *Die Bedeutung des Phallus* já estava lá, mas os próprios alemães, por serem analistas...  
Marco a distância com uma pequena nota que é, no início deste texto, reproduzida  
...os alemães tinham...  
é claro que estou falando de analistas, estávamos saindo da guerra e não  
podemos dizer que a análise avançou muito durante  
...os alemães só atrapalharam lá por isso .

Tudo isso lhes parecia, como sublinho no final desta nota, estritamente *inaudito*. Além disso, é curioso que as coisas tenham mudado a ponto de o que estou dizendo hoje já ter se tornado comum para alguns de vocês, e com razão.

*Die Bedeutung*, no entanto, referia-se, de fato, ao uso que Frege<sup>9</sup> faz desta palavra para opor-lhe o termo *Sinn*, que responde muito exatamente ao que eu pensei que deveria lembrá-los em minha declaração de hoje, a saber, *o significado*, o significado de uma proposição.

Você poderia colocar de outra forma...  
e você verá que não é incompatível,  
...o que é sobre *a necessidade que leva a essa arte de produzi-la como uma necessidade do discurso*.

Poderíamos expressar de outra forma: o que é necessário para uma palavra *denotar* algo?  
Este é o significado...

preste atenção, as pequenas trocas começam  
...este é o significado que Frege dá à *Bedeutung* : *denotação*.

Parecerá claro para você, se você abrir este livro que é chamado " *Os fundamentos da aritmética*"<sup>10...</sup>  
e que um certo Claude Imbert, que antigamente, se bem me lembro, assistiu ao meu seminário, traduzido, que o deixa aí para você, ao seu alcance, totalmente acessível  
... vai parecer claro para você - como era de se esperar - que para haver denotação com certeza, não é ruim abordar primeiro, timidamente, o campo da *aritmética* tal como é definido pelos *inteiros*.

---

<sup>9</sup> Gottlob Frege: " *Significado e denotação* " (*Sinn und Bedeutung*), em " *Escritos lógicos e filosóficos* ", Seuil 1971, ou Points Seuil 1994.

<sup>10</sup> Gottlob Frege: " *Os fundamentos da aritmética: pesquisa lógico-matemática sobre o conceito de número* ", Seuil 1970.

Há um homem chamado Kronecker que não se conteve, tão grande é a necessidade de acreditar, para dizer que “*os números inteiros foram criados por Deus*”. Em troca do que, acrescenta, o homem tem que fazer todo o *resto* e como ele era um matemático, o *resto* era para ele tudo o que é para o *resto do número*.

É precisamente na medida em que nada é certo desse tipo, a saber, que um esforço lógico pode ao menos tentar dar conta de números inteiros, que trago para o campo de sua consideração o trabalho de Frege.

No entanto, gostaria de me deter por um momento - mesmo que apenas para incentivá-lo a lê-lo novamente - nisto: que esta enunciação que eu produzi do ângulo de “*O sentido do falô*” que você verá apenas onde eu m at - de qualquer forma, é um pequeno mérito do qual me orgulho - não há nada a devolver, embora naquela época ninguém realmente entendesse nada sobre isso: pude ver no local  
... o que *significa O significado do falô* ?

Vale a pena nos determos, pois afinal de contas uma ligação tão *determinante*, deve-se sempre perguntar se é um *genitivo* dito “*objetivo*” ou “*subjetivo*”.  
como ilustro a diferença juntando os dois significados, aqui o significado marcado por duas pequenas setas:

- *um desejo* *ÿ por uma criança*, é uma criança que se deseja: *objetivo* [*genitivo*].
- *um desejo* *ÿ por uma criança*, é uma criança que deseja: [*genitivo*] *subjetivo*.

Você pode praticar, é sempre muito útil.

A *lei da retaliação* que escrevo abaixo sem acrescentar comentários, pode ter dois significados:

- a lei que é a retaliação, estabeleço-a como lei, — ou o
- que a retaliação articula como lei, ou seja, “*olho por olho, dente por dente*”. Não é a mesma coisa.

O que eu gostaria de salientar para você é que *O significado do falô*...

e o que vou desenvolver será feito para você descobrir

no sentido que acabei de especificar da palavra “*significado*”, isto é, a *pequena seta*

...é neutro. A *significação do falô* é inteligente porque o *que o falô denota é o poder de significação*.

Não é, portanto - esta *ÿx* - uma função do tipo ordinário, é o que a faz na condição de usar - colocá-la ali como argumento - algo que não precisa ter antes de tudo, nenhum significado, no única condição de articulá-lo com um *prosdiarismo* : “*existe*” ou então “*tudo*”,

nesta condição, de acordo apenas *com o prosdiarismo*...

próprio produto da busca da necessidade lógica e nada mais

...o que se *depreende desse prosdiarismo* terá o *sentido de homem* ou *mulher*, dependendo do *prosdiarismo escolhido*, ou seja:

- ou “*existe*” [:], ou “*não existe*” [/],

- ou o “*tudo*” [:], ou o “*não tudo*” [.]

No entanto, é claro que não podemos deixar de levar em conta o que aconteceu a partir de uma *necessidade lógica*, para confrontá-lo com números inteiros, pois é a razão pela qual parti, que essa necessidade de *après-coup* implica a suposição do que não *existe* como tal.

Agora é notável que seja questionar o número inteiro, ter tentado sua gênese lógica,

que Frege foi levado a nada mais do que fundar o número 1 no conceito de *inexistência*.

Deve-se dizer que para ter sido conduzido até lá, deve-se de fato acreditar que o que até então corria sobre o que funda o 1, não lhe deu satisfação, a satisfação de um lógico.

É certo que por um tempo nos contentamos com pouco.

Achamos que não era difícil: são vários, são muitos... bem, nós os contamos. É claro que isso coloca, para o advento de todo o número, problemas insolúveis.

Porque se é só uma questão do que é combinado fazer, de um sinal para contá-los, que existe, eles acabaram de me trazer um livrinho desses para me mostrar como... se há um poema árabe sobre isso, um poema que indica assim, em verso, o que fazer com o dedo mindinho, depois com o indicador e com o dedo anelar, e alguns outros, para passar o *sinal* do número.

Mas precisamente, como é preciso fazer *um sinal*, é porque o número deve ter outro tipo de existência do que simplesmente *designar* - ainda que fosse cada vez com um latido - cada uma, por exemplo, das pessoas aqui presentes: para que tenham valor 1 é necessário - como sempre notamos - que os despojemos de todas as suas qualidades sem exceção. Então, o que resta?

Claro, houve alguns filósofos chamados “*empíricos*” que articularam isso usando pequenos objetos como bolinhas: um rosário, é claro, é a melhor coisa.

Mas isso não resolve de modo algum a questão da emergência como tal do 1.

Isso foi claramente visto por um homem chamado Leibniz que acreditava que deveria partir - como se impôs - pela identidade, ou seja, postular primeiro:

$$2 = 1+1$$

$$3 = 2+1$$

$$4 = 3+1$$

e acreditar ter resolvido o problema mostrando que para reduzir cada uma dessas definições à anterior, podemos mostrar que 2 e 2 são 4.

Há, infelizmente, um pequeno obstáculo que os lógicos do século XIX rapidamente perceberam, é que sua demonstração só é válida sob a condição de negligenciar o *parêntese bastante necessário* para colocar  $2 = 1+1$ , para conhecer o parêntese que encerra o  $(1+1)$ , e que é necessário - o que ele negligencia - que é necessário enunciar o axioma que:  $(a+b)+c = a+(b+c)$ .

É certo que essa negligência de um lógico tão verdadeiramente lógico quanto Leibniz certamente merece ser explicada, e que de alguma forma alguma coisa a justifica.

Seja como for, o fato de ser omitido é suficiente, do ponto de vista do lógico, para fazer com que a gênese leibniziana seja rejeitada, além de negligenciar qualquer fundamento do que está envolvido no 0.

Estou apenas indicando a você aqui a partir de qual noção do conceito, do conceito suposto denotar algo, é necessário escolhê-los para que se fixe. Mas afinal não podemos dizer que os *conceitos*...

aqueles que eles escolhem: *satélites de Marte* ou mesmo *Júpiter*

...não tem essa gama de denotação suficiente para que não se possa dizer que um número está associado a cada um deles.

No entanto, a subsistência do número só pode ser assegurada a partir da *equinumericidade* dos objetos que um conceito subsume. A ordem dos números, portanto, só pode ser dada por esse truque que consiste em proceder exatamente na direção oposta ao que Leibniz fez, ao retirar o 1 de cada número, ao dizer que o *predecessor* é aquele...

o conceito de número, resultante do conceito

...o *número do predecessor* é aquele que...

além de tal objeto que serviu de suporte no conceito de um certo número

... é o conceito que - além deste objeto - é encontrado como *idêntico* a um número que é caracterizado com muita precisão como não sendo idêntico ao anterior, digamos dentro de 1.

É assim que Frege<sup>11</sup> regride à concepção do *conceito* como um *vazio*, que não inclui nenhum objeto, que é aquele, não do nada já que é conceito, mas do *inexistente* e que é justamente para considerar o que ele acredita ser o nada, ou seja, o conceito cujo número seria igual a 0, que ele acredita poder definir a partir da formulação do argumento: *x diferente de x*, *x x*, ou seja, diferente de si mesmo.

y

Ou seja, o que certamente é uma denotação extremamente problemática, pois o que estamos conseguindo?

Se é verdade que o simbólico é o que eu digo dele, isto é, inteiramente na fala, que não há metalinguagem, de onde se pode designar na linguagem um objeto do qual se assegura que ele não é diferente de si mesmo?

No entanto, é nesta hipótese que Frege constitui a noção de que o *conceito "igual a 0"* dá um número diferente...

de acordo com a fórmula que ele deu primeiro para o que é do *número predecessor*

... dá um número diferente do 0 definido, mantido - e bem e verdadeiramente - por nada, ou seja, daquele para o qual a *igualdade a 0* não é adequada, mas o *número 0*.

Então é em referência a isso:

- que o conceito ao qual o *número 0* se encaixa se baseia no fato de ser idêntico a 0, mas não idêntico a 0,
- que aquele que é simplesmente idêntico a 0 é considerado como seu sucessor e, como tal, igual a 1.

---

<sup>11</sup> Sobre tudo o que se segue sobre Frege, cf. Jacques-Alain Miller: “*A sutura*” em *Cahiers pour l'analyse*, nº 1, p. 43 ou nº 1-2, p. 37, ou a apresentação original de Jacques-Alain Miller, durante a sessão de 24-02-65 do Seminário 1964-65: “*O objeto da psicanálise*”.

A coisa se *funda*, se funda no que é o chamado afastamento da equinumericidade, é claro que a equinumericidade do conceito sob o qual nenhum objeto cai sob o título de *inexistência* é sempre igual a si mesmo.

Entre 0 e 0, nenhuma diferença. É a " *sem diferença* " que, por esse viés, Frege pretende fundar a 1.

E, de qualquer forma, essa conquista permanece preciosa para nós na medida em *que nos dá o 1 para ser essencialmente...* ouvir o que estou dizendo

...o *significante da não-existência*.

No entanto, é certo que o 1 pode ser baseado nele?

Seguramente a discussão poderia continuar por caminhos puramente fregeianos.

No entanto, para seu esclarecimento, julguei necessário reproduzir o que se pode dizer que não tem relação com o *número inteiro*, ou seja, o *triângulo aritmético*. O *triângulo aritmético* está organizado da seguinte forma: ele começa, como um dado, a partir da sequência de números inteiros.

Cada *termo* a ser registrado é constituído sem maiores comentários, trata-se do que está abaixo da barra, *pelo acréscimo...* você notará que eu nunca falei de adição antes, assim como Frege  
...*somando* os dois dígitos: o imediatamente à esquerda e o à esquerda e acima.

	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	...
		0	1	1	1	1	1	1	1	1	...
Monade .....		0	1	2	3	4	5	6	7	...	
Dyade .....			0	1	3	6	10	15	21	...	
Triade .....				0	1	4	10	20	35	...	
Tétrade .....					0	1	5	15	35	...	
						0	1	6	21	...	
							0	1	7	...	
								0	1	...	

Você verificará facilmente que isso é algo que nos dá...

por exemplo, quando temos um número inteiro de pontos que chamaremos de " *mônadas* "

... que automaticamente nos dá o que é, dado um número desses pontos, do número de subconjuntos que podem, no conjunto que inclui todos esses pontos, ser formados por qualquer número, escolhido como sendo abaixo do número inteiro em questão .

É assim, por exemplo, que se você tomar aqui a linha que é a da " *díade* " : 0, 1, 3, 6, 10, 15, 21...

para encontrar uma díade, você obtém imediatamente que haverá na *díade*, 2 *mônadas*.

Uma *díade* não é difícil de imaginar: é uma linha com dois termos, um começo e um fim.

E que se você perguntar sobre - vamos pegar algo mais divertido - a " *tétrade* ", você recebe uma " *tétrade* " :

- 0, 1, 5, 15, 35...

você obtém algo que são 4 *possibilidades* de *triades*, ou seja, imaginar: - 4 *faces* do tetraedro: 0, 1,

4, 10, 20...

Você então obtém seis *díades*, ou seja:

— os *seis lados* do tetraedro: 0, 1, 3, 6, 10, 15...

e você obtém:

— os *quatro vértices* de uma mônada: 0, 1, 2, 3, 4, 5...

Isso é para dar suporte ao que deve ser expresso apenas em termos de subconjuntos.

Claramente você vê que à medida que o *número inteiro* aumenta, o *número de subconjuntos* que podem ocorrer dentro dele muito e rapidamente excede o *próprio número inteiro* : 0, 1, 4, 10, 20... Não é isso que nos interessa.

Mas simplesmente que era necessário, para eu dar conta do mesmo processo, da série de números inteiros, que eu parta exatamente do que está na origem do que Frege fez.

Frege que passa a designar o fato de que o número, o número de objetos que concordam com um conceito como esse conceito do número, do número N especificamente, será por si só o que constitui o *número sucessor*.

Em outras palavras, se você contar de 0: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, sempre será o que está lá, ou seja, 7 - 7

o quê? - 7 desse *algo* que chamei de *inexistente*, de ser o fundamento da *repetição*.



Ainda é necessário, para que as regras deste *triângulo sejam satisfeitas*, que este 1 que se repete aqui, surja de algum lugar. E como em toda a parte enquadrados este *triângulo com* 0, 0, 1, 1, 1, 1, 1..., há portanto aqui um ponto, um ponto a situar ao nível da linha de 0, um ponto que é 1 e quem articula o quê?

O que importa distinguir na gênese do 1, nomeadamente a distinção precisamente da *não diferença* entre todos estes 0, a partir da gênese: 0, 1, 0, 0, 0, 0... do que repete, mas repete como *inexistente*.

Frege, portanto, não leva em conta a sequência de números inteiros, mas a possibilidade de *repetição*. A *repetição* surge primeiro como *repetição* do 1, como o 1 da *inexistência*.

Não há...

Só posso adiantar a questão aqui  
... algo que sugere que não há um único 1, mas:

- o 1 que se repete,
- e o 1 que se coloca na sequência dos números inteiros, nesta *lacuna* temos que encontrar *algo* que seja da ordem do que questionamos colocando, como correlato necessário da questão da necessidade lógica, a base da *não-existência* ?

09 de fevereiro de 1972

Seminário: Panthéon-Sorbonne

[Conteúdo](#)

[Para o quadro-negro]

cobrir

Não

também

Por favor

recusar

receber

EU

Presente

Gaifei, por favor, rejeite meu presente também

allineo fyi ele qyng jù shÿu wÿ zèng.

*Estou pedindo que me recuse o que estou lhe oferecendo, porque não é isso.*

Você ama *conferências*, por isso orei ontem à noite...

por um pequeno pedaço de papel que eu levei para ele por volta das 10h15.

... Perguntei ao meu amigo Roman Jakobson, que eu esperava que estivesse aqui, então pedi a ele para lhe dar a palestra que ele não deu a você ontem, pois depois de você ter anunciado...

Quero dizer, escrever no quadro-negro algo equivalente ao que acabei de fazer aqui

...ele achou que deveria se ater ao que chamava *de generalidades*, sem dúvida pensando que isso é o que você preferiria ouvir, ou seja, uma palestra. Infelizmente - ele me ligou esta manhã - ele almoçou com linguistas, então você não terá uma conferência.

Porque na verdade, eu não. Como já disse em outro lugar com toda a seriedade, eu me divirto: *diversões sérias ou agradáveis*.

" *Em outros lugares* " - ou seja, em Sainte-Anne - eu tentei minha sorte em diversões agradáveis. Ele fala por si.

E se eu disse - disse lá - que também pode ser divertido, aqui digo que estou falando sério.

Mas ainda é divertido. Eu a relacionei em outro lugar, em vez de diversão agradável, com o que chamei de " *a letra da parede* ". Aqui está um, é típico:

" *Peço-te que me recuses o que te ofereço...*

pare por aqui, porque espero que não seja necessário acrescentar nada para que seja entendido, essa é exatamente *a letra de a-mur*, a verdadeira: " *recusar o que estou oferecendo a você* " .

Podemos completar para quem por acaso nunca teria entendido o que é *a letra de a-mur* :

*...de recusar o que te ofereço porque não é isso* " .

Você vê, eu escorreguei, eu escorreguei porque – meu Deus – eu estou falando com você, você que gosta de conferências: " *não é isso* ". Há aquele acrescentado: " *n'* ". Quando o " *ne* " é adicionado, não precisa ser *expletivo* para que signifique algo, a saber, a presença do enunciador, o verdadeiro, o correto.

É justamente porque o enunciador não estaria ali que a enunciação seria plena e que deveria ser escrita:

" *... porque não é isso* . "

Eu disse que a diversão é séria aqui, o que diabos isso significa? Na verdade olhei, perguntei, como se dizia " *sério* ", em várias línguas. Pelo modo como o concebo, não encontrei melhor do que o nosso que se presta a trocadilhos. Não conheço os outros o suficiente para ter encontrado o que, nos outros, seria o equivalente, mas no nosso, "sério", como eu o entendo, é " *serial* ".

Como vocês já sabem, espero, um certo número de vocês, sem que eu precise lhes dizer, o princípio da *série* é essa sequência de números inteiros que não encontramos outro meio de definir além de dizer: que uma propriedade é *transferível* lá de  $n$  a  $n+1$ , que só pode ser o que se *transfere* de 0 a 1, raciocinando por recorrência ou indução matemática, ainda dizemos .

Só aqui, é de fato o problema que tentei abordar nos meus últimos divertimentos, *o que pode ser transferido de 0 para 1* ? Este é o algodão! No entanto, isso é o que me propus o objetivo de apertar este ano ... *ou pior*.

Não avançarei hoje neste intervalo - que à primeira vista não tem fundo - do que se transfere de 0 para 1. Mas o que é certo e o que é claro é que, tomando as coisas 1 *por* 1, você tem que ser *claro sobre isso*. Por qualquer esforço que tenhamos feito para lógico da sequência, a série, de inteiros, não encontramos maneira melhor do que designar sua propriedade comum - é a única! - como sendo aquilo que se transfere de 0 para 1.

Entretanto, vocês foram - finalmente os da minha Escola - aconselhados a não perder o que Roman Jakobson deve trazer-lhe luz sobre o que está envolvido na análise da linguagem, o que na verdade é muito útil para saber onde estou agora levando a questão.

Não é porque o deixei, para chegar aos meus presentes *divertimentos* , que devo me ater a ele. E o que certamente me impressionou - entre outras coisas! - no que Roman Jakobson trouxe para vocês, é algo que diz respeito a esse ponto histórico que não é a partir de hoje que a *linguagem* está na ordem do dia.

Falou-vos, entre outros, de um certo Boécio Daco, muito importante, sublinhou, porque articulou *Suposições*. Acho que pelo menos para alguns *ecoa* o que venho dizendo há muito tempo sobre o que está *envolvido com o sujeito*, radicalmente com o sujeito, o que o significante supõe.

Então ele te disse isso, aconteceu que por algum tempo esse Boécio...

esse Boécio que não é o que você conhece, esse ele extraiu as imagens do passado, Dacus que ele se chama, quer dizer " *dinamarquês* ", não é o certo, não é o que está no dicionário Bouillet \_\_\_\_\_ ...ele lhe disse que tinha desaparecido assim por uma pequena questão de desvio. Na verdade, ele foi acusado *de averroísmo*, e naqueles dias você não pode dizer que não foi perdoador, mas não poderia ser perdoador quando você tinha sua atenção atraída para algo que parecia um pouco sólido, como falar sobre " *Suposições* " por exemplo. ".

De modo que não é inteiramente correto que as duas coisas não estejam relacionadas e é isso que me impressiona. O que me impressiona é que durante séculos, quando você tocava a língua, você tinha que ter cuidado. Há uma letra que só aparece na margem na composição fonética, é esta: H, que se pronuncia *ax* em francês.

Não toque no machado, foi o que foi prudente durante séculos ao tocar a língua. Porque aconteceu que durante séculos, quando você tocava a *língua*, em público, tinha um efeito, um efeito que não era diversão.

Uma das perguntas que *não seria ruim se vislumbrássemos*, assim, bem no final... embora onde me divirto de forma agradável, dei, na forma desta famosa parede, a indicação ...pode ser uma boa *ideia vermos por que a análise linguística agora faz parte da pesquisa científica*. O que isso poderia significar?

A definição - aqui estou me empolgando um pouco - a definição de " *pesquisa científica* ", é exatamente isso - não há muito o que procurar - é uma *busca* bem nomeada, na medida em que *não se trata de descobrir que se trata de uma pergunta*, em todo caso, nada que perturbe precisamente o que eu estava falando antes, ou seja, o público.

Recebi recentemente de uma terra distante...

Eu gostaria de causar problemas a ninguém, então eu não vou dizer a você de onde ...uma questão de pesquisa científica, era um " *Comitê de Pesquisa Científica sobre Armas* ". Textual!

Alguém, que não me é desconhecido...

é por isso que eles me consultaram sobre ele

...ofereceu-se para fazer pesquisas sobre o medo.

Tratava-se de dar-lhe um crédito, um crédito que - traduzido em francos franceses - iria ultrapassar lentamente seu pequeno milhão de francos antigos, em troca do qual ele passaria...

estava escrito no texto, o próprio texto, não posso te dar, mas eu tenho

...falava-se dele passar *três dias em Paris*, *[Risos]* Antibes *vinte e oito*, Douarnenez *dezenove*, San Montano -

em quem eu acredito...

Antônio, você está aí? San Montano deve ser uma praia muito bonita, não é? Ou estou errado?

Não, você não sabe? Bem, talvez seja perto de Florença, bem, não sabemos

...em San Montano por *quinze dias*, e depois em Paris por *três dias*.

Graças a um dos meus alunos, pude resumir o meu apreço nestes termos: “ *Chorei de admiração* ”.

Então coloquei uma cruz grande em todos os detalhes das avaliações que me perguntaram sobre a qualidade científica do programa, suas ressonâncias sociais e práticas, a competência do interessado e o que se segue.

Esta história tem apenas um interesse medíocre, mas comenta o que indiquei, não vai ao fundo da pesquisa científica, mas há algo mesmo assim que denota, e talvez seja o único interesse do negócio: é que eu tinha proposto inicialmente assim por telefone, com a pessoa que - graças a Deus - me corrigiu: “ *Eu rolava* ”.

Claro que você não sabe o que isso significa. Eu também não sabia disso *[risos]*. *Tigela, tigela*, é a bola.

Então estou *atropelado*. Eu sou como uma pista de boliche inteira quando uma boa bola balança.

Bem, acreditem se quiserem, o que eu sugeri ao telefone, eu que não conhecia a expressão “ *eu derrubei* ” era: “ *estou explodindo, estou explodindo* ” estava obviamente completamente incorreto, porque “ *golpe* ”

- que na verdade significa soprar, foi o que eu encontrei – “ *blow* ” é “ *soprado* ”, não é “ *soprado* ”.

Então, se eu disse *explodiu*, não é porque “ *sem saber eu sabia* ” que foi *derrubado* ? *[Risos]*

Aí voltamos ao *lapso*, isto é, às coisas sérias.

Mas, ao mesmo tempo, é feito para nos indicar que, como Platão já havia vislumbrado no “ *Crátilo* ”, bem que o significante é arbitrário, não é tão certo assim, pois afinal, *tigela* e *sopro* - hein? -

não é à toa que está tão perto, já que foi exatamente assim que eu perdi por um fio de cabelo, a *tigela*.

Bem, eu não sei como você qualificaria esta diversão, mas eu acho sério.

Por meio dela, voltamos à análise linguística, da qual certamente, em nome da pesquisa, você ouvirá cada vez mais. É difícil encontrar o caminho onde a divisão vale a pena.

Aprendemos coisas: por exemplo, que existem “ *partes do discurso* ”.

Evitei como se fosse uma praga, quero me debruçar sobre isso, para não ficar preso.

Mas, afinal, como a *pesquisa* certamente se fará ouvir, como se faz ouvir em outros lugares, vou partir do verbo.

Dizem-lhe que o verbo expressa todo tipo de coisas e é difícil desembaraçar-se entre a *ação* e *seu oposto*.

Há o verbo intransitivo que obviamente cria um obstáculo aqui, o intransitivo então fica muito difícil de classificar.

Para ficar com o que há de mais acentuado nesta definição, falaremos de uma

relação binária para o que está envolvido no tipo verbo onde, é preciso dizer, o mesmo significado do verbo não é classificado da mesma maneira em todas as línguas:

– *Existem línguas onde dizem que o homem bate no cachorro.*

– *Há línguas onde se diz que o cão teve que ser espancado pelo homem.* Não é essencial, a *relação* é sempre *binária*.

– *Existem línguas onde dizem que o homem ama o cachorro.*

É sempre tão *binário*, quando nesta linguagem - porque há diferenças -

nos expressamos da seguinte forma: “ *o homem ama o cachorro* ” para não dizer que “ *gosta* ” dele,

finalmente que ele gosta dele como uma bugiganga, mas que ele tem amor por seu cachorro?

“ *Amar alguém* ”, sempre fui encantado.

Quero dizer que me arrependo de falar uma língua onde se diz “ *eu amo uma mulher* ”, como se diz “ *eu bati nela* ”.

“ *Amar uma mulher* ” me pareceria mais congruente.

Foi mesmo ao ponto que um dia percebi - já que estamos no *deslize*, vamos continuar - que estava escrevendo: “ *você nunca saberá o quanto eu te amei* ”.

Eu não coloquei um “ *e* ” no final, que é um *deslize*, um erro de ortografia se você quiser, definitivamente.

Foi só de pensar que eu disse a mim mesmo que se escrevi assim, era porque tinha que sentir “

*eu te amo* ”. Mas no final, é pessoal. *[Risos]*

Seja como for, distinguiamos cuidadosamente, desses primeiros verbos, aqueles que se definem por *uma relação ternária* : " *eu te dou alguma coisa* ". Pode ir da *nasarde* **12** à bugiganga, mas finalmente há três termos.

Você deve ter notado que sempre usei o " *eu...* " como elemento do relacionamento.

Ele já o está conduzindo na direção que é de fato aquela em que eu o estou conduzindo, pois ali, como você pode ver, há

" *Peço-te que me recuses o que te ofereço* ".

Não é preciso dizer, porque podemos dizer: " *o homem dá uma carícia na testa do cachorro* ".

Essa distinção de " *a relação ternária* " com " *a relação binária* " é bastante essencial.

É essencial nisto: é que quando

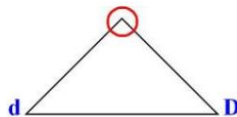
*a função da fala é esquematizada para você*, nós falamos para você – d minúsculo, D grande – do *remetente* e do *Destinatário*. A que acrescentamos a relação que, no esquema atual, identificamos com a *mensagem* e certamente destacamos que o *destinatário* deve ter o código para funcionar. Se não a possui, terá que conquistá-la, terá que decifrá-la.

Essa forma de escrever é satisfatória?

Eu afirmo, afirmo que a relação...

se há - mas você sabe que a coisa pode ser questionada - se há uma que acontece através da *fala*

...implica que *se inscreve a função ternária*, ou seja, que **ai** *se distingue a mensagem* e que permanece o fato de que, tendo um *remetente*, um *destinatário*, uma mensagem, que se enuncia em um verbo, é separada.



Isto é saber que o facto de se tratar de um pedido - **que** está aí - merece ser isolado, agrupar os três elementos, é precisamente nisto que se evidencia...

e só é óbvio quando eu uso *je* e *te*, quando eu uso *tu* e *me*

...é que esse *eu* e esse *você*, esse *você*, esse *eu*, eles são precisamente especificados pelo enunciado da fala.

Não pode haver nenhum tipo de ambiguidade aqui. Em outras palavras, não existe *apenas* o que é vagamente chamado de " *o código* "...

como se estivesse lá apenas em um ponto

...a *gramática faz parte do código*, ou seja, *essa estrutura tetrádica* que acabei de marcar como *essencial ao que é dito*.

Quando você desenha seu diagrama objetivo de comunicação: *remetente*, *mensagem* e, na outra ponta, o *destinatário*, esse diagrama objetivo é menos completo que a gramática, que faz parte do código.

Por isso foi importante que Jakobson produzisse esta generalidade para você: que a gramática também faz parte da *significação*, e que não é à toa que ela é usada na poesia.

Isso é essencial, quero especificar o status do verbo, pois em breve iremos decantar os *substantivos* para você dependendo se eles têm mais ou menos peso. Há *substantivos pesados*, se assim posso dizer, que se chamam *concretos*, como se houvesse algo mais como substantivos do que *substitutos*.

Mas, *afinal, é preciso substância*, ao passo que creio ser urgente assinalar, em primeiro lugar, que se trata apenas *de assuntos*.

Mas vamos deixar as coisas lá por enquanto.

Uma crítica que curiosamente só nos chega refletida, da tentativa de lógica da matemática, é formulada nisto, nisto onde você reconhecerá o alcance do que propus, é que, tomando a *proposição* como *função proposicional*, teremos marcar a *função do verbo*

e não do que se faz dele, ou seja, função de *predicado*.

A função do verbo, veja aqui o verbo *perguntar* :

- *Eu te pergunto...* : F - Eu abro o parêntese, x, y é *eu* e *você*... F(x, y, ...  
o que estou te perguntando? ...

*recusar*... outro verbo.

O que significa que em vez do que poderia ser aqui a pequena carícia na cabeça do cachorro, ou seja, z, você tem por exemplo f e novamente x, y: F (x, y, f(x, y)). E aí, *você é obrigado a terminar*, ou seja, colocar z aqui?

---

12 Nasarde: A) toque no nariz.

B) discurso ofensivo, esnobe.

Não é de forma alguma necessário porque você pode ter muito bem... por exemplo eu coloco um  $\ddot{y}$ , não vamos colocar  $\ddot{y}$  porque mais tarde vai dar confusão, coloco um pouco de  $\ddot{y}$ , e de novo  $x, y$ : ...o *que estou te oferecendo*... Assim, temos que fechar *três parênteses*:  $F(x, y, f(x, y, \ddot{y}(x, y)))$ .

O que estou levando você é isto: é saber não - você verá - como *surge o sentido*, mas como é de um *nó de sentido* que surge o objeto, o próprio objeto. como pude, o *objeto small(a)*.

Eu sei *disso...* é muito *cativante* ler Wittgenstein.

Wittgenstein, ao longo de sua vida, com admirável ascetismo, afirmou o que eu concentro:

" o que não pode ser dito, bem, não vamos falar sobre isso ".

Ao que ele não podia dizer quase nada. A cada momento ele descia da calçada e estava no córrego, ou seja, voltava a subir na calçada, a calçada definida por essa exigência.

Certamente não é porque meu amigo Kojève formulou expressamente a mesma regra...

Deus sabe que ele não estava olhando para ela!

...mas não é porque ele a formulou que eu me sentiria obrigado a parar na demonstração, na demonstração viva que Wittgenstein deu dela.

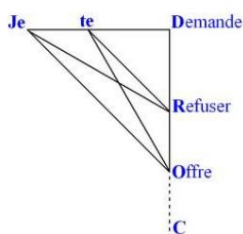
É precisamente, parece-me, que se trata de "isto" do qual não se pode falar, quando designo

" *não é isso* " que por si só motiva um pedido como " *recusar o que vos ofereço* ".

E, no entanto, se há algo que pode ser sensível a todos, é este " *não é aquilo* ".

Estamos lá a cada momento de nossa existência.

Mas então vamos tentar ver o que isso significa porque podemos deixar esse " *não é aquilo* " *em seu lugar*, em seu lugar dominante, de modo que obviamente nunca veremos o fim disso. Mas em vez de cortá-lo, vamos tentar colocá-lo na própria declaração. Não é isso - o quê? Vamos colocar da maneira mais simples, aqui o *eu*, aqui o *você*, aqui *eu te peço* : *D*, *para me recusar* : *R*, *o que eu te ofereço* : *O*, e então há perda: *C*. \_



Mas se não é o que estou te oferecendo, se é porque " *não é isso* " que estou pedindo para você

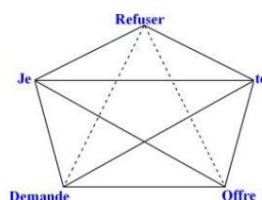
recusar, não é o que estou te oferecendo que você recusa, então não preciso te pedir. E aqui também corta [em R].



Em troca de quê, se não tenho que *lhe pedir para recusar*, por que estou pedindo ? Também corta aqui [em D].



Em troca de quê, retomar em *um esquema mais correto* :



onde o *eu* e o *você* estão aqui, o *D* *pergunte*, aqui, o *R* *efuser*, aqui, e *O* *oferta*, aqui. Ou seja, uma primeira tétrade que é esta:

- *Estou pedindo que recuse.*

Um segundo :

- *recuse o que eu lhe ofereço.*

Talvez - o que não nos surpreenderá - possamos ver, na distância entre os dois pólos distintos da procura e da oferta, que talvez seja aqui que o " *c não é aquele* ".

Mas, como acabei de lhe explicar, se devemos dizer aqui que é o espaço que há, que pode haver entre:

- o que eu tenho que *te perguntar*,
- e o que posso *lhe oferecer*,

a partir de então também é impossível sustentar a relação – do *pedido* à *recusa*, – e da *recusa* à *oferta*.

Preciso comentar em detalhes? Ainda pode não ser inútil.

Pela razão deste primeiro:

você pode se perguntar como é que, afinal, de tudo isso, estou lhe dando um diagrama espacial.

Não se trata de *espaço*, trata-se de *espaço na medida em que projetamos nele nossos esquemas objetivos*.

Mas isso já nos diz o suficiente. Ou

seja, que nossos esquemas objetivos talvez controlem algo de nossa noção de espaço, eu diria, *mesmo antes* de ser controlado por nossas percepções.

Eu sei, estamos inclinados a acreditar que são nossas percepções que nos dão as três dimensões.

Há um homem chamado Poincaré<sup>13</sup> que você conhece, que fez uma tentativa muito legal de demonstrar isso.

No entanto, este lembrete da preliminar de *nossos diagramas objetivos* talvez não seja inútil para apreciar mais exatamente o alcance de sua demonstração.

O que eu quero, o que eu quero enfatizar:

- não é só essa reviravolta de " *não é isso que estou te oferecendo* ",
- para " *não é que você possa recusar* ",
- nem mesmo para " *não é isso que eu peço a*

*você* ", é isso, é isso " *o que não é isso* ", - talvez não

seja nada " *o que eu estou pedindo para lhe oferecer* " e que nós levamos as coisas mal a partir daí - é "o *que te ofereço* ".\_\_\_\_\_

Porque o que significa " *que eu te ofereço* "? Isso

não significa nada *que eu dou*, pois você só tem que pensar sobre isso.

Também não significa *que você tome*, o que daria sentido a " *recusar* ".

Quando *ofereço* algo, é na esperança de que você me devolva.

E é por isso que o *potlatch* existe.

O *potlatch* é o que abafa, é o que transborda o *impossível* que há na *oferenda*, o impossível que é uma dádiva.

---

<sup>13</sup> Henri Poincaré: *Ciência e Hipótese*, Paris, Flammarion, 1968, 2ª parte, cap.III "Geometria de Riemann": "Imaginemos um mundo povoado apenas por seres desprovidos de espessura e suponhamos que esses animais "infinitamente mesmo avião e não pode sair dele. Admitamos ainda que este mundo está longe o suficiente dos outros para ser removido de sua influência. Enquanto fazemos hipóteses, não nos custa mais dotar esses seres de raciocínio e acreditar que são capazes de fazer geometria. Nesse caso, certamente atribuirão ao espaço apenas duas dimensões.

É por isso que o *potlatch* em nosso discurso se tornou completamente estranho para nós.  
O que não surpreende que em nossa nostalgia façamos *com ela o que o impossível suporta*, ou seja, o *real*.  
Mas precisamente: o *real* como *impossível*.

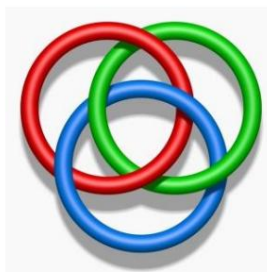
Se não é mais no "o *quê*" do "o *que te ofereço*" que reside o "não é isso", então observemos  
o que procede do *questionamento de oferecê-lo* como tal.

Se não for "o *que te ofereço*", mas "o *que te ofereço*" que estou pedindo que recuse, retiremos a *oferta*...  
este famoso "substantivo verbal" que seria um substantivo menor, é, no entanto, algo  
... tiramos a *oferta*, e vemos que o pedido e a recusa perdem o sentido, pois, o que significa  
"pedir para recusar"?

Você só precisará de um pouco de prática para perceber que é estritamente o mesmo se você remover deste nó: "*Peço-lhe que me recuse o que eu lhe ofereço*", qualquer um dos outros verbos.  
Pois se você retirar a *recusa*, o que pode significar a oferta de um pedido, e como eu lhe disse, é  
da natureza da oferta que, se você retirar o pedido, recusar não significa mais nada.

É justamente por isso que a questão que se coloca para nós não é saber o que está envolvido no "não é isso" que estaria em jogo em cada um  
desses níveis verbais, mas perceber que se trata de desatar cada um desses verbos de é no seu nó com os outros dois que podemos encontrar o  
que está envolvido nesse efeito de sentido na medida em que o *chamo de objeto (a)*.

Curiosamente, enquanto com minha geometria da *tétrade* eu estava pensando ontem à noite como  
eu apresentaria isso para você hoje, aconteceu comigo...  
jantando com uma pessoa encantadora que ouve as lições do Sr. Guilbaud  
...que como um anel no meu dedo [*sic*] me seja dado algo que eu vou agora, que eu quero te mostrar, algo que não é nada menos, parece -  
aprendi ontem à noite - do que o brasão dos Borromeus.  
Precisa de um pouco de cuidado, por isso coloquei lá. E lá vai você!



Você pode fazer isso de novo.  
Você não trouxe nenhuma corda?  
Finalmente, você pode fazer a coisa novamente com as cordas.

Se você copiar isso com cuidado - não cometi nenhum erro - você notará isso:  
é isso - preste bem atenção - esse, o *terceiro*, aí você não vê mais...  
você pode fazer um esforço assim, é acessível  
... você vê-lo mais.

Você pode notar os outros dois, você vê, este vai sobre o da esquerda e vai para lá também. Então eles estão separados.  
Só *por causa do terceiro*, eles se mantêm juntos. Isso, você pode fazer o teste para fazer... se você não tem imaginação,  
você tem que fazer o teste com três pedacinhos de barbante.  
Você verá que eles aguentam.

Mas não há nada a fazer - hein? - Então tudo que você tem a fazer é cortar um, para que os outros dois...  
embora pareçam atados como no caso do que você conhece bem, ou seja, os três anéis dos Jogos Olímpicos,  
não é, e que eles continuam segurando quando há um que deu o fora

... bem aqueles, terminados!

Isso é algo que tem seu interesse mesmo assim, pois é preciso lembrar que, quando falei de *cadeia significante*, sempre sugeri essa  
*concatenação*.



O que é muito curioso...

é isso que também nos permitirá voltar ao *verbo binário*

...é que os *binários*, nós não parecemos ter notado que eles têm um status especial muito relacionado ao *objeto small(a)*.

Se ao invés de pegar o homem e o cachorro, esses dois coitados, como exemplo, tivéssemos pegado o *eu* e o *você*, teríamos percebido que o mais típico de um verbo *binário* é, por exemplo: *foda-se* ”.

ou :

“ *Estou olhando para você* ”,

ou :

“ *Estou falando com você* ”

ou :

“ *Eu te como* ”.

São as 4 *espécies* **14**, assim, as 4 *espécies* *[de (a)]* que não têm precisamente nenhum interesse exceto em sua *analogia gramatical*, ou seja, serem gramaticalmente equivalentes.

Portanto, não temos aí, reduzido, em minúsculo, esse *algo* que nos permite ilustrar essa verdade fundamental de que todo discurso só toma seu sentido de outro discurso?

Certamente a demanda não é suficiente para constituir um discurso, mas tem sua estrutura fundamental que é ser, como me expressei, um *quadrípode*.

Aponte que uma *tétrade* é essencial para representá-la, assim como um *quatérnio de letras* : f, x, y, z, é *essencial*.

Mas “ *pedir, recusar e oferecer* ”, é claro que neste *nó* que hoje apresentei diante de vocês, eles só ganham significado um do outro, mas apenas o que resulta desse nó como tentei desfazê-lo. para você, ou melhor, para fazer a prova do seu desvendar, para te dizer, para te mostrar que nunca depende só de dois, que esse é o fundamento, a raiz, sobre o *objeto pequeno(a)*.

O que isso significa?

Eu te dei o nó mínimo.

Mas você poderia adicionar mais.

“ *Porque não é isso* ” - o quê? - que eu quero.

E quem não sabe que o específico *da demanda* é justamente não poder situar o que está envolvido no *objeto de desejo* ?

*Com este desejo, o que eu te ofereço que não é o que você deseja*, facilmente completariamos *a coisa* com o *que você deseja que eu lhe peça*. E a *carta de a-mur* se estenderá indefinidamente.

Mas quem não vê o caráter fundamental, para o discurso analítico, de tal concatenação?

uma vez eu disse...

muito tempo atrás, e ainda há pessoas que não se importam

...que uma análise só termina quando alguém pode dizer:

— não “ *eu estou falando com você* ”,

— nem “ *Estou falando de mim* ”,

— mas “ *é sobre mim que estou falando*

*com você* ”, ... foi um primeiro esboço.

Não fica claro que o discurso do analisando se baseia justamente nisso:

“ *Estou pedindo que me recuse o que estou lhe oferecendo, porque não é isso* . ”

Essa é a *demand fundamental*, e é aquela que, ao descuidar, o analista sempre *engravid mais*.

Fui irônico em um momento: “ *com oferta, há demanda* ” .

Mas a exigência que satisfaz é o reconhecimento desta coisa fundamental: que o que se pede “ *não é isso* ”.

---

14 Ou seja, as quatro ocorrências do *objeto (a)* na ordem de seu enunciado naquele dia: o *objeto anal*, o *objeto escópico*, o *objeto vocal*, o *objeto oral*.

As coisas são tais que, como pretendo este ano falar-vos *do Um*, começarei hoje a expor o que está envolvido no Outro.

Desse Outro, com O maiúsculo, sobre o qual recolhi, há algum tempo, a preocupação... a preocupação marcada por *um marxista* a quem devia o lugar de onde pude retomar meu trabalho...a preocupação que era essa: que esse Outro fosse esse terceiro que ao avançá-lo na relação do casal ele - ele o *marxista* - só poderia identificá-lo com Deus.

Essa preocupação com o futuro progrediu o suficiente para inspirá-lo com uma desconfiança irredutível do lugar do *rastro* que eu poderia deixar?

Esta é uma questão que deixarei de lado por hoje, pois começarei com o desvelamento muito simples do que está envolvido nesse Outro que escrevo efetivamente com A maiúsculo.

O Outro em questão, o Outro, é o do casal sexual - esse mesmo - e é por isso mesmo que nos será necessário produzir o significante que só pode ser escrito como aquilo que ele barra, esse grande A: S(A).

" *Nós* - não é fácil, hein...

" *Nós* - sublinho sem parar porque não daria um passo...

" *Só gostamos do Outro* ".

É mais difícil avançar nisso, que parece se impor, porque o que caracteriza o gozo... depois do que eu disse...se *esquivaria* : devo dizer que " *um é usufruído apenas pelo outro* "?

É de fato o abismo que a questão da existência de Deus nos oferece, justamente aquele que deixo no horizonte como inefável.

Porque o que importa...

não é a relação com o que goza, do que poderíamos acreditar nosso ser...o importante, quando digo que " *só gostamos do Outro* ", é o seguinte: é que não gostamos dele sexualmente - *não há relação sexual* - nem não o desfrutamos.

Você vê que " *lalíngua* " - *lalíngua* que escrevo em uma única palavra - *lalíngua* que é, no entanto, " *boa menina* ", aqui, resiste. Ela faz beicinho.

Gozamos - é preciso dizer - do Outro: gozamo-lo " *mentalmente* ".

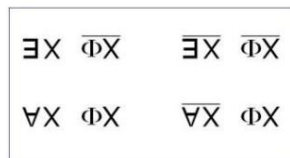
Há uma observação neste *Parmênides*, bem não há, que aqui assume o seu valor de modelo, por isso recomendo que você vá se limpar um pouco lá. Naturalmente, se você o ler pelos *comentários* que se fazem dele na Universidade, bem, você o colocará na linhagem dos filósofos, verá ali que é considerado um exercício particularmente brilhante. Mas depois deste pequeno *olá*, dizem-lhe que não há muito a ver com isso, que Platão simplesmente empurrou para lá, até o último grau de acuidade, o que você deduzirá de sua teoria *das formas*.

Você pode precisar lê-lo de forma diferente. Deve ser lido com *inocência*. Observe que de vez em quando algo pode tocá-lo, se apenas por exemplo esta observação, quando ele se aproxima, assim, bem de passagem, no início da 7ª hipótese que parte de " *se o Um não é* ", bem no margem ele diz:

"E *se disséssemos que o Ninguém não é ?* ". E aí ele se empenha em mostrar que a negação de qualquer coisa, não só do *Uno*, do *não grande*, do *não pequeno*, essa negação como tal se distingue por não negar o mesmo termo.

De fato, é disso que se trata, a negação do gozo sexual, que peço que pare neste momento.

Que eu escreva este *S parêntese do grande A riscado* : S(A), que é a mesma coisa que acabo de formular: que " *do Outro goza-se mentalmente* ", isso *escreve* algo sobre o Outro, e como Avancei: como termo da relação que, de desaparecer, de não existir, torna -se o *lugar onde se escreve*, onde se escreve como se escrevem essas quatro fórmulas, para transmitir conhecimento.



Porque já fiz, parece-me, bastante alusão, o *conhecimento* na matéria, esse conhecimento *talvez seja* ensinado, mas o que se transmite é a fórmula.

É precisamente porque um dos termos se torna o *lugar onde se escreve a relação*, que não pode mais ser *uma relação*, pois o termo muda de função, torna-se o *lugar onde se escreve* e a relação só deve ser escrita precisamente *em vez* de esse termo.

Um dos termos da relação deve ser esvaziado para permitir que ela, essa relação, seja escrita.

É, de fato, de que maneira esse “*mentalmente*” que apresento anteriormente entre aspas que a fala não consegue enunciar, é isso que retira radicalmente desse “*mentalmente*” qualquer âmbito de *idealismo*.

Este *idealismo* inegável de vê-lo se desenvolver sob a pena de Berkeley, *observações* que espero que você conheça, que são todos baseados neste “*que nada do que é pensado é apenas pensado por alguém*”.

Isso sim é um argumento, ou mais exatamente um argumento irredutível que teria mais força se fosse uma pergunta, se admitisse do que se trata: o *gozo*. Você só gosta de suas *fantasias*.

É isso que daria margem ao idealismo que ninguém, aliás, apesar de indiscutível, leva a sério.

O importante é que *você aproveite suas fantasias* e é aí que eu posso voltar ao que eu estava dizendo antes, que é que, como você pode ver, até *lalíngua* “*quem é uma boa menina*” não deixa essa palavra facilmente.

Esse *idealismo* sugere que se trata de *pensamentos*, para sair disso a *linguagem* “*quem é uma boa menina*” mas não tão *boa menina*, talvez possa lhe oferecer algo, que eu ainda não vou precisar escrever pedir-lhe para fazer este “*aquilo*” soar diferente.

Finalmente... se você tem que ouvir: *rabo*, “*rabo de pensamentos*”, isso é o que *permite a boa fillerie de lalíngua em francês...*

é nessa linguagem que me expresso, não vejo porque não vou aproveitar,

se eu falasse outra, encontraria outra coisa

...não são “*caudas de pensamentos*”

“, - não, como diz o idealista, na medida em que são pensadas,

nem mesmo apenas que os pensemos “*portanto eu sou*”, o que não deixa de ser um progresso –

mas que eles *realmente* se pensem [cf. “*Penso, portanto, que é apreciado*”].

É aqui que me encaixo...

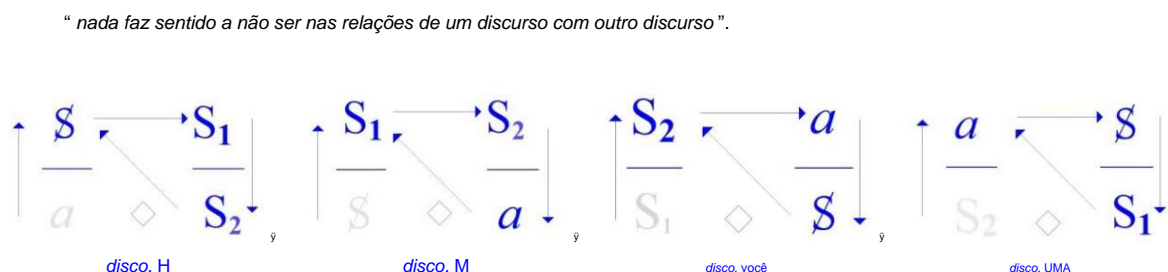
até onde tem o menor interesse, porque não

vejo por que me classificaria filosoficamente

...eu através de quem emerge um discurso que não é discurso filosófico, *especificamente discurso psicanalítico* ...

aquele cujo diagrama eu reproduzi à direita [disco. TEM]

...que eu chamo de “*discurso*” por causa do que indiquei, é que:



Isso supõe, é claro, este exercício, ao qual não posso dizer, nem esperar, que realmente tenha quebrado você.

Claro, tudo isso passa como a água das penas de um pato desde...

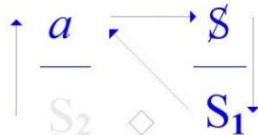
e além disso, é isso que faz a sua existência

...você está muito solidamente inserido nos discursos anteriores, que estão lá há um tempo, um salário, o discurso filosófico incluído, na medida em que o *discurso universitário* o transmite para você, ou seja, em que estado ...

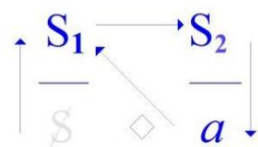
você está firmemente instalado lá e isso faz o seu prato.

Aqueles que ocupam o lugar desse Outro, desse Outro que estou trazendo à luz, não devem acreditar que estão muito mais em vantagem sobre vocês, mas, mesmo assim, colocaram em suas mãos móveis que não são fáceis de lidar com. Nesse móvel, está a poltrona cuja natureza ainda não identificamos muito bem.

A poltrona é, no entanto, essencial, porque a especificidade desse *discurso* é permitir esse *algo* que está escrito lá em cima à direita, em forma de S, e que é como toda escrita, uma coisa muito linda...



que o S é o que Hogarth dá para o traço de beleza, não é exatamente uma coincidência, deve ter um significado em algum lugar, e então tem que ser riscado, certamente também tem um ...mas enfim, o que acontece a partir desse assunto riscado é algo que é curioso que eu o escreva da mesma forma [ou seja, "S" também] como este que ocupa outro lugar no *discurso do Mestre*, o lugar dominante.



Esse S de 1 [S1] é justamente o que estou tentando para você, na medida em que estou falando aqui, é o que estou tentando produzir para você. No que, já o disse muitas vezes, sou, pelo contrário, o mesmo...

e é isso que ela é professora

...Estou no lugar do *analizando*.

O que está escrito, foi pensado? Essa é a questão.

Já não se pode dizer *por quem* foi pensado, e é mesmo, em tudo o que está escrito, com o que se trata.

A " *cauda de pensamentos* " de que falava é o próprio sujeito, o sujeito como *hipotético* desses pensamentos...

essa *hipotética*, você tem falado tanto sobre isso desde Aristóteles, do

yyyyyyyyyy [upokeimenon] que era, no entanto, muito claro, nós fizemos tal

coisa, não é, que um gato não o encontraria? mais seus pequeninos

...vou chamá-la de " o rabo ", precisamente o rabo , esse *rabo de pensamentos desse algo real*

que produz esse " *efeito de cometa* " que chamei de " *cauda dos pensamentos* " e que talvez seja de fato o *falo*.

Se o que está acontecendo lá não é capaz de ser reconquistado pelo que acabei de chamar de *trollagem*...

o que só é concebível porque o efeito que é, é da mesma projeção que seu advento, ou seja, a

*desordem*, se você me permite chamar assim a disjunção da relação sexual.

. \_ \_ \_ \_ \_ percebendo ao escrevê-lo que eram pensamentos...

porque a *escrita*, não importa o que aconteça, vem *depois* que esses pensamentos, esses pensamentos reais, ocorreram

...é nesse esforço de repensar, esse *nachträglich*, essa *repetição* que é o fundamento do que a *experiência analítica nos revela*.

Que está escrito é a prova...

mas prova apenas do efeito de recuperação, *nachträglich*

...essa é a base da psicanálise.

Quantas vezes nos *diálogos filosóficos* você vê o argumento " se você não me segue lá, não há filosofia ".

O que vou lhe dizer é exatamente a mesma coisa, uma de duas coisas:

– ou o que ainda se recebe em comum, em tudo o que se escreve sobre psicanálise, em tudo o que *flui da pena* dos psicanalistas, a saber, que o que pensa não é pensável, e então *não há psicanálise*,

– [ou] para que haja psicanálise, e para ser honesto, interpretação,

de que parte a " *cauda dos pensamentos* " deve ter sido o pensamento - o pensamento como pensamento real.

Por isso fiz você brindar com este Descartes, o "*penso logo existo*" não significa nada se não for verdade.  
É verdade porque "*logo existo*" é o que penso antes de conhecê-lo e - goste ou não - é a mesma coisa.

A mesma 'coisa' é o que chamei corretamente de 'A Coisa Freudiana'.

É justamente porque é a mesma coisa...

este "eu penso" e o que penso, isto é: "portanto sou"

...é precisamente porque é a mesma coisa, que não é equivalente.

Porque é por isso que eu falei de A Coisa Freudiana, é porque em uma Coisa, duas faces...

e escreva como quiser: "face" ou "do"

...dois rostos não só não são equivalentes, quer dizer, substituíveis um pelo outro ao dizer, não é equivalente, nem mesmo é o mesmo.

Por isso só falei de La Chose freudienne de uma certa maneira.

O que eu escrevi lê. É até curioso que seja uma das coisas que te obriga a lê-lo novamente.

É para isso que foi feito.

E quando você relê, percebe que não estou falando de La Chose...

porque não podemos falar sobre isso, falar sobre isso

...Eu o faço falar por si mesmo, A Coisa em questão afirma:

"Eu a verdade, eu falo. 15 »

E ela não fala, claro, assim...

mas tem que ser visto, por isso mesmo escrevi

...ela diz isso em todos os sentidos, e ousa dizer que não é uma faixa ruim :

"Só posso ser apreendido nos meus esconderijos".

O que está escrito sobre a Coisa deve ser considerado como o que está escrito sobre ela vindo dela, não de quem está escrevendo.

Isso é realmente o que faz a ontologia...

em outras palavras, a consideração do assunto como sendo

ontologia é uma vergonha se você me permite ["honto-logia"].

Então você ouviu direito - não é? - você tem que saber do que estamos falando:

– Ou o "*logo existo*" é apenas um pensamento, para demonstrar que é o impensável que pensa.

– Ou é o fato de *dizê* -lo que pode agir sobre a Coisa, o suficiente para que saia diferente.

E é nisso que todo pensamento pensa suas relações com o que está escrito sobre ele.

Caso contrário, repito: nada de psicanálise.

Estamos no "*inan*" que é atualmente o mais difundido, o *inanalizável*.

Não basta dizer que é *impossível*, porque isso não exclui sua prática.

Para que seja praticada sem ser "*inan*", não é a qualificação de "*impossível*" que importa, é sua relação

com o *impossível* que está em questão, e a relação com o *impossível* é uma relação de *pensamento*.

Essa relação não teria sentido se a *impossibilidade demonstrada* não for estritamente uma *impossibilidade* do pensamento porque é a única demonstrável.

Se encontramos o *impossível* em sua relação com o *real*, ainda temos que dizer isso que te dou de presente...

Ganhei de uma mulher charmosa, distante no meu passado, mas ainda marcada por um cheiro encantador de sabonete [risos], com o sotaque valdense que ela soube adotar para - ao mesmo tempo que se purificava - sabendo o catch up

"Nada é impossível para o homem...

ela disse - eu não posso imitar o sotaque valdês para você, eu não nasci lá

...o que ele não pode fazer, ele vai embora" [Risos].

Isso é para centrar você no que está envolvido no *impossível*, na medida em que esse termo é aceitável para alguém em sua consciência.

---

15 "A coisa freudiana" em *Escritos*, Seuil, 1966, p. 409.

Ora, esse cancelamento do Outro só ocorre neste nível onde se inscreve da única maneira que pode ser inscrito, a saber, como o inscrevo:  $\ddot{y}$  de X e a barra acima [S]. O que significa que não se pode escrever apenas o que a obstrui, ou seja, que a função fálica não é verdadeira. Então o que isso significa ?

A saber, existe X, tal como se poderia inscrever nesta negação da verdade da função fálica [S]. É isso que merece que o articulemos de acordo com os tempos, e você vê claramente que o que vamos questionar é exatamente esse status de existência, na medida em que não é claro. Acho que você teve seus ouvidos, sua compreensão, banalizados com a distinção entre *essência* e *existência* por tempo suficiente para não se contentar com isso.

Que haja naquilo que o *discurso analítico* nos permite dar sentido aos discursos precedentes [d. H,U,M], é apenas algo que poderei, em última análise, a partir da conexão dessas fórmulas, apreender apenas a partir do termo de uma motivação cujo não percebido é o que gera, por exemplo, a dialética hegeliana, que, por esse *fato não percebido*, apenas dispensa - se assim posso dizer - considerar que o *discurso* como tal governa o mundo. Sim...

Aqui estou encontrando uma pequena nota lateral.  
Não vejo por que não retomo essa digressão, tanto mais que você só pede isso, só pede isso porque se eu for direto, cansa.

O que deixa uma sombra de sentido no discurso de Hegel é *uma ausência*, e muito precisamente *essa ausência de mais-valia* tal como é extraída do gozo no real do discurso do Mestre. Mas *essa ausência* nota alguma coisa: ela nota realmente o Outro não como abolido, mas precisamente, como a *impossibilidade de um correlato*, e é presentificando essa *impossibilidade* que colore o discurso de Hegel.

Porque você não perderá nada relendo, não sei, simplesmente o prefácio da "*Fenomenologia do Espírito*" em correlação com o que estou propondo aqui...

      você vê todos os deveres de casa de férias que eu te dou: "*Parmênides*" e "*Fenomenologia*",  
      o "*Prefácio*" pelo menos porque a *Fenomenologia*, claro que você nunca leu.

      Mas o *prefácio* é muito bom. Só vale o trabalho de revisá-lo.

E você verá que isso confirma, que faz sentido o que estou lhe dizendo.

Ainda não ousou prometer que o *Parmênides* fará o mesmo: fará sentido, mas espero que sim.  
Porque é próprio de um *novo discurso* renovar o que se perde na fiação dos velhos discursos : justamente o sentido.

Se eu lhe dissesse que *há algo que colore esse discurso de Hegel*, é que ali a palavra *cor* significa outra coisa que não o *significado*. A promoção do que proponho, precisamente o *descolora*, completa o efeito do discurso de Marx, onde há algo que gostaria de sublinhar e que constitui o seu limite.

Trata-se de *um protesto*, que passa a consolidar o *discurso do Mestre* complementando-o, e não apenas agregando valor, incitando...

      Eu tenho a sensação de que isso vai causar um rebuliço  
...encorajando as mulheres a existirem como *iguais*.

Igual a quê?

Ninguém sabe, pois também podemos dizer muito bem que o homem é igual a zero, pois ele precisa da existência de algo que o negue para que ele exista como "*todo*".

Em outras palavras, o tipo de "*confusão*" [ou *seja, o " todos " que os " confunde "*] que não é incomum, vivemos em confusão e seria errado acreditar que *vivemos em confusão*, não é ok. , não vejo por que a falta de confusão impediria a vida.  
É até muito curioso que nos apressemos para lá, é mesmo o caso de o dizer: corremos para lá.

Quando surge um discurso, como o *discurso analítico*, o que ele oferece é ter as costas fortes o suficiente para sustentar a trama da *verdade*. Todo mundo sabe que as conspirações - hein? - acaba.  
É mais fácil fazer tanto *blá-blá-blá* que você acaba identificando todos os conspiradores muito bem.  
Confundimos, precipitamo-nos na negação da divisão sexual, da diferença, se preferir:

— Se eu disse "*divisão*", é porque está operacional.

— Se digo "*diferença*" é porque é precisamente isso que este uso do sinal de "*igual*" pretende apagar:  
*mulher = homem*.

O que é ótimo, não é, o que é ótimo, eu vou te dizer - não é toda essa besteira -  
o que é formidável é o obstáculo que eles pretendem transgredir com essa palavra grotesca.  
Ensinei coisas que não pretendiam *transgredir nada*, mas *identificar um certo número de nós, pontos de impossibilidade*.  
Em contrapartida, claro, há pessoas que se incomodaram com isso, porque foram os *representantes, as "sedes" do discurso psicanalítico* na prática, que me deram um daqueles golpes que enfraquecem a voz.

Aconteceu comigo por um cara legal, fisicamente, assim...  
ele fez isso comigo um dia, é um amor!  
...ele colocou muita coragem nisso! Ele fez isso "apesar de" eu estar ao mesmo tempo sob ameaça...  
algo em que eu particularmente não acreditava, mas de qualquer forma eu agi como se  
...de uma arma.

Mas os caras que me cortaram a voz em um determinado momento, não fizeram "mesmo assim", fizeram "porque" estava sob a mira de uma arma, aquele, um de verdade, não um brinquedo, como o outro". Consistia em submeter-me ao exame, ou seja, ao *padrão* precisamente de pessoas que nada queriam ouvir do *discurso analítico*, embora ocupassem a posição "sentada" dele.

Então, "o que você queria que eu fizesse? *[Risos]*".  
Enquanto eu não me submetesse a esse exame, eu estava condenado *antecipadamente*, não é, o que, claro, facilitou muito a minha corte de voz...  
Ah! Porque há uma voz. Durou assim por vários anos, devo dizer, eu tinha tão pouca voz.

Mesmo assim, tenho uma voz da qual nasceram os "Cahiers pour la psychanalyse", uma *literatura muito, muito, muito boa*, Eu definitivamente os recomendo a você, porque eu estava tão ocupado com minha voz que eu, esses *Cahiers pour la psychoanalyse*, para dizer a verdade, não posso fazer tudo, não posso ler o *Parmênides*, reler a *Fenomenologia* e outras coisas *[risos]* e depois também li os *Cahiers pour la psychoanalyse*.

Eu tive que voltar aos meus pés!  
Eu tenho alguns agora, eu os li de capa a capa, é ótimo! *[Risos]*  
É ótimo, mas é marginal porque não foi feito por psicanalistas.  
Durante esse tempo em que os psicanalistas conversavam, nunca se falava tanto em transgressão ao meu redor como na época em que tive o *[gesto do dedo indicando a garganta cortada]* Ufa! Então! Sim...

Porque imagina, quando se trata do *real impossível*, o *impossível* que se demonstra, o *impossível* como se articula, e que, claro, tomamos o tempo.

Entre os primeiros rabiscos que permitiram o nascimento de uma lógica a partir do questionamento da linguagem, depois o fato de termos percebido que esses rabiscos encontraram algo que existia...

mas não do modo como acreditávamos até então, o modo de ser, ou seja, do que cada um de vocês acredita ser, a pretexto de que são indivíduos

...percebemos que havia coisas que existiam  
no sentido de que constituem o limite do que pode conter o avanço da articulação de um discurso.

Este é o verdadeiro!  
Sua abordagem pelo que chamo de *simbólico* e que significa os modos do que é enunciado por esse campo, esse campo que existe da linguagem, esse *impossível* na medida em que se manifesta, não pode ser transgredido.  
Há coisas que estão identificadas há muito tempo, talvez uma identificação mítica, mas uma identificação muito boa.  
Não apenas do que está envolvido nesse *impossível*, mas de sua motivação.  
Muito precisamente saber que a *relação sexual não está escrita*.

No gênero nunca fizemos nada melhor do que, não direi religião...  
porque como eu vou te dizer, vou te explicar detalhadamente, não se faz *etnologia* quando se é *psicanalista*, e afogar a religião assim em um termo geral, é a mesma coisa que fazer *etnologia*  
...Também não posso dizer que existe apenas uma, mas existe aquela em que estamos imersos, a religião cristã.  
Pois acredite, a religião cristã se dá muito bem com suas transgressões.

Até isso é tudo o que ela quer, é isso que a consolida: quanto mais transgressões houver, mais lhe convém.  
E é disso que se trata, é demonstrar onde está a *verdade* no que faz um certo número de discursos que te enredam.

vou terminar hoje...

Espero não ter estragado meu anel... *[Risos]*

... Terminarei hoje no mesmo ponto com que comecei.

Comecei do Outro, não saí dele, porque o tempo passa e afinal, não acredite que quando a sessão terminar, não me canso.

Vou, portanto, encerrar o que eu disse, característica local, sobre o Outro, deixando o que talvez seja do que tenho a adiantar para vocês sobre qual é o ponto de pivô, o ponto que estou apontando para este ano, ou seja, *o Um*.

Não é à toa que eu não abordei isso hoje, porque você verá, não há nada tão escorregadio quanto este .

É muito curioso, na verdade de coisa que tem rostos que não são *inumeráveis*, *mas singularmente divergentes*, você vai ver que é mesmo *o Uno*.

O Outro, não é à toa que primeiro tenho que tomar seu apoio.

O outro...

ouça bem

...é, portanto, um ENTRE: o Entre do qual se trataria na *relação sexual*, mas deslocado e justamente para *ser Outro*.

De *s'Autreposer*, é curioso que ao postular esse Outro, o que eu tinha a apresentar hoje diz respeito apenas à mulher, e é ela quem, dessa figura do Outro, nos dá a ilustração ao nosso alcance, do ser como escreveu um poeta,

« entre o centro e a ausência 16 »

– Entre o significado que assume no que chamei de “ *pelo menos um* ” onde não o encontra apenas no estado do que vos anunciei - anunciado, não mais! - ser apenas pura existência.

– Entre o centro *e a ausência* o que se torna – o quê? - para ela precisamente este segundo compasso que eu só poderia escrever definindo-o como “ *não tudo* ” [...] : aquilo que não está contido na função fálica sem, no entanto, ser sua negação.

Seu modo de presença está *entre o centro e a*

*ausência*, – entre a função fálica da qual ela participa, sobretudo porque o “ *pelo menos um* ” que é seu parceiro no amor, renuncia a ela por ela,

– que lhe permite deixar o que não participa, na *ausência* que não é menos *prazerosa*, ser a “ ausência de gozo ”.

E acho que ninguém dirá que o que estou afirmando sobre a função fálica decorre de um mal-entendido sobre o que está em jogo no gozo feminino.

É ao contrário do que a “ presença de gozo ” - se assim posso me expressar - da mulher...

nesta parte que não a torna “ *não inteiramente* ” aberta à função fálica

...é porque essa “ *presença de gozo* ”, “ *o pelo menos um* ” tem pressa em habitá-la, numa interpretação radicalmente equivocada do que exige sua existência.

É por causa dessa má interpretação que

– que não pode mais existir, – que a

*exceção* de sua própria existência é excluída,

que então esse estatuto do Outro - fato de não ser universal - desaparece e que a *ignorância* do homem é *necessária*.

Qual é a definição de *histérico*.

É isso que vou deixar para vocês hoje.

Eu coloco um ponto, e te dou uma consulta em oito dias.

A sessão de Sainte-Anne cai em tal dia - a primeira quinta-feira de abril - que aviso aos que estão aqui para que avisem os outros que assistem a Sainte-Anne: ela não acontecerá.

---

16 Henri Michaux: “ *Entre o centro e a ausência* ”, ed. Matarasso, 1936.



Da última vez, eu lhe disse algo que estava centrado no Outro.

O que é mais conveniente do que o que vou falar hoje, do qual já caracterizei para vocês o que se poderia chamar de *relação*, a relação com o Outro, muito precisamente porque não pode ser *inscrita*, o que não torna as coisas mais fácil.

É o *Um*.

Do *Uno*, na medida em que já vos indiquei, indicando-vos também como o seu rastro entrou no *Parmênides* de Platão, cujo primeiro passo para entender algo sobre isso é perceber que tudo o que ele diz sobre isso - como dialetizável, como desenvolvimento - de qualquer discurso possível sobre o sujeito do *Uno*, é primeiro - e tomá-lo apenas neste nível, o que significa nada mais, como ele se expressa - que "é *Um*".

E talvez haja um certo número de vocês que, por minhas adjurações, abriram este livro e perceberam que não é a mesma coisa que dizer que "o *Um* é":

- "É *Um*", esta é a primeira hipótese,
- e "o *Um* é" é o segundo.

Eles são distintos. Naturalmente, para que isso acontecesse, você teria que ler Platão com um pouco de algo que viria de você, Platão não teria que ser para você o que ele é: um autor.

Você foi treinado desde a infância para fazer "carona de autor".

Desde o tempo que passou em mores, esta forma de te dirigir às coisas aí, como autorizado: você deve saber que isso não leva a lugar algum, mas é claro que pode levá-lo muito longe.

Estas observações sendo feitas, é do *Um*, portanto...

por motivos pelos quais *ainda* terei que me desculpar, porque em nome do que eu o ocuparia com isso?

...é sobre *Aquele* que eu vou falar com vocês hoje.

Até por isso inventei uma palavra que serve de título do que vou contar para vocês.

Não tenho muita certeza, tenho até certeza do contrário: não inventei o "unário".

O traço unário que em 62 acreditei poder extrair de Freud que o chama de *einzig*, traduzindo-o assim.

O que parecia milagroso para alguns na época.

É muito curioso que o *einzig Zug*, a 2ª forma de identificação distinguida por Freud, nunca os tenha retido até agora.

Por outro lado, a palavra, que abraçarei com o que vou dizer hoje, é completamente nova, e se faz por precaução, porque na verdade há muitas coisas que interessam ao *Uno*.

Para que não seja possível... vou tentar, no entanto, engendrar desde já algo que situe o interesse que o meu discurso...

na medida em que ele próprio é uma câmara de compensação para o discurso analítico

...o interesse que meu discurso tem em passar pelo *Uno*.

Mas primeiro tome o campo dela, designado grosseiramente, portanto, de "o unien": *unien*

É uma palavra que nunca foi dita, mas que, no entanto, tem seu interesse em trazer uma nota - uma nota de despertar - para você cada vez que o *Uno* estiver interessado e que, ao tomá-la assim, sob uma forma de epíteto, ele te lembrará do que Freud...

[*lapsus*] o que Platão promove em primeiro lugar: é que por sua natureza tem várias vertentes.

Na análise deixe-se falar, o que acho que não lhe escapa, lembrando o que preside a essa bizarra assimilação de *eros* ao que tende a coagular. Sob o pretexto de que o corpo é muito obviamente uma das formas do *Uno*, que ele mantém coeso, que é um indivíduo salvo acidente, é - é singular - promovido por Freud.

E é isto, para dizer a verdade, que põe em causa a *díade* por ele apresentada de *ÿÿÿÿ* [Eros] e *ÿÿÿÿÿÿÿ* [Tanathos].

Se não fosse apoiada por outra figura, que é precisamente aquela em que a *relação sexual falha*, nomeadamente a do *Um* e do "não-um", ou seja, o zero, é difícil ver a função que este casal fantástico poderia desempenhar.

É verdade que serve, serve a um certo número de mal-entendidos, de fixar a *pulsão de morte*, assim dito erradamente e completamente. Mas é certo que, em todo caso, o *Um* não pode, nesse discurso selvagem que se institui a partir da tentativa de enunciar a relação sexual, é estritamente impossível considerar a cópula de dois corpos simplesmente como 'a'.

É extraordinário que, a esse respeito, o "*Banquete*" de Platão ...  
enquanto os estudiosos zombam de "*Parmênides*" ...  
O "*Banquete*" de Platão é levado a sério como representando qualquer coisa relacionada ao amor.

Alguns ainda devem lembrar que usei em um ano...  
exatamente o anterior ao que mencionei anteriormente, o ano 61-62  
...foi em 1960-61 que tomei o *Le Banquet* como meu campo de  
treinamento e não pensei em outra coisa senão *transferi*-lo <sup>17</sup>.

Até segunda ordem - a transferência - que há algo da ordem de 2, talvez, no seu horizonte, não possa passar por uma cópula. Mesmo assim, acho que indiquei um pouco então o modo de escárnio em que se passa essa cena, muito estritamente chamada de bacanal.

Se é Aristófanes quem promove, quem inventa, a famosa "*bipartição do ser*" que à primeira vista seria apenas "*besta de duas costas*" que segura firme, e da qual é o ciúme de Zeus que faz dois a partir daí, basta dizer em que boca [Aristófanes] colocou essa afirmação para indicar que estamos nos divertindo, estamos nos divertindo além do mais.

O mais enorme é que não parece que aquela que coroa todo o discurso, a chamada Diótima, não desempenhe outro papel, pois o que ela ensina é que o amor só se prende ao que o *amado*  
- seja ele homo ou hetero - *não tocamos nisso*, que só conta a Afrodite Urana.

Isso não quer dizer precisamente que é *Aquele* que reina sobre o *ýýýý* [Eros].  
Isso já seria uma razão para apresentar algumas propostas - já aprovadas em outros lugares - sobre o *One*, se não houvesse também isto: é que na experiência analítica o primeiro passo é introduzir *-lhe o Um*, no analista que somos, fazemos com que ele dê o passo de entrada.

Por meio do qual o analisando em questão – este – o primeiro modo de sua manifestação, é obviamente repreender você por ser apenas "*Um entre outros*", mas é claro que sem perceber.  
Em troca do que ele manifesta, é justamente que esses *outros*, ele não tem nada a ver com eles, e é por isso que com você - o analista - ele gostaria de ser o único para que isso faça *dois*, e que ele não sabe que o que está em jogo é precisamente que ele perceba que *dois*,  
é este *Um* que ele acredita ser e onde é uma questão que ele se divide.

Portanto, "*Yad'lun*".

Deveria escrever isso, hoje não estou muito inclinado a escrever mas de qualquer forma porque não: *Yad'lun*.  
Por que não escrever assim?

*Escrevendo assim*, você vai ver, tem um certo interesse que não deixa de justificar a escolha deste *Unien mais cedo*.  
É aquele "*Yad'lun*" escrito assim, destaca algo favorável à língua francesa, e do qual não sei se podemos tirar a mesma vantagem de "*há*" ou de "*es gibt*".

Quem souber usar pode me indicar. *Es gibt* comanda o acusativo, não é?  
Nisto:

– *es gibt einen... algo*, quando é masculino, – *há*, podemos  
dizer *que há um, há um... algo*.

Eu sei muito bem que existe o *aí* que é um começo desse lado, mas não é simples.  
Em francês podemos dizer: *Y'en a*.

Curiosamente, falhei...

isso não quer dizer que não possa ser encontrado, mas no final assim, na maneira um tanto apressada como eu procedo apesar de tudo, a função da pressa na lógica eu sei um pouco sobre isso, eu tenho que me apressar, o tempo está me pressionando

...Eu não podia ver, encontrar nada, ou apenas...

Vou contar o que consultei: – o "*Litttré*", –  
o "*Robert*", enquanto estive lá,

– o "*Damourette et Pichon*" e alguns outros de qualquer maneira.

---

17 Cf. Seminário 1960-61: "*A transferência em sua disparidade subjetiva, sua suposta situação, suas excursões técnicas*". limite de 2001.

O surgimento histórico...

tudo que um dicionário como o " *Bloch e von Wartburg* " é feito para lhe dar  
...o surgimento de uma fórmula tão capital quanto " *há* " que significa que: " *há* ".

É sobre o pano de fundo do indeterminado que surge o que propriamente designa e aponta para o " *há* ", do qual, curiosamente, " *há* " - vou dizer *que não* há - não há de equivalente - é true - de equivalente atual no que chamaremos de línguas antigas.

Em nome do que, precisamente, se designa que o discurso...  
bem como dito e demonstrado pelo " *Parmênides* "  
...o discurso muda.

É justamente nisso que o *discurso analítico* pode representar uma emergência e que talvez se trate de você fazer algo com ele, se é que assim que eu desaparecer...

aos olhos de muitas mentes, é claro sempre presente possível, se não iminente  
...assim que eu desapareço, esperamos, no mesmo campo, a verdadeira chuva de lixo que já está se aproximando porque achamos que não pode mais existir. *[Risos]*

No *rastro do meu discurso*, talvez fosse melhor para aqueles que pudessem dar um seguimento a este *pioneirismo* para consolidar, do qual felizmente também, tenho em um lugar, um lugar muito preciso, algumas premissas, mas raras.

Porque as pessoas passam o tempo me incomodando com o fato de saber " *a relação do discurso analítico com a revolução* ". Talvez seja precisamente ele que carrega o germe *de qualquer revolução possível*, do que não se deve confundir *a revolução* com a imprecisão na alma que pode levá-lo assim a qualquer momento sob esse rótulo.  
Não é bem a mesma coisa.

" *Y en a* ", portanto, é contra o pano de fundo de algo que não tem forma.  
Quando dizemos " *y'en a* " geralmente significa " *y'en a du...* " ou " *y'en a des...* ".  
Podemos até acrescentar de vez em quando a esse " *algun* ", " *algun que* ": *alguns que pensam, alguns que se expressam, alguns que contam*, coisas assim... fica um pano de fundo de indeterminação.

A questão começa com o que significa " *do Uno* ".  
Porque assim que o *Uno* é declarado, o " *de* " está lá apenas como um pedículo fino sobre o que está envolvido nesse pano de fundo.  
De onde surge este *Um* ? É exatamente isso que, na *primeira hipótese*, Platão tenta avançar, dizer como pode, por falta de outras palavras à sua disposição, *ÿÿ ÿÿ ÿÿÿÿ* : *se ele é Um* ?

Porque *ÿÿÿÿ* claramente tem aqui a função de complementar o que não é acentuado como em francês " *há* ".  
E o que certamente deveria ser traduzido...

Eu entendo o escrúpulo que impede os tradutores de lá  
...deveria certamente ser traduzido: " *se há Um* " ou o *Um*, cabe a você escolher.  
Mas o que é certo é que Platão escolhe, e que seu *Um* não tem nada a ver com o que abrange.

Há até algo notável, que é que o que ele demonstra imediatamente é que não pode ter nenhuma relação com nada de que ele fez uma revisão metafísica em mil formas e que chama *a díade* como na experiência - no *experimento de pensamento* - ela Está em todo o lugar:

— o maior — o menor, — o mais novo  
— o mais velho *etc., etc.*, — o incluindo — o  
incluído,  
— e qualquer outra coisa desse tipo.

O que ele começa por demonstrar é precisamente isso, tomar o *Um* por meio de uma *interrogação discursiva*.  
E quem é questionado lá?

Obviamente não é o pobrezinho, o querido querido, o chamado Aristóteles, se bem me lembro, que parece difícil acreditar que poderia ser naquele momento aquele que nos deixou sua memória,  
é bastante claro que, como em qualquer diálogo, em qualquer *diálogo platônico*, não há vestígio de um interlocutor.

Parece que se chama *diálogo* apenas para ilustrar o que já afirmei há muito tempo, que *diálogo* precisamente, *não existe*. Isso não significa que não haja, presente no fundo do diálogo platônico, uma presença muito diferente — presença humana, digamos — do que em muitas outras coisas que foram escritas desde então.

Só precisaríamos testemunhar isso nas primeiras abordagens, na forma como se prepara o que constitui o osso do diálogo, o que chamarei de entrevista preliminar.

Aquele que nos explica, *como em todos os diálogos*, como aconteceu que essa loucura que em nada se assemelha a nada que se possa chamar de " *diálogo* "...

é aí que você pode realmente sentir se você já não sabia da vida comum que nunca viu um diálogo levar a nada

...é uma questão no que se chama " *diálogo* ", nessa literatura que tem sua data, justamente de apertar o que é o *real* que pode fazer as pessoas acreditarem, que dá a ilusão de que algo pode ser alcançado conversando com alguém.

Então vale a pena preparar a coisa, dizendo que *loucura* foi.

O velho Parmênides e sua panelinha que estão lá, não precisavam de nada menos que isso para que algo fosse dito que fizesse as pessoas falarem - quem? - bem, precisamente: o *Um*.

E a partir do momento que você o faz falar o *Um*, bem, , vale a pena olhar para que serve aquele que segura a outra escarradeira, que só pode dizer coisas assim:

- "*esta necessidade não é verdadeira*" - *ho, là, là, encore trois fois plus vrai que vous ne le disiez, n'est-ce pas ?*

Isso é diálogo naturalmente, quando é *Aquele que fala*. O curioso é a forma como Parmênides a apresenta. O *Único*, ele passa a mão atrás das costas, ele explica para ele

" *Querida, vá em frente, fale, querida, é tudo conversa fiada* ".

Porque não me traduzam *yyyyyyyy* pela ideia de que se *trata de adolescentes*, digo isso para aqueles que não estão informados, especialmente porque na frente da página lhe dizem que está prestes a se comportar como inocentes, como jovens, você poderia confundir. Eles não são chamados assim, os jovens, no texto grego, *yyyyyyyy* [adoleskia] significa *tagarelar*.

Mas podemos considerar que isso é algo do começo, *da prefiguração* do que chamamos em nossa linguagem grosseira...

trançado pelo que podíamos, a fenomenologia que podíamos ter à mão naquele momento ...que foi traduzido como " *associação livre* ".

Claro que a associação não é gratuita, se fosse gratuita não teria interesse, teria?

mas é a mesma coisa que *fofoca* : é para domar o pardal.

A associação, entende-se que está vinculada, não vejo qual seria o interesse dela se fosse gratuita.

A tagarelice em questão, é certo que - não há dúvida - como não é alguém que fala, mas é o *Um*, pode-se ver aí, até que ponto está ligado. Porque é muito demonstrativo.

Colocar as coisas neste relevo, permite situar muitas coisas, e em particular o passo que se dá de Parmênides a Platão.

Porque já havia um passo dado por Parmênides nesse ambiente onde se tratava de saber o *que é real*.

Ainda estamos todos lá.

Depois que dissemos que era *ar, água, terra, fogo*, e depois disso tivemos que recomeçar, alguém pensou que o único fator comum de toda *essa substância* em questão era ser "*dizível*".

Este é o passo de Parmênides.

Só o passo de Platão é diferente: é mostrar

que tão logo tentamos dizer de forma articulada o que se tira da "*estrutura*"...

como se diria no que chamei anteriormente de " *nossa linguagem grosseira* "

...a palavra " *estrutura* " não é melhor do que a palavra " *associações livres* ",

mas o que toma forma coloca uma dificuldade, e o *real* deve ser buscado dessa maneira.

*yyyy* [Eidos], que se traduz impropriamente " *a forma* ", é algo que já nos promete o aperto, o cerco do que está *escancarado no dizer*. Em outras palavras, Platão era, em uma palavra, lacaniano. [Risos]

Claro que ele não poderia saber disso.

Além disso, ele era um pouco estúpido. *[Risos]*

O que não torna as coisas mais fáceis, mas que certamente o ajudou. Chamo *debilidade mental* o fato de ser um ser falante que não está solidamente instalado em *um discurso*, é isso que faz o preço *do deficiente*. Não há outra definição que possamos dar a ele, exceto ser o que chamamos *de um pouco fora do alvo*, ou seja, entre dois *discursos*, ele flutua.

Para se instalar solidamente como sujeito é preciso se ater a um *[discurso]*, ou então saber o que está fazendo.

Mas não é porque estamos à margem que sabemos o que estamos dizendo.

Então, no que diz respeito ao caso dele, isso o capacitou solidamente... afinal ele tinha executivos, você não deve acreditar que na época dele, as coisas não eram retomadas em *um discurso muito sólido* e ele mostra um pouco a ponta de o ouvido em algum lugar nas entrevistas preliminares deste Parmênides. Foi ele quem escreveu mesmo assim.

*Não sabemos se ele está rindo ou não*, mas afinal ele não esperou que Hegel nos desse " *a dialética do Mestre e do Escravo* ", e devo dizer que o que ele afirma sobre isso é de outra base do que avança toda a " *Fenomenologia do Espírito* ".

Não que ele conclua, mas que ele dê os elementos materiais.

Ele avança, ele avança, ele pode porque no seu tempo não é um quid.

Pergunta-se se era *melhor*, em vez de *pior*, pensar que os *senhores e os escravos*, ali se afirmava, permitiam imaginar que poderia mudar a qualquer momento, e de fato mudou a qualquer momento:

— quando os *senhores* foram feitos prisioneiros eles se tornaram *escravos*, — e  
quando os *escravos* foram libertados, bem, eles se tornaram *senhores*.

Graças ao que Platão imagina, e diz isso nas preliminares deste diálogo, que a essência mestra, o *ἰδέσθαι* *[eidos]*,

e a do escravo, bem, podemos considerar que não têm nada a ver com o que realmente é.

O *Mestre e o escravo* estão entre eles em relações que nada têm a ver com a *relação do mestre-essência e do escravo-essência*.

É nisso que ele é um pouco *fraco*.

É porque vimos a grande mistura acontecer, não é, que sempre acontece, por um certo caminho, que é curioso que não vejamos até que ponto promete o que vem a seguir: *é que nós são todos irmãos !*

Há uma região assim na história, no mito histórico, quero dizer mito na medida em que é história, que só foi vista uma vez, entre os judeus, onde a gente sabe qual é a fraternidade, deu o grande modelo.

Faz-se para que se venda o irmão, o que não deixou de ocorrer na continuação de todas as subversões que dizem girar em torno do *discurso do Mestre*.

É bastante claro que o esforço que Hegel se esgota no nível da " *Fenomenologia...* " :

" *o medo da morte* ", " *a luta até a morte da pura presença* " ... e eu vou te contar sobre isso, e eu vou deixar isso para você...

Em troca do que - esta é a principal coisa a obter - *há um escravo*.

Mas, eu pergunto...

a todos aqueles que têm tremores assim para trocar de papéis

...Eu pergunto: o que pode fazer - já que o escravo sobrevive - que ele não se torne imediatamente...

depois da " *luta até a morte da pura presença* ", hoje, e do " *medo da morte* "

...que ele mude de lado, que tudo o que não subsiste, só tem chance de subsistir com a condição de que se veja com muita precisão o que Platão *descarta*.

O que Platão *rejeita*...

mas quem vai saber em nome do quê, porque não se pode, meu Deus, sondar o coração, talvez seja simplesmente retardo mental

...pelo contrário, fica claro que esta é a melhor oportunidade para marcar o que está envolvido no que

ele chama de participação *ὑπέκθεσθαι* *[metékein]* .

O escravo nunca é escravo, *exceto para a essência do Mestre*. Como o Mestre...

Eu chamo isso de " *a essência* ", chame como quiser, prefiro

escrever S1, o significante mestre,

...e quanto ao Mestre, se não houvesse S2, o conhecimento do escravo, o que ele faria com isso?

Demoro, demoro, para vos dizer a importância desta coisa improvável: *que existe, do Uno*.

Este é o ponto a ser enfatizado. Porque assim que este *Um é questionado*, o que ele se torna, finalmente, como uma coisa que se desvenda, é que é impossível colocá-lo em relação com qualquer coisa, fora da série dos números inteiros, que nada mais é do que este .

Claro que isso só ocorre, chega, surge, ao final de uma longa elaboração do discurso.  
Na lógica de Frege, aquela que está inscrita no " *Grundlagen der Arithmetik*", você verá tanto a insuficiência de qualquer dedução lógica do 1, pois deve passar pelo 0, do qual não podemos nem dizer que é o *Um*,  
e, no entanto, tudo se desenrola: é *deste 1 que falta* ao nível do 0 que toda a sequência aritmética procede.

Ao passo que já, porque já de 0 a 1 isso faz 2, a partir daí vai fazer 3 porque vai ter 0, 1 e 2 antes, e assim por diante.  
E isso muito precisamente até o 1º do *ŷ*] *aleph*] que, *curiosamente e não à toa*, só pode ser designado como *ŷ0* [*alef zero*].

Claro que isso pode parecer para você a uma distância aprendida.  
É por isso que você tem que incorporá-lo, e por isso eu coloquei "*Yad'lun*" em primeiro lugar.  
" *Yad'lun!*" e que você, você não pode exclamar muito neste anúncio, com tantos pontos de exclamação seguidos, que precisamente o *aleph zero* [*ŷ0*] será apenas o suficiente para entender o que pode ser, se você o abordar suficientemente, com o espanto que *existe do Um*.

*X na sala* – " *Ai !* »

Sim ! *Merece ser saudado com este ai !* hein, já que estamos falando na *língua de ai*, quero dizer " *hoc est ille*" [é *assim que é*].

Aqui, bem, aquele em questão, o *Único*, o responsável...  
porque é pegando-o pelas orelhas, não é, que o " *há*" mostra claramente o fundo do qual ele *ex-siste*  
...o fundamento do qual ela *ex-siste* se sustenta nisso, que não é auto-evidente, é que...  
pegar primeiro o primeiro *móvel* que eu tinha ao alcance da mão  
...o A deficiente mental, você pode acrescentar: *uma gripe, uma gaveta, um desprezo, um cigarro, um "olá da sua Catherine!"* », *uma civilização*, e - até! - *uma liga incompatível*, isso é 8. Por mais disperso que pareça para você, hein?  
São muitos, mas todos vêm quando são chamados: *pequeninos! os pequenos! os pequenos! pequeninos !...*

E o principal...  
porque você obviamente tem que tornar uma coisa perceptível para você,  
outras coisas que não sejam por um 0,1 e pelo *aleph* [*ŷ*] [certo?  
...o importante é que supõe sempre o *mesmo Um*, o *Um* que não pode ser deduzido, ao contrário  
da vitrine que John-Stuart Mill pode lançar sobre nós, simplesmente tomando coisas distintas, tomadas como idênticas.

Porque isso é simplesmente algo que ilustra, que dá o modelo, o ábaco. Mas o ábaco foi feito *de propósito* para que possa ser contado e que de vez em quando os 8 dispersos que eu trouxe para você anteriormente possam ser contados.  
Só o que o ábaco não lhe dará é isso que se deduz diretamente e sem nenhum ábaco do *Uno*, ou seja, que entre esses 8 "móveis" de que lhe falei anteriormente, há - porque são 8 - 28 2 por 2 combinações, não mais uma.

E que seja assim, por causa do Uno.

Naturalmente, espero que te atinja e desde que tomei 8, nada te impede...  
Isso te surpreende!  
Você não sabia de antemão que faria 28 combinações?

Mesmo que seja fácil: é não sei o quê:  $n(n-1)/2$  8 vezes 7: 42 [*lapso*]  
*entendeu*, não é 28, é 21...  
Bom, e então, não muda nada, a figura, podemos saber, é disso que se trata.

Se eu tivesse colocado menos, é algo que teria levado você a trabalhar, a me dizer que talvez, que mesmo eu também teria que contar as relações de cada um com o todo.  
Por que não estou fazendo isso? Isso é o que serei forçado a esperar pela próxima vez para explicar a você.  
Porque as relações de cada um com o conjunto não eliminam precisamente que existe *um* conjunto e que, como resultado, significa que você coloca um de volta.

Isso resultaria, de fato, em aumentar consideravelmente o número de combinações 2 por 2.  
No nível do triângulo, se eu tivesse dado apenas três 1s, isso teria feito apenas 3 combinações.  
Você imediatamente tem 6 se você pegar o conjunto por 1.

Mas precisamente o que se trata é *perceber* lá outra dimensão do *Uno*, que tentarei ilustrar para vocês da próxima vez com o triângulo aritmético.

Em outras palavras , o *Um* , portanto, nem sempre tem o mesmo significado.

Tem o significado, por exemplo, deste 1 do *conjunto vazio* que, curiosamente, à nossa numeração de elementos somaria dois, vou demonstrar por que e de onde.

No entanto, já estamos nos aproximando de algo que, por não partir *do Um* como “*todo*”, *nos mostra que o Um em seu surgimento não é unívoco*. Em outras palavras, estamos renovando a *dialética platônica*.

É realmente assim que eu afirmo levá-lo a algum lugar para continuar, através dessa bifididade do *Uno*...  
ainda temos que ver se aguenta

... este *Um* que Platão tão bem distingue do Ser. É certo que o Ser é *um*, sempre, em todo caso, mas que o *Um* sabe ser como ser, é o que está perfeitamente demonstrado em *Parmênides*.

Historicamente, é daí que vem a função da *existência*.

Não é porque o *Uno* não é que ele não faz a pergunta, e ele a pergunta tanto mais que onde quer que - para sempre - se deve ser uma questão de existência, será sempre em torno do *Uno* que a questão irá girar.

A coisa em Aristóteles se aproxima apenas timidamente ao nível de proposições particulares.

Aristóteles imagina que basta dizer que “*alguns*” – *apenas alguns*, não *todos* – são assim-isto ou assim-aquilo, para distingui-los. Que é distinguindo-os do que é assim, se estes não são, por exemplo, isso basta para assegurar a sua existência. Isto é, de fato, no que a existência já, desde sua primeira emergência, começa imediatamente, se afirma a partir de sua inexistência correlativa. Não há *existência* senão contra um fundo de *inexistência* e vice-versa: *a ex-sistere* só pode se sustentar *de um fora que não é*.

E isso é realmente o que está envolvido no *Uno*. Porque, na verdade, de onde vem? Em um ponto em que Platão consegue apertá-lo.

Não se deve pensar que é, como parece, apenas sobre o *tempo* : ele o chama de ϣϣ ϣϣϣϣϣϣϣϣ [to ekxaifnés].

Traduza isso como quiser, *é o momento*, *é o súbito*, *é o único ponto em que pode fazê-lo subsistir e, de fato, é sempre onde qualquer elucidação do número, e Deus sabe que foi levado longe o suficiente para nos dar a ideia de que existem outros alephs* [ além do dos números, e aquele, aquele momento, aquele ponto, porque essa seria a verdadeira tradução dele, isso é de fato o que é decisivo apenas no nível de um *aleph superior* ], no nível do *continuum*.

O *Uno*, portanto, aqui parece justamente se perder e levar ao clímax o que está envolvido na existência até confinar a existência como tal, como emergindo do mais difícil de alcançar, do mais elusivo no enunciável, e foi isso que me fez encontrar ...

para se referir a este **exaÿÿÿÿ** [exaifnés]

...no próprio Aristóteles, para perceber que, em última análise, houve um surgimento desse termo " *existir*" em algum lugar da "*Física*" onde você pode encontrá-lo ...

onde você pode encontrá-lo, especialmente se eu lhe der

...está em algum lugar no *Livro IV* da "*Física*" de Aristóteles 18 ...

Eu não vejo isso aqui nos meus papéis, mas na verdade deve estar lá

...Aristóteles o define precisamente como algo que...

anais para krono, dans un temps qui ne peut  
pas être senti, dia microteta

por causa de sua extrema

pequenez, ...é **ỵỵ ỵỵỵỵ** [extan].

[24: tÿ d'ÿxaifnis ÿÿ yyyyyyyyyyyy yÿÿÿ yyyyyyyyyyy : tout à cupp s'emploi

derramar exprimer que la thèe sobreviver por desarranjo subit dans uns temps qui, par sa petitesse, im imperceptível. (trad. Barthélémy Saint-Hilaire)]

Não sei se em outro lugar deste lugar, neste lugar do Livro IV da “Física”, o termo ϕϕϕϕ [extan] é proferido na literatura antiga, mas é claro que vem de...

É um participípio passado, o participípio passado do segundo aoristo de **ῥῥῥῥῥῥ** [istemi], deste aoristo que se chama **ῥῥῥῥ** [esten], é **ῥῥῥ** [stan], mas não sei se existe um ait do verbo **ῥῥῥῥῥῥῥῥ** [existei], é controlar.

Seja como for, a " *irmã* " já é estável estando lá, sendo estável a partir de um fora: *ÿÿ ÿÿÿÿ [extan]*, o que só existe por não ser, é Bem, é isso, era isso que eu queria para abrir hoje sob o capítulo geral da *Unien*.

E peço perdão, se eu escolhi *Unien*,  
perdoe-me, é o anagrama de *tédio*.

18 Aristóteles: “*Física*”, Livro IV: *Lugar, vazio, tempo*, 222b (24).



Estou começando agora porque me pediram...

Me perguntaram devido a coisas prevalentes na operação deste lugar. . .

Pediram-me para terminar mais cedo, muito mais cedo do que o habitual. Então !

Então, para abordar o que está por vir, assim, em um enredo cuja memória espero não estar muito distante para você, tomo-o de " *Yad'lun* ", que já pronunciei para aqueles que estão lá, que saltam de pára-quedas de um terra distante, repito o que isso significa, porque não soa muito usual.

" *Yad'lun* ", parece vir de não sei de onde. Do *Um*, do *Um*, hein?

Não costumamos falar assim.

Bem, é disso que estou falando. Do *Um* : *L*, *apóstrofo*, *U*, *N*, " *há* ".

É uma maneira de se expressar que irá, espero pelo menos para você, concordar com algo que espero que não seja novo para todos aqui. E graças a Deus sei que tenho ouvidos, alguns conscientes dos campos que por acaso tenho que tocar para lidar com o que é o *discurso psicanalítico*.

Vai ficar tudo bem - vou explicar como - essa maneira de se expressar,

com o que historicamente aconteceu na *teoria dos conjuntos*. Você já ouviu falar disso!

Você já ouviu falar disso porque é assim que a matemática agora é ensinada a partir da décima primeira série.

Não é certo, é claro, que isso melhore muito a compreensão.

Mas finalmente, comparado com o que se trata de uma teoria, da qual *uma das molas está escrevendo*...

não é claro que a *teoria dos conjuntos* implique uma escrita unívoca, mas que -

como muitas coisas na matemática - não pode ser enunciado sem escrever

...então a diferença com esta fórmula, este " *Yad'lun* " que estou tentando transmitir, é precisamente toda a diferença que existe entre *escrever* e *falar*. Esta é *uma falha* que nem sempre, sempre é fácil de preencher.

$\exists x \quad \overline{\Phi x}$	$\exists x \quad \overline{\Phi x}$
$\forall x \quad \Phi x$	$\overline{\forall x \quad \Phi x}$

No entanto, é isso que estou tentando fazer nesta ocasião, e você deve entender imediatamente por que, se é verdade que, como as reescrevi no quadro, os dois superiores dessas quatro fórmulas onde tentar consertar o que compensa o que chamei de " *impossibilidade de escrever* " precisamente, o que está envolvido na relação sexual, é de fato na medida em que, no nível superior, dois termos, um deles *existe* e o outro *não existem*, que trago - tento trazer - a contribuição que pode tratar utilmente da *teoria dos conjuntos*.

Já é notável, não é, é impressionante que " *há um* " nunca tenha causado espanto.

Mesmo assim, talvez seja um pouco precipitado formulá-lo dessa maneira, porque, afinal, podemos creditar o que chamo de espanto...

o que eu desafio você a se surpreender

...podemos colocar no ativo exatamente o que eu falei, do qual eu realmente te convidei da maneira mais animada a conhecer, é esse famoso *Parmênides* não é isso, do querido Platão, que é sempre tão mal interpretado, bem em todo caso - eu - que pratico a leitura de uma forma que não é bem a recebida.

Para o *Parmênides*, é bastante impressionante ver até que ponto, em certo nível, que é o do *discurso acadêmico propriamente dito*, ele embarça.

A maneira de todos aqueles que proferem coisas sábias no título da *Universidade* é sempre prodigiosamente *embaraçada*.

Como se fosse um desafio, não é, uma espécie de exercício puramente gratuito, um balé.

E o desdobramento das oito hipóteses sobre as relações do *Uno* e do *Ser* permanece de certa forma problemático, objeto de escândalo.



Claro que alguns se destacam por mostrar sua coerência, mas essa coerência aparece em geral gratuita e o próprio confronto dos interlocutores parece confirmar o caráter ahistórico, por assim dizer, do todo.

Eu diria...

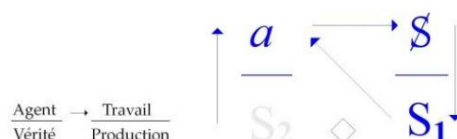
se eu posso dizer alguma coisa sobre isso

...eu diria que o que me impressiona é exatamente o contrário, e que se algo me desse a ideia de que há no diálogo platônico não sei qual é o primeiro fundamento de um *discurso* propriamente *analítico*, eu diria que é mesmo este, o Parmênides, que o confirmaria para mim.

É bem claro que se você se lembra do que eu dei, do que eu registrei como estrutura...

perdoe-me por ficar calado enquanto escrevo, porque senão causará complicações [pb. microfone...]

...o que dei como estrutura é de fato algo que não é por acaso que se inscreve como o *significante indexado 1* [S1] que se encontra no nível da *produção* no *discurso analítico*.

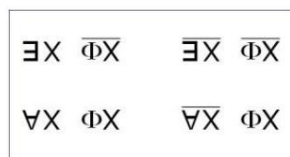


E já é algo que, embora eu concorde, não pode aparecer para você de imediato, não estou pedindo que você tome como certo, é uma indicação da oportunidade de centrar muito precisamente - não a cifra - mas o *significante Um*, nosso interrogatório em sua sequência.

*Não é auto-evidente que existe*

*um Mon.* Parece *desnecessário dizer* assim, porque, por exemplo, existem seres vivos e você tem toda a aparência, todos, bem, que estão lá tão bem, não é? este passo, ser completamente independente um do outro e cada um constitui o que hoje é chamado de realidade orgânica, para se posicionar como *indivíduos*.

De fato, é a partir daí, é claro, que toda uma primeira filosofia tomou um certo apoio.



O que chama a atenção, por exemplo, é que ao nível da *lógica aristotélica*, o fato de colocar na mesma coluna, - ou seja - nesta ocasião, relembro - colocar no princípio da mesma especificação do X, - a saber - eu disse, já disse - do *homem*, do ser que se qualifica no locutor como *masculino*,

se tomarmos o " *existe* ": *existe pelo menos um para o qual  $\exists X$  não é admissível como afirmação* : : S, bem deste ponto de vista, do ponto de vista do *indivíduo*, nos encontramos diante de um posição que é claramente contraditória, a saber, que a lógica aristotélica, que se baseia nesta intuição do *indivíduo*

que ele coloca como real: Aristóteles nos diz que, afinal, *não é a ideia do cavalo que é real, é o cavalo vivo e bem*, sobre o qual somos obrigados a nos perguntar precisamente como, como ideia, de onde a tiramos.

Ele inverte, não sem argumentos peremptórios, o que Platão estava falando, que é:

que é para participar *da ideia* do cavalo que o cavalo *se sustenta*, que o mais real é *a ideia* do cavalo.

Se nos colocarmos sob o ângulo, sob o viés aristotélico, fica claro que há uma contradição entre a afirmação de que:

– " *para todo x, x cumpre em  $\exists X$  a função de argumento* ",

– e o fato de que " *há algum X que pode ocupar o lugar do argumento apenas na enunciação* ": negação exata da 1ª

Se nos disserem que: " *tudo cavalo* - o que você quiser - *é fofoso* " e se acrescentarmos que " *há algum cavalo* - pelo menos um - *que não é* ": na lógica aristotélica, isso é uma contradição.

O que estou a propor destina-se a que compreendam que precisamente se posso, se me atrevo a apresentar dois termos, aqueles que estão à direita no meu grupo de 4 termos - não é por acaso que são 4 - se Posso adiantar algo que obviamente falta na referida lógica, é certamente na medida em que o termo " *existência* " mudou entretanto o seu sentido e onde não se trata da mesma *existência* quando se trata da existência de um termo capaz de tomar numa função *matematicamente* articulada o lugar do argumento.

Nada ainda aqui liga este " *Yad'lun* " como tal com este " *pelo menos um* " que é muito precisamente o que é formulado pela noção E invertido x:: , *existe um x, pelo menos um* que dá, ao que é colocado como uma função, um valor que pode ser qualificado como verdadeiro. Essa distância que surge da " *existência* ", se assim se pode dizer...

Não vou chamá-lo de outra coisa hoje por falta de uma palavra melhor  
... " *existência natural* ", que não se limita aos organismos vivos.

Esses *Uns* , por exemplo, podemos vê-los nos *corpos celestes* dos quais não é à toa que eles estão entre os primeiros a ter retido a atenção propriamente científica, é muito precisamente nesta afinidade que eles têm com o 'A'. Eles aparecem como *inscritos no céu* como todos os elementos mais facilmente identificáveis do *Uno* . que são puntiformes e é certo que muito fizeram para enfatizar - como forma de passagem - para enfatizar o ponto.

Se entre o *indivíduo* e o que está envolvido no que chamarei " *o real* " no intervalo, os elementos que se significam como puntiformes desempenharam um papel eminente em termos de sua transição, Não é perceptível para você, e certamente não prendeu seus ouvidos de passagem, que eu falo do *Uno* como de um *Real*, de um *Real* que também não pode ter nada a ver com qualquer realidade?

Eu chamo de " *realidade* " o que é realidade, a saber, por exemplo, sua própria existência, um modo de suporte que é certamente material, e antes de tudo porque é *corpóreo*.

Mas é sobre saber do que estamos falando quando dizemos *Yad'lun*, de uma certa maneira na direção em que a ciência se engaja. Quero dizer, a partir desse *ponto de virada*, onde é decididamente em " *número* " como tal, que ela se baseou no que é seu grande ponto de virada, o ponto de virada galileu, para nomeá-lo.

É claro que nesta perspectiva científica o *Uno* que podemos qualificar como *individual*, *Uno* e depois *algo* que se afirma no registro da *lógica do número*, não há tanta razão para se perguntar sobre a existência, no *suporte lógico* que pode ser dado a um *unicórnio* desde que nenhum animal seja mais apropriado do que o *próprio unicórnio* .

É nesta perspectiva que podemos dizer que aquilo a que chamamos " *realidade* ", realidade natural, podemos tomar ao nível de um determinado *discurso*...  
e não hesito em afirmar que o *discurso analítico* não é tão  
... a *realidade* sempre podemos tomar no nível da *fantasia*.

Esse *real* de que falo, e do qual o *discurso analítico* é feito para lembrar que *seu acesso é o simbólico*. O chamado " *real* " está no e através desse *impossível* que só o *simbólico* define , que o acessamos. Volto a ela no nível da história natural de Plínio.

Não vejo o que diferencia o unicórnio de qualquer outro animal, que existe perfeitamente na ordem natural. A perspectiva que questiona o *real* em uma determinada direção nos ordena a afirmar as coisas dessa maneira. Eu não estou falando com você sobre qualquer coisa que pareça *progresso*.

O que ganhamos no nível científico, o que é indiscutível, absolutamente não aumenta nosso senso crítico, por exemplo, em questões de vida política, por exemplo. Sempre enfatizei que o que ganhamos de um lado se perde do outro, na medida em que há uma certa limitação inerente ao que se pode chamar de " *campo de adequação* " do ser falante.

Não é porque fizemos, em matéria de vida, biologia, progresso desde Plínio, que é *progresso absoluto*. Se um cidadão romano visse como vivemos...  
infelizmente está fora de questão mencioná-lo pessoalmente nesta ocasião  
...mas então ele provavelmente ficaria horrorizado. Como só podemos julgar pelas ruínas que esta civilização deixou, a ideia que podemos ter dela é ver, ou imaginar como serão os nossos restos em um determinado tempo. , se for possível, equivalente.

Isso, não é, para que você não se empolgue, se assim posso dizer, no assunto de uma confiança que eu depositaria particularmente na *ciência*. Não se trata do *discurso analítico* de um discurso científico, mas de um discurso para o qual a ciência nos fornece o material, o que é bem diferente.

Assim, é claro que a apreensão do ser falante sobre o mundo em que ele se concebe como imerso...  
diagrama já que sente sua fantasia, não é?  
... que essa retenção não aumentará da mesma forma - com certeza -  
esse aperto só aumenta na medida em que algo é elaborado, e esse é o uso do *número*.

Eu afirmo mostrar a você que este *número* é simplesmente reduzido a este “ *Yad'lun* ”.  
Então, temos que ver o que, historicamente, nos permite saber sobre este *Yad'lun*  
um pouco mais do que Platão faz com ela, se assim posso dizer, colocando-a completamente plana com o que está envolvido no Ser.

É certo que este diálogo é extraordinariamente sugestivo e fecundo,  
e que se você quiser olhar de perto já encontrará ali uma prefiguração do que posso...  
com base, no tema da *teoria dos conjuntos*  
...declare este “ *Yad'lun* ”.

Comece apenas o enunciado da 1ª hipótese :

se o *Um* - deve ser tomado pelo seu significado - se o *Um* é *Um*, o que seremos capazes de fazer com ele?

A primeira coisa que ele coloca lá como *objeção* é que este *Um*

não estará em nenhum lugar, porque se estivesse em algum lugar, estaria em um envelope, em um limite, e isso é bastante contraditório com sua existência *como Um*.

*O que é isso? É isso ! Eu falo baixinho.*

*É assim, pena, é assim que falo hoje, é provável que não possa fazer melhor.*

Para que o *Um* tenha podido ser elaborado em sua existência *como Um* no caminho fundado pelo “ *Mengenlehre*”, a *teoria dos conjuntos*, traduzi-lo como foi traduzido - não sem felicidade - para o francês, mas certamente com uma sotaque que não corresponde exatamente ao significado do termo original em alemão que, do ponto de vista do que pretendemos, não é melhor.

Bem, isso só veio tarde, e só veio em função de toda a história da matemática em si, da qual é claro que não há dúvida de eu refazer até mesmo os mais breves resumos, mas em que se deve levar em conta isso, que levou em consideração em toda a sua ênfase, todo o seu alcance, ou seja, o que eu poderia chamar de *extravagâncias do número*.

Obviamente começou muito cedo, pois já na época de Platão o *número irracional* era um problema e passou a ser herdado...

ele nos dá a declaração com todos os desenvolvimentos no “ *Teeteto*” não é assim ?

...o escândalo pitagórico do caráter irracional da diagonal do quadrado, do fato de que nunca terminaremos...

isso é *demonstrável* em uma figura. E isso é a coisa mais feliz para fazê-los ver naquele momento a existência do que eu chamo de “*extravagância digital*”, quero dizer *algo que sai do campo do Uno*.

Depois disso, o quê? Algo que podemos, no chamado método de exaustão de Arquimedes,

considerar como a evitação do que vem tantos séculos depois, – na forma dos

paradoxos do cálculo infinitesimal, – na forma da afirmação do que é chamado

de infinitamente pequeno,

algo que leva muito tempo para ser elaborado por ajuste, por ajuste de alguma quantidade finita da qual se diz que, em todo caso, um certo modo de operação acabará sendo menor que a dita quantidade, ou seja, no final usar o finito para definir *um transfinito*.

E então a aparência - bem, não podemos deixar de mencionar - a aparência da *série trigonométrica de Fourier*

o que certamente não deixa de colocar todo tipo de problemas de fundamentação teórica.

Tudo isso combinado com a redução a princípios perfeitamente finitistas do chamado cálculo infinitesimal que continuou ao mesmo tempo e do qual Cauchy é o grande representante.

Faço esta evocação ultrarrápida apenas para datar o que se entende por retomada sob a pena de Cantor do que é o status do *Uno*. O estatuto do *Uno*, a partir do momento em que se trata de fundá-lo, só pode partir de sua ambiguidade. Ou seja, que a mola mestra da teoria dos conjuntos é inteiramente devido ao fato de que – o *Uno* que existe *do conjunto*,

– é distinto do *elemento Um*.

A noção de conjunto é baseada nisso: *que existe um conjunto mesmo com um único elemento*. Não se costuma dizer assim, mas a essência do *discurso* é justamente seguir em frente com grandes tamancos. Basta, aliás, abrir qualquer apresentação da *teoria dos conjuntos*, tocar com o dedo o que isso implica.

Ou seja, se o *elemento* posto como fundamental de um conjunto é algo que a própria noção de *conjunto* permite posar como *um conjunto vazio*, bem feito, o elemento é perfeitamente *admissível*.

Ou seja, *que um conjunto pode ter o conjunto vazio como constituindo seu elemento*, que é absolutamente equivalente ao que se costuma chamar de “ *singleton* ” para não anunciar imediatamente a carta do número 1.

E isso da forma mais justificada pela boa razão de que não podemos definir o número 1 apenas para tomar a classe de todos os conjuntos que têm um único elemento e enfatizar sua equivalência como sendo propriamente o que constitui o fundamento do *Uno*.

A teoria dos conjuntos é, portanto, feita para restaurar o status do número.

E o que prova que efetivamente a restaura - isso na perspectiva do que estou afirmando -

é exatamente isso, afirmar como ela faz o fundamento do *Uno*

e ao fazer o número repousar ali *como uma classe de equivalência*, leva ao aprimoramento do que chama de *incontável*.

que é muito simples e você vai ver, de acesso imediato, mas só para traduzir para o meu vocabulário eu chamo

– não “o *incontável*”, um objeto que eu não hesitaria em qualificar como *mítico*

– mas “a *impossibilidade de contar*”.

O que é demonstrado pelo método...

aqui peço desculpas por não poder ilustrar imediatamente a fatura no quadro, mas afinal de

contas, o que impede aqueles de vocês que estão interessados neste discurso de abrir o menor tratado

chamado *Teoria dos Conjuntos Naïve* para perceber que:

...pelo chamado *método diagonal*, podemos deixar claro que há uma maneira de enunciar - de uma série de maneiras diferentes

- a sequência de números inteiros, porque na verdade podemos enunciá-la de trinta e seis mil maneiras, que estará imediatamente acessível para mostrar que, seja qual for o pedido, haverá...

simplesmente pegar a *diagonal*, e *nesta diagonal*

alterar cada vez de acordo com uma regra determinada antecipadamente os valores

...outra maneira de contá-los.

É precisamente nisto que consiste o *real* ligado ao *Uno*.

E se de fato hoje não posso ir muito longe no tempo ao qual prometi que me limitaria, a demonstração, vou mesmo assim de agora em diante enfatizar o que essa ambiguidade implica, no fundamento do *Uno* enquanto tal.

É exatamente isso:

– que contrariamente à aparência, o *Uno* não pode ser fundado na “*mesmidade*”, – mas

que é muito precisamente, ao contrário, pela teoria dos conjuntos, marcado como devendo ser fundado na *diferença pura e simples*.

O que rege a base da teoria dos conjuntos é que, quando você a escreve,

digamos para ir para o mais simples, 3 elementos, cada um separado por uma vírgula, portanto, por duas vírgulas,

se um desses elementos de alguma forma parece ser o mesmo que outro, ou se pode ser unido a ele por algum

sinal igual, é pura e simplesmente uno com ele.

No primeiro nível de construção que constitui a *teoria dos conjuntos*,

está o *axioma da extensionalidade* que significa muito precisamente isto: que no início não poderia ser a *mesma coisa*.

Trata-se muito precisamente de saber em que momento desta construção surge a “*mesmidade*”.

A “*mesmice*” não só surge tardiamente na construção, e se assim posso dizer, em uma de suas bordas,

mas, além disso, posso adiantar que essa “*mesmice*” como tal é contada no número e que, portanto, o *surgimento do Uno*,

na medida em que pode ser qualificado como o “*mesmo*”, só surge, se assim posso dizer, de forma exponencial.

Quero dizer, é a partir do momento em que o *Um* em questão não é nada mais do que este *aleph zero* [ℵ<sub>0</sub>]

onde está simbolizado o cardeal do infinito, do infinito numérico, infinito esse que Cantor chama de “*impróprio*”

e que é feito dos elementos do que constitui o primeiro infinito próprio, a saber, o ℵ<sub>0</sub> em questão, é durante a

construção deste ℵ<sub>0</sub> que a própria construção do *mesmo* aparece, e *que este mesmo, na construção, é contado como um elemento*.

Por isso, digamos, é *inadequado* no diálogo platônico fazer participação

de qualquer coisa existente na ordem do *semelhante*.

Sem a superação da qual o *Uno* se constitui primeiro, a noção do *semelhante* não poderia aparecer de forma alguma.

Isso é o que esperamos ver. Se não o virmos aqui hoje, já que estou limitado a um quarto de hora a menos do que o normal, vou buscá-lo em outro lugar.

E por que não da *próxima vez, na quinta-feira de Sainte-Anne*, já que muitos de vocês conhecem o caminho.

No entanto, o que quero marcar é o que resulta desse próprio afastamento da teoria dos conjuntos e do que chamarei - por que não? - a *cantoria*, sob condição de escrever *pode, do número*.

Aqui está o que é.

Para fundar ali de algum modo "o cardinal" [de *um conjunto*], não há outros caminhos senão aqueles do que se chama "a aplicação biunívoca de um conjunto a outro" . .

Quando se quer ilustrá-lo, não se encontra nada melhor, não se encontra nada além de evocar alternadamente não sei que rito primitivo de *potlatch* para a prevalência de onde virá o estabelecimento de pelo menos um chefe, provisório, ou mais simplesmente a chamada manipulação do mordomo, aquele que confronta um a um cada um dos elementos *de um conjunto de facas com um conjunto de garfos*.

É a partir do momento que ainda haverá *Um* de um lado e nada do outro...

*se é uma questão de rebanhos* que os fazem cruzar um certo limiar, cada um dos dois concorrentes ao título de chefe *ou se é o mordomo* que está fazendo suas contas

... o que vai aparecer?

O *Um* começa no nível onde há *Um* que está faltando.

O conjunto vazio é, portanto, devidamente legitimado do que é, se posso dizer que a *porta*

cuja travessia constitui o nascimento do *Um*, o primeiro *Um* que se designa a uma experiência admissível, quero dizer admissível matematicamente, de uma maneira que pode ser ensinada, porque é isso que significa " *matema* ", e não aquele que apela a aquele tipo de figuração grosseira que é isso...

é mais ou menos a mesma coisa *que constitui o Uno* e precisamente o que o justifica, que só se designa como distinto, e não de qualquer outro lugar qualificante, é que ele só parte de sua *falta*.

E é bem assim que, na reprodução que fiz para vocês aqui *do triângulo de Pascal*, a necessidade de distinguir cada uma dessas linhas que vocês conhecem...

Eu estive pensando por um tempo, eu sublinhei o suficiente

... como eles são formados, cada um sendo feito da adição

– do que está acima,

– e na mesma linha do que se assinala à direita, cada uma

destas linhas é assim constituída da seguinte forma:

	0	1	0	0	0	0	0	0	0	...
	0	1	1	1	1	1	1	1	1	...
Monade .....	0	1	2	3	4	5	6	7	...	
Dyade .....	0	1	3	6	10	15	21	...		
Triade .....	0	1	4	10	20	35	...			
Tétrade .....	0	1	5	15	35	...				
		0	1	6	21	...				
			0	1	7	...				
				0	1	...				

É importante perceber o que cada uma dessas linhas designa.

O erro, a falta de fundamento que se afirma na definição de Euclides, que é bem precisamente isto:

" *Monas ésti Hath' yn ékaston de seres é chamado de Número, mas uma multidão composta de unidades* "

" *A mônada é aquilo segundo o qual se pode dizer que cada um dos seres é Um, e o número, arithmos, é precisamente essa multiplicidade que é feita de mônadas* ". (Euclides, Elementos, VII, 1-2)

O triângulo de Pascal não está aqui à toa.

Está aí para figurar o que é chamado na teoria dos conjuntos, não os elementos, mas *as partes desses conjuntos*.

No nível das *partes*, *as partes monádicas de qualquer conjunto* são da segunda linha: a mônada é a 2ª

Como chamaremos o 1º, aquele que é basicamente formado por esse *conjunto vazio*

cujas superação é precisamente do que o *Um* é constituído?

Por que não usar o eco que a língua espanhola nos dá e chamá-lo de " *nade* "?

O que está envolvido neste *Un* repetido da primeira linha é muito propriamente o *nade*, nomeadamente a porta de entrada que é designada pela *falta*.

É do que está envolvido no lugar onde um buraco é feito, desse *algo* que, se você quiser uma figura dele, eu representaria como sendo o fundamento do " *Yad'lun* ", não pode haver *Um* só na figura de uma bolsa, que é uma bolsa furada. Nada é *Um* que não sai, ou que - da bolsa, ou que na bolsa - não retorna: este é o fundamento original - para tomá-lo intuitivamente - do *Uno*.

Não posso, por causa das minhas promessas, e lamento, empurrar ainda mais aqui hoje o que trouxe.

Saiba que vamos pedir...

como eu já havia designado a figura aqui

...que examinaremos, a partir da *tríade*, a forma mais simples onde as partes...

os subconjuntos feitos das partes do conjunto

...onde essas partes são figuradas de uma maneira que nos satisfaça, para voltar ao que acontece no nível da *díade* e ao nível da *mônada*.

Você verá que ao questionar, não esses números primos, mas esses primeiros números, surgirá uma dificuldade cujo fato de ser uma dificuldade figurativa, espero, não nos impedirá de entender o que é a essência, e ver o que trata-se do fundamento do *Uno*.

É difícil para mim abrir o caminho para você em um discurso que não interessa a todos.

Vou dizer como " *nem todos* " e até acrescento: *que tipo "nem todos"*.

Uma coisa é óbvia, é o personagem-chave no pensamento de Freud, de " *todos* ".

A noção de multidão que herdou daquele imbecil que se chamava Gustave Le Bon serve-lhe para identificar esse *todo*.

Não é de estranhar que ali descubra a necessidade de um " *existe* " do qual, nesta ocasião, vê apenas o aspecto que traduz como " o traço unário ", *der einziger Zug*.

O traço unário nada tem a ver com o " *Yad'lun* " que procuro captar este ano sob o título de que não há nada melhor para fazer, que expresse por: ...ou *pior*, pelo que não é à toa que eu disse para dizê-lo adverbialmente.

Indicarei logo, o traço unário é o que a *repetição* é marcada como tal.

A *repetição não encontra nenhum "todo"* nem identifica nada, porque *tautologicamente*, se assim posso dizer, *não pode haver* uma 1ª

É assim que toda essa psicologia de algo que se traduz por " *multidão* ": " *psicologia das multidões* ",

lupa o que seria uma questão de ver ali com um pouco mais de sorte, a natureza do " *não tudo* " que a funda,

uma natureza que é precisamente a da " *mulher* " a colocar entre aspas, que para o Padre Freud constituiu até o fim o problema, o problema do " *o que ela quer* ". Eu já te falei sobre isso.

Mas voltando ao que estou tentando fazer este ano para você.

Qualquer coisa - é verdade - pode ser usada para escrever a 1ª *repetição*.

Não é que não seja nada, é que pode ser escrito com qualquer coisa desde que seja fácil de repetir em figuras.

Nada poderia ser mais fácil de imaginar...

para o ser que se encontra encarregado de fazer isso na linguagem, *ela fala*

... nada é mais fácil de imaginar do que o que é feito para reproduzir naturalmente, ou seja, como dizem, é como ou seu tipo. Não que ele saiba fazer sua figura pela origem, mas ela *o marca*, e que ele pode devolver a ela, devolver a ela *a marca* que é justamente *o traço unário*.

O traço unário é o suporte do que comecei sob o nome de *estágio do espelho*, ou seja, *a identificação imaginária*.

Mas não é só esse apontamento de um suporte típico, ou seja, *imaginário*...

*a marca* como tal, *o traço unário*

...não constitui um juízo de valor, como me ocorreu - foi dito - que eu estava fazendo, um juízo de valor do tipo :

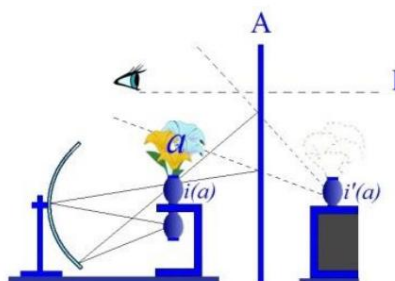
– *imaginário* : " *poo!* –

*simbólico* : *hum! Hum!* ".

Mas tudo o que eu disse, escrevi, inscrevi, nos gráficos, esquematizado no modelo óptico de vez em quando, onde o

sujeito se reflete no *traço unário*, e só a partir daí ele se vê como *o eu ideal*,

tudo isso insiste justamente no fato de que *a identificação imaginária* opera por meio de uma *marca simbólica*.



Assim, quem denuncia *esse maniqueísmo* : " *juízo de valor*, *ugh!* *em minha doutrina*, apenas demonstra o que é, por ter me entendido assim desde o início de meu discurso, do qual, no entanto, é contemporâneo.

Um porco, para ficar de pé e fazer o porco de pé, não deixa de ser o porco que era de nascença, mas só ele pode imaginar que nos lembramos dele.

Voltando a Freud, de quem apenas comentei aqui sobre a função que ele introduziu sob o nome de *narcisismo*, é de fato o erro que ele cometeu ao vincular o *ego* sem retransmissão à sua *Massenpsychologie* que o incrível da instituição da qual ele projetou o que ele chama de " *economia da psique* ", ou seja, a organização à qual ele achava que deveria confiar o renascimento de sua doutrina. Por que ele a queria tanto? Constituir a guarda de um *núcleo de verdade*.

Assim pensava Freud e, aliás, é também como se expressam aqueles que se revelam frutos dessa concepção para – ainda que declarem modesto esse núcleo – atrair sua consideração.

O que, do ponto em que as coisas estão agora na opinião pública, é cômico.

Para fazê-lo aparecer, basta indicar o que esse tipo de fiador implica: *uma escola de sabedoria*.

É assim que, sempre, teríamos chamado. É ? *Ponto de interrogatório*.

*A sabedoria...*

como aparece no próprio livro da paciência... [lapso] de sapiência que é " *Eclesiastes* " ...o que é isso ? É, como está claramente dito ali, *é o conhecimento do gozo*.

Tudo o que se coloca como tal caracteriza-se como esoterismo e pode-se dizer que não há religião - a não ser o cristianismo - que não se adorne com ele, com os dois sentidos da palavra.

Em todas as religiões...

o budista e o muçulmano também, sem contar os outros

...há esse *adorno* e essa maneira de se enfeitar, quero dizer de marcar o lugar desse *saber do gozo*.

Preciso mencionar os *tantras* para uma dessas religiões, os *sufis* para a outra?

É disso que também se empoderam as filosofias pré-socráticas e é com isso que Sócrates rompe, que substitui -

e podemos dizer especificamente - a relação com o *objeto(a)*, que nada mais é do que o que ele chama de " *alma* ".

A operação é suficientemente ilustrada pelo parceiro que lhe é dado no " *Banquete* " sob a espécie perfeitamente histórica de Alcibiades, ou seja, o frenesi sexual, a que *normalmente conduz o discurso do mestre*,

se posso dizer *absoluto*, isto é, que não produz senão a *castração simbólica*.

Lembro -me da " *mutilação de Hermès* ", fiz na época em que usei este " *Banquete* " para articular a transferência.

O *saber do gozo* a partir de Sócrates só sobreviverá à margem da civilização, não sem, é claro, sentir o que Freud modestamente chama de seu " *mal-estar* ".

Um louco de vez em quando berra para encontrar seu caminho, no fio dessa subversão. Só remonta ao fato de ele poder fazê-lo ouvir no próprio discurso que produziu esse saber...

Discurso cristão, para pontilhar os i's

...porque, não há dúvida, é o herdeiro do discurso socrático.

É o *discurso do mestre "atualizado"*, do último mestre modelo e das *mocinhas modelo-modelo de 19 anos* que são seus filhos.

Estou certo de que neste gênero, aquele que chamo de " *modelo-modelo* "...

que agora se adorna com várias iniciais, mas que sempre começa com "M"

... ele vem aqui aos montes.

Eu sei porque eles me dizem. Para mim, de onde estou, não me basta vê-los olhar para você, justamente porque desde o início eles " *não são todos* " *modelos-modelos*. Sim, vamos notar isso.

Obviamente tem um efeito, quando essa observação de que houve subversão, e eu disse que é uma data,

é um Nietzsche que o *profere*. Apenas aponto que ele não pode *pronunciá-lo* - quero dizer, fazer-se ouvir -

apenas para articulá-lo no único discurso audível, ou seja, aquele que determina o *mestre até hoje*, como seus descendentes.

Todas essas pessoas bonitas gostam, é claro, mas isso não muda nada.

Tudo o que aconteceu faz parte disso desde o início, e é claro que as próprias iniciais, que estavam apenas em questão, também estão lá desde o início, só podem ser descobertas *nachträglich*.

Não acho que seja inútil notar aqui que o " *nem todos* " *acabou de deslizar* como é natural em " *nem todos* ". É feito para isso.

Todo o *blá-blá* de que estou produzindo hoje que só podemos apontar para algum movimento na emergência do discurso, apenas para assinalar que seu sentido permanece problemático, em particular do que *não deve ser entendido* no que acabei de dizer, a saber, um sentido de história, pois como qualquer outro sentido só se esclarece pelo que acontece, e o que acontece depende apenas da " *fortuna* ".

---

19 Alusão a movimentos feministas e particularmente aqui no MLF (cf. " *mas que sempre começam com M* ")



No entanto, isso não significa que não possa ser calculado. De que? Dos 1 encontrados lá.

Apenas, não se deve enganar sobre o que se encontra de 1. Nunca é o que estamos procurando.

Por isso, como disse atrás de outro que está no meu caso: " *Não estou procurando* - disse - *encontro* o caminho, a única », maneira de não me enganar é, a partir da descoberta, indagar sobre o que havia - se alguém quisesse - procurar.

Qual é a fórmula cuja transferência eu uma vez articulei?

Esse – desde famoso – “ *sujeito suposto saber* ”, meus artefatos de escrita demonstram uma redundância.

Podemos escrever *sujeito* de: S, que nos lembra que um sujeito nunca é nada além de um *suposto*, *yyyyyyyyyy* [upokeimenon],

Só utilizo a redundância da surdez do Outro.

É claro que *é o conhecimento que se assume* e ninguém jamais se enganou. Suposta a quem?

Certamente não ao analista, mas à *sua posição*. Sobre o que você pode consultar meus seminários, porque é isso que te impressiona ao relê-los, sem erros, ao contrário dos meus “ *Escritos* ”. Sim é assim! É porque eu escrevo rápido.

Eu nunca tinha dito isso para mim mesma. Mas eu descobri porque aconteceu de eu conversar com alguém recentemente.

Eu tenho feito isso desde a última vez que alguns de vocês me ouviram em Sainte-Anne. Avancei coisas da *teoria dos conjuntos*, invocada aqui para questionar este *Um* de que falava há pouco, há pouco.

Sempre corro meus riscos, não se pode dizer que desta vez não os arrisquei com todo o humor necessário.

$2^{-1}$ , dois elevado à potência *aleph* subscrito zero, negativo um.

Acredito ter enfatizado suficientemente a diferença entre o índice... [lapsus] do índice 0 para a função do 0 quando usado em escala exponencial.

Claro, isso não quer dizer que eu não tenha agradado a sensibilidade dos matemáticos que poderiam estar na minha platéia naquela noite. O que eu quis dizer...

e esperando que algo voltasse para mim, era uma interpelação

... o que eu quis dizer foi que, subtraindo o 1, toda essa construção de números deveria...

ouvi-lo como o produto de uma operação lógica, ou seja,

aquela que procede da posição do 0 e da definição do sucessor

...livre-se de toda a cadeia, até voltar ao ponto de partida.

É curioso que eu tivesse que convocar expressamente alguém para que de sua boca eu encontrasse a validade do que também

afirmei da última vez, ou seja, que isso envolve não apenas o 1 que ocorre de 0

mas outra, que como tal marquei identificável na cadeia, da passagem de um número a outro quando se trata de

contar suas partes. É aqui que espero concluir.

Mas a partir de agora estou contente em notar que a pessoa que assim me confirmou...

é ela que *em uma dedicatória* que me deu a honra de me fazer falar sobre

um artigo em que ela mesma havia declarado

...que eu estava escrevendo rápido. Não me ocorreu porque o que escrevo, faço de novo dez vezes, mas é verdade que na décima vez, escrevo muito rapidamente.

É por isso que sobraram manchas, porque é um texto.

Um texto, como o nome sugere, só pode ser tecido *fazendo nós*.

Quando você dá *nós*, há algo que fica e trava.

Peço desculpas, só escrevi para as pessoas que supostamente me ouviram e quando, por exceção, escrevi primeiro

- o *relatório do congresso*, por exemplo - eu só fiz um discurso lá sobre o meu relatório. Consulte o que eu disse em Roma, pois o congresso assim denominado, fiz o relatório escrito que conhecemos e foi publicado em seu tempo, o que eu disse não peguei em meus *escritos* mas certamente ficaremos mais à vontade lá do que no próprio *relatório*.

Aqueles para quem, portanto, em suma, eu havia feito esse trabalho de reelaboração lógica, esse trabalho que parte do

*Discurso de Roma*, assim que abandonam a linha crítica que resulta desse trabalho, para retornar aos “ *seres* ”...

do qual demonstro precisamente que este discurso deve abster-se

...para voltar a esses “ *seres* ” e torná-los o suporte do discurso do analisando, só voltar a tagarelar.

É por isso que as mesmas pessoas que decolaram desse discurso - tão logo dito, tão logo feito! -

perderam completamente o sentido.

---

20 Pablo Picasso: “ *Desejo pego pelo rabo* ”, Paris, Gallimard, 1995.

É por isso mesmo que, no que diz respeito ao meu " *sujeito suposto saber* ", aconteceu, enfim, que emitem, mesmo que imprimam preto sobre branco, que é mais forte...

apenas percebendo que eu estava decolando de onde eu os estava conduzindo, da linha onde eu os estava mantendo ...que eles não sabiam mais de nada. Pelo que repito, eles deveriam dizer que supondo esse conhecimento, à posição do analista, " *é muito safado* ", porque significa que o analista está fingindo.

Há apenas uma pequena falha nisso que já aponte anteriormente, que é que o *analista não finge, ele ocupa...*

com o que se ocupa: é com isso que deixo para voltar a ele ...ele ocupa a *posição de aparência*. Ele a ocupa legitimamente porque, *em relação ao gozo...*

ao gozo tal como devem apreendê-lo nas palavras daquele que, como analisando, endossam em sua enunciação de sujeito.  
... *não há outra posição defensável*, que é somente a partir daí que se pode ver até que ponto o gozo dessa enunciação autorizada, pode ser feito sem muito dano.

Mas a *aparência* não se alimenta de gozo...

que ele desprezaria, de acordo com aqueles que retornam ao discurso da *rotina*

...ela dá, essa *aparência*, a outra coisa que não ela mesma, seu megafone e justamente *para se mostrar como uma máscara...*

eu digo abertamente desgastado, como na cena grega

...o *semblante* tem o efeito de ser manifesto: quando o ator usa a máscara, seu rosto não faz careta, não é realista.

O *ýýýý* [pathos] é reservado para o "Coro" que tem uma explosão – é o caso de dizê-lo – à vontade. E porque ?

Para que o espectador - digo o da cena antiga - encontre nela sua comunidade *plus-de-jour*, para ele.

Isso é de fato o que faz o preço do cinema para nós. Ali a máscara é outra coisa, é o irreal da projeção.

Mas voltemos a nós. É para dar voz a algo, que o analista pode demonstrar que essa referência à cena grega é oportuna. Pois o que está fazendo, ocupando como tal essa posição de semblante? Nada mais do que demonstrar precisamente, para poder demonstrá-lo, que o terror sentido pelo desejo do qual a neurose se organiza, o que se chama *defesa*, não é - no que diz respeito ao que se produz pura perda - que conspiração para causar piedade .

Você encontra nas duas extremidades desta frase o que Aristóteles designa o efeito da tragédia sobre o ouvinte.

E onde eu disse que o *conhecimento* do qual esta voz procede é da *aparência* ?

Tem mesmo que aparecer assim? Pegar um tom inspirado?

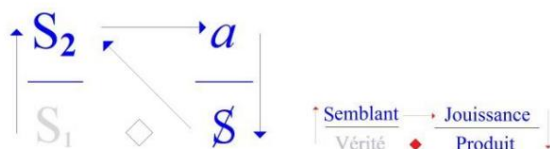
Nada disso, nem o ar nem o canto do *semblante* combinam com ele, o analista.

Só aqui, como está claro que esse *saber não é o esotérico do gozo*, nem apenas o saber fazer da careta, devemos resolver falar da *verdade* como uma posição fundamental, mesmo que dessa *verdade* não saibamos tudo, já que eu a defino por *meio de seu dizer*, pelo fato de que ele só pode *se dizer pela metade*.

Mas qual é então o conhecimento que se assegura da *verdade* ?

Não é senão o que vem da notação que resulta do fato de colocá-lo do significante

- manutenção bastante dura de manter - mas que se confirma fornecer *um saber não iniciático* porque procede - se agrada a alguém - do *sujeito* [S] que um *discurso* [U] submete enquanto tal à *produção* :



Esse *sujeito*, que alguns matemáticos qualificam como *criativo* e especificam que é de fato um sujeito que está envolvido, o que se sobrepõe ao fato de que o sujeito, na minha lógica, se esgota em produzir como efeito significativo, claro que permanecendo tão distinto dele quanto um número real em uma sequência cuja convergência é racionalmente assegurada.

Dizer " *saber não iniciático* " é dizer *saber* que é ensinado por outras vozes que não aquelas, diretas, do gozo, todas condicionadas pelo fracasso fundador do gozo sexual.

Quero dizer aquilo pelo qual o gozo constitutivo do ser falante se distingue do gozo sexual.

Separação e demarcação cuja efflorescência é certamente curta e limitada, e é por isso que pudemos catalogá-las, precisamente a partir do *discurso analítico* na lista perfeitamente finita das *pulsões*.

Sua finitude está ligada à *impossibilidade* que se demonstra no verdadeiro questionamento da *relação sexual* enquanto tal.

Mais exatamente, é na própria prática da *relação sexual* que se afirma o vínculo que promovemos .  
- nós, como seres falantes - promovemos em todos os lugares, *o impossível e o real*. Ou seja,  
que o *real* não tem outro atestado.

*Toda realidade* é suspeita de ser, não *imaginária* como me é imputada...  
porque na verdade é bastante óbvio que *o imaginário*  
como emerge da etologia animal, é uma articulação do *Real*  
...o que devemos suspeitar de toda realidade é que ela é fantasia.

E o que torna possível escapar *é apenas uma impossibilidade*...  
na fórmula simbólica que nos é permitido extrair dela  
... *demonstra seu real*, e do qual não é à toa que aqui para designar o *simbólico* em questão, usaremos a palavra *termo*.

O amor, afinal, poderia ser tomado como objeto de uma fenomenologia.  
*A expressão literária* do que dele se emite é suficientemente profusa para que se possa presumir que *algo pode ser extraído dele*.

Não deixa de ser curioso que, além de alguns autores, Stendhal, Baudelaire...  
e largar a fenomenologia amorosa do surrealismo  
cujo moralismo corta as armas, é o caso de dizê-lo  
...é curioso que esta expressão literária seja tão curta, que nem nos pareça  
que a única coisa que nos interessaria é *a estranheza*, e que se isso basta para designar tudo o que está inscrito no romance  
do século XIX, tudo o que está diante dele é o contrário.

É - *vejam L'Astrée*, que para os contemporâneos não era nada - é que ali entendemos tão pouco o que poderia ser justamente para  
os contemporâneos, que não sentimos mais nada *além de 'tédio'*.  
De modo que esta fenomenologia, é muito difícil para nós fazê-la e que, retomando o que aí faria um inventário, não podemos deduzir  
outra coisa senão a miséria em que se baseia.

A psicanálise, por outro lado, entrou lá com toda a inocência.  
Claro que não é muito gay o que ela conheceu primeiro.

Deve-se reconhecer que ela não se limitou a isso, e o que lhe resta do que primeiro criou como exemplar, é esse modelo *de amor*  
dado pelo cuidado dispensado pela mãe ao filho, que ainda faz parte do o caractere chinês *hŷo*, que significa " *o bom* ", ou o que  
é bom. *nŷ* Não é nada mais do que isso: que significa " *o filho* ", *tseu*, e isso: que significa *a mulher*.

## bons filhos

*hŷo tseu*

*nŷ*

Para estender isso da filha acarinhando o pai senil, e até o que aludo no final da minha " *Subversão do sujeito* ",  
ou seja, para o menor que sua esposa esfrega antes de transar com ela, não é isso que vai lançar muita luz sobre o relacionamento sexual para nós.  
*O conhecimento da verdade* é útil ao analista na medida em que lhe permite ampliar um pouco sua *relação justamente com esses efeitos do sujeito*,  
e do qual eu disse que os garante ao deixar o campo livre para o discurso do analisando.

Que o analista deva compreender o discurso do analisando parece de fato preferível.  
Mas saber *de onde*, é uma questão que parece não se impor aos olhos, a partir da  
simples notação do que deve ser no discurso **[A]** para ocupar a posição do *semblante*.

É claro que é necessário enfatizar que é como (*a*) que essa posição do *semblante*, ele a ocupa.  
O analista não pode compreender senão em virtude do que diz o analisando, a saber,  
ver a si mesmo, não como *causa* , mas como *efeito desse discurso*, o que não o impede de direito de se reconhecer nele.  
E é por isso que é melhor que ele tenha passado por isso, na análise didática, o que só pode ter  
certeza por não ter se engajado nessa capacidade.

Há um aspecto do conhecimento sobre a *verdade* que ganha sua força de negligenciar totalmente *seu*  
*conteúdo*, de afirmar que *a articulação significante* é tanto seu lugar e sua hora que *algo* que não é senão essa articulação, do qual se *mostra*  
no sentido passivo encontra-se assumindo um sentido ativo e impondo-se como *demonstração* no ser, no ser falante que só nesta ocasião pode  
reconhecer - o significante - não apenas habitá-lo, mas não ser outra coisa senão *a marca*.

Pois a liberdade de escolher os próprios axiomas, ou seja, o ponto de partida escolhido para esta demonstração, consiste apenas em sofrer - como sujeito - as consequências que não são livres. Só a partir disso que a *verdade* pode ser construída a partir de apenas 0 e 1, o que foi feito apenas no início do século passado, em algum lugar entre Boole e Morgan, com o surgimento da lógica matemática.

No que não é necessário acreditar que 0 e 1 aqui notam a oposição de verdade e erro. É a revelação que toma seu valor apenas " *nachträglich*", de Frege e Cantor, do que este 0, diz *do erro*, que onerou os estóicos, para quem era isso, e que levou a essa encantadora loucura *do implicação material* que não é à toa que foi recusada por alguns, porque postula que é verdadeira a implicação que faz a *verdade* formulada resultar *do erro formulado*.

O erro implicando a *verdade* é a implicação verdadeira. Não há nada assim na posição deste:  $(0 \rightarrow 1) \rightarrow 1$  com lógica matemática. Que "0 implica 1" é uma implicação significativa de 1, ou seja, *verdadeiro*. 0 tem tanto valor de verdade quanto 1, porque 0 não é a *negação da verdade* 1, mas a *verdade da falta* que consiste no fato de que 2 está faltando 1. O que significa, no único nível de verdade, que a *verdade* não pode falar apenas para afirmar-se de vez em quando, como tem feito há séculos, como a *dupla verdade*, mas nunca como a *verdade completa*.

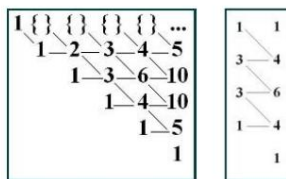
0 não é a *negação de nada* - em particular de qualquer multidão - ele desempenha seu papel na construção do *número*. Ele é bastante atencioso, como todos sabem. Se houvesse apenas 0s, como seria fácil! Mas o que isso indica é que quando deveria haver 2, sempre há apenas 1, e isso é uma verdade. 0 *implica* 1, o todo implicando 1  $[(0 \rightarrow 1) \rightarrow 1]$ , deve ser tomado não como o *falso* implicando o *verdadeiro*, mas como *dois verdadeiros*, um implicando o outro. Mas também para afirmar que a *verdade* nunca deve ser *perdida* por seu parceiro.

A única coisa que o 0 se opõe, mas resolutamente, é ter uma relação com 1 tal que 2 possa resultar dele. Não é verdade - o que eu marco com a barra apropriada - que 0 implicando 1 implica 2.

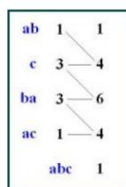
$$\overline{(0 \rightarrow 1) \rightarrow 2}$$

Como então apreender o que está envolvido neste 2, sem o qual é claro que nenhum número pode ser construído? Não falei em numerá-los, mas em construí-los.

É por isso que a última vez que eu o levei ao *aleph*  $\aleph$ , foi para fazer você sentir que na geração de um número cardinal para outro, nos subconjuntos de contagem, *algo em algum lugar* é contado como tal que é outro *Um*, que eu marquei com o triângulo de Pascal, notando-se que cada algarismo que, à direita, marca o número das partes, é fato da soma do que lhe corresponde como partes no conjunto anterior.



É este 1, este 1 que caracterizei quando se trata do 3 por exemplo, ou seja, o *ab* oposto ao *c*, e o *ba* que vem do mesmo. Para que haja 4 deles, é necessário que no *ab*, no *ba*, no *ac*, haja o *abc*, a justaposição dos elementos do conjunto precedente, sua justaposição como tal, que entra em conta apenas como 1.



Isso é o que eu chamei de " *a mesmice da diferença* ". Porque é na medida em que nada mais em sua propriedade deve ser apenas diferença, que os *elementos* que vêm aqui para sustentar os *subconjuntos*, esses elementos são contados na geração das partes que se seguirão.

Eu insisto, o que está em questão é o que está envolvido em relação ao contado, é " *o Um além* " enquanto é contado como tal no contado, no *aleph*  $\aleph$  [de suas partes cada vez que um número passa ao seu sucessor.

É contar-se como tal da diferença como propriedade, que a multiplicação que se expressa na exponencial  $2^{n-1}$  das *partes do conjunto superior, de sua bipartição*, que resulta no *aleph*  $\aleph_1$  - [o que ? - ser posto à *prova do contável*.  
Que é aí que se revela como de um , do *Um* que é questão, é de *outro* que é questão, que o que se constitui a partir do '1 e do 0 como inacessibilidade do 2 só se entrega em o nível de *aleph zero*  $\aleph_0$  , isto é, do *infinito real*.

Vou terminar, para fazê-lo sentir, e de uma forma bastante simples que é esta: do que se pode dizer sobre o que envolve os inteiros relativos a uma propriedade que seria a da *acessibilidade*.

Vamos defini-lo a partir disso: que um número é acessível para poder ser produzido  
– como *uma soma*, – ou  
como uma *exponenciação*,  
números menores que ele.

Como tal, confirma-se que o início dos números não é acessível e com muita precisão até 2.  
A coisa interessa-nos muito especialmente no que diz respeito a este 2, pois da relação do 1 ao 0 sublinhei suficientemente que o 1 se engendra daquilo que o 0 marca de uma *falta*.

Com 0 e 1, *quer você os adicione, ou os coloque* juntos - ou mesmo um para si mesmo - *em uma relação exponencial*, o 2 nunca é alcançado. O número 2 no sentido em que acabei de colocá-lo, seja uma *soma* ou uma *exponenciação* gerar números menores, o teste acaba sendo negativo: não há 2 gerado por meio de 1 e 0.

Uma observação de Gödel é esclarecedora aqui:  
é muito precisamente que o *aleph zero*  $\aleph_0$ , ou seja, o infinito real, é o que acontece para realizar o mesmo caso.  
Considerando que para tudo sobre números inteiros de 2, comece em 3 :  
– 3 é feito com 1 e 2, – 4  
pode ser feito com 2 ajustado para sua própria exponenciação,  
– e assim por diante,

não há número que não possa ser realizado por uma dessas duas operações a partir dos números menores que ele.  
*É justamente isso que falta* e que ao nível do *aleph zero*  $\aleph_0$  se reproduz *essa falta que chamo de inacessibilidade*.

Realmente não existe um número que...  
– que o usemos para adicioná-lo indefinidamente, mesmo com todos os seus sucessores, –  
nem para trazê-lo a um expoente tão grande quanto você deseja  
...quem alcançar o *Aleph*.

Ele é único...  
e é isso que hoje devo deixar de lado, mesmo que isso  
signifique retomá-lo se interessar a alguns, em um círculo mais estreito  
...é bastante impressionante que da construção de Cantor se segue  
que não há nenhum *aleph* que, de *aleph zero*  $\aleph_0$ , não possa ser mantido acessível.

Não é menos verdade que, na opinião daqueles que avançaram essa dificuldade da teoria dos conjuntos, é apenas a partir da suposição de que nesses *alephs* existem *alguns inacessíveis* que podem ser reintroduzidos no que está envolvido com os números inteiros, o que eu chamarei *consistência*.

Em outras palavras, que sem esta suposição: o inacessível em algum lugar ocorrendo no *aleph*  $\aleph_1$  do que se trata e do que parti, é o que se faz para vos sugerir a utilidade do que “ *há do Uno* ”, para que saibas ouvir o que está envolvido nesta bipartição sempre fugaz, esta *bipartição do homem e da mulher*.

Tudo que não é *homem é mulher* ? Costumamos admitir.  
Mas já que a mulher *não* é “ *tudo* ”, por que tudo o que não é *mulher* deveria ser *homem* ?

Essa bipartição, essa impossibilidade de aplicar nessa questão de gênero, algo que é o *princípio da contradição* – que nada menos é necessário do que admitir a inacessibilidade de algo *além do aleph* para que a *não-contradição* seja consistente,

– que se justifica dizer que o que não é 1 é 0, e que o que não é 0 é 1,  
é isso que estou lhe indicando como sendo o que deve permitir que o analista ouça...  
um pouco mais longe do que através dos óculos do *objeto(a)*  
...o que é produzido aqui como efeito, o que é criado a partir do *Um*, por um discurso que repousa apenas sobre o fundamento do significante.

17 de maio de 1972

Seminário: Panthéon-Sorbonne

[Conteúdo](#)

[Para o quadro-negro]

*Não há outra existência do Um além da existência matemática*

Então ! Ela gira em torno do que a análise nos leva a formular esta *função* !, sobre o que é uma questão de saber se existe, *se existe um X que satisfaça a função* [!].  
Então, naturalmente, isso supõe articular o que a *existência* pode ser.

É quase certo que, historicamente, essa noção de *existência* só surgiu com a intrusão do *real matemático* Como tal. Mas não é prova de nada porque não estamos aqui para fazer a história do pensamento, não pode haver história do pensamento nele, o pensamento é uma fuga em si mesmo.  
Ele projeta sob o nome de *memória*, você vê, o *desconhecimento de seu moiré*.

Tudo isso não nos impede de tentar fazer algum rastreamento e...  
partir do que não é por acaso que escrevi em forma de funções  
...Comecei a declarar algo que espero que lhe faça um favor, um ditado que se eu escrever, é em certo sentido, no sentido de que é uma função sem relação com o que qualquer base deles - *d*, *apóstrofo*, *e*, *u*, *x* - *A*.

Então você vê que todo o truque está no subjuntivo que pertence tanto ao verbo "*fonder*" quanto ao verbo "*fondre*".  
D'eux não se funde em *Um*, nem 1 fundado por 2. Assim diz Aristóфанes numa *fabulette* muito bonita do *Banquete* :

*Eles foram divididos em dois, eles estavam primeiro na forma de uma "besta de duas costas", ou uma besta em suas costas.*

Que claro...

se a fábula sonhou por um momento em ser outra coisa que não uma fábula, isto é, em ser coerente  
... de forma alguma implicaria que eles não refaçam os *pequenininhos com duas costas*, nas costas, que ninguém percebe e felizmente, porque um mito é um mito e este diz bastante, foi o que primeiro projetei de forma mais moderna, na forma de !.

É, em suma, o que, no que diz respeito às *relações sexuais*, se nos apresenta como o *tipo de discurso*...

Estou falando sobre a função matemática

... o *tipo de discurso* ...

pelo menos eu ofereço a você como modelo

...o que neste ponto nos permitiria encontrar outra coisa: *aparência*, ...ou *pior*.

Bom ! Esta manhã comecei com o pior e, apesar de tudo, não acho supérfluo falar sobre isso, nem que seja para ver até onde pode ir. Foi sobre aquela pequena queda de energia que eu não sei até onde você conseguiu, mas eu consegui até as dez horas. Ela me irritou muito, porque é a hora que eu costumo coletar, eu penso nesses bilhetinhos, e isso não facilitou para mim.

Além disso, por causa do mesmo corte, eles quebraram um copo de dente que eu gostava muito.

Se tem gente que gosta de mim aqui, pode me mandar outro.

Eu posso ter vários assim, o que me permitirá quebrá-los todos, exceto o que eu prefiro.

Eu tenho um pequeno quintal que é feito apenas para isso.

Então, eu disse a mim mesmo, pensando que claro que esse corte, não veio de ninguém, veio de uma decisão dos trabalhadores... Tenho um respeito que não se pode imaginar pela gentileza de essa coisa chamada corte, greve.

Que delícia parar por aí! Mas aqui me pareceu que, dado o tempo...

*O que ?!*

*X no quarto - Não ouvimos nada.*

Não podemos ouvir? Nós não ouvimos!

Eu estava dizendo *que uma greve* era a coisa mais social do mundo, o que representa um respeito ao vínculo social que é algo fabuloso.

Mas houve um pico neste corte de energia que teve o significado de uma greve, foi precisamente o momento em que, tal como eu, que estava a preparar a minha *cozinha*, para vos falar agora, isso deveria incomodar quem ...

apesar de tudo, sendo de vez em quando a esposa do trabalhador  
...é chamado, da própria boca do trabalhador, que - mesmo assim, frequento alguns! - é chamado de " *o burguês* " !  
É verdade que os chamam assim!

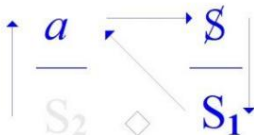
E assim comecei a sonhar do mesmo jeito. Porque tudo se encaixa. São trabalhadores, explorados.  
Ainda é bom porque eles ainda preferem isso à exploração sexual da *burguesia* !  
Pronto, isso é *pior*, isso é ... *ou pior*.

Você entende ? Porque, qual é o sentido de pronunciar articulações sobre coisas que você não pode fazer nada?  
A relação sexual não se apresenta, não podemos dizer que na forma de *exploração*, é de antes: é por isso que a *exploração* se organiza porque, não existe nem essa exploração.  
Lá vai você, isso é *pior*, isso é o... *ou pior*.

Não é grave, *não é grave*, embora vejamos claramente que é aqui que deveria ir " *um discurso que não seria aparência* ", mas é um discurso que terminaria mal. Não seria um *vínculo social de forma alguma*, pois é isso que um discurso tem que ser.

Ok, então agora é sobre o *discurso psicanalítico*,  
e trata-se de fazer com que *quem atua como (a)* ali ocupe um cargo...

Eu já expliquei isso para você da última vez, é claro que naturalmente passou para você como água nas penas de um pato, mas de qualquer maneira algumas delas pareciam um pouco assim molhadas  
...manter a posição *de aparência*.



Aqueles que estão realmente interessados nisso, eu tive ecos disso mesmo assim, isso os comoveu.

Há certos psicanalistas que têm algo que os atormenta, que de vez em quando os preocupa.

Não é por isso que digo isso, por que insisto no fato de que o *objeto(a)* deve ocupar a posição do *semblante*, não é pela porra da ansiedade deles, eu até preferiria que eles não tivessem nenhuma.

Enfim, não é um mau sinal que dê a eles, porque significa que minha fala não é completamente supérflua, que pode ganhar um sentido. Mas isso não é suficiente, isso não garante de forma alguma que um discurso tenha um sentido, porque esse sentido deve pelo menos poder localizá-lo, não é?

Se você fizer isso, enfim, o movimento browniano, a cada momento, faz sentido.

É justamente isso que dificulta a posição do psicanalista, é porque o *objeto (a)*, sua função é o deslocamento.

E como não foi sobre o psicanalista que fez o *objeto (a)* *descer do céu pela primeira vez*, comecei num pequeno *gráfico*...

que foi feito para dar osso, ou marco, às *formações do inconsciente*  
... *para cercá-lo* em um ponto do qual ele não pudesse se mover.

Na posição do *semblante* é muito menos fácil ficar ali porque o *objeto(a)*  
ele vai dar o fora de você em menos de dois pés, já que é...

como já expliquei quando comecei - sobre a linguagem - a falar sobre isso  
...é "*correndo, correndo, o furão*..." : em tudo o que você diz, está em outro lugar o tempo todo.

Então é por isso que tentamos apreender onde poderia estar localizado algo que estaria *além do sentido*, esse sentido que significa que não posso obter outro efeito que não a ansiedade, onde isso não é de todo meu objetivo.

É nisso que nos interessa ancorar esse *real*, esse *real* que digo - não à toa - ser matemático, porque, em suma, na experiência do que *está envolvido*, de *que fórmula*, do que *está escrito* ocasião, vemos, podemos tocar com o dedo que ali, *há algo que resiste*, quero dizer, sobre o qual não se pode dizer nada.

A *realidade matemática* não pode receber qualquer significado.



É até impressionante que aqueles que, em suma, nos últimos tempos, abordaram esse *real* com a ideia preconcebida de fazê-lo dar conta de seu significado com base na verdade...

Havia assim um enorme excêntrico, que você conhece, claro, pela fama, porque ele fez seu pequeno barulho no mundo, cujo nome era Bertrand Russell, que está no centro desta aventura e é tudo a mesma coisa que disse algo como isto:

" *que a matemática é algo que se articula de tal forma que no final nem sabemos se o que se articula é verdade, ou se tem um sentido* ".

Isso não impede que, justamente, prove isso, é que não se pode dar a ele qualquer,  
— nem na ordem da *verdade*, —  
nem na ordem do *significado*,

e que resiste a tal ponto que, para alcançar esse resultado que considero um sucesso...  
próprio sucesso, não é esse o modo como se impõe, que é *real*  
...é precisamente que nem a "*verdade*" nem o "*sentido*" dominam aí, são secundários.

E que a partir daí, a posição...

esta segunda posição, a essas duas coisas chamadas *verdade* e *significado*

...permaneceu incomum para eles, bem, faz as pessoas ficarem um pouco tontas quando se dão ao trabalho de pensar.  
Este era o caso de Bertrand Russell, pensou. Era... é a mania de um aristocrata, não é, e não há realmente nenhuma razão para achar que isso seja uma função essencial.

Mas aqueles que edificam...

não estou fazendo ironia

... a *teoria dos conjuntos* tem bastante a fazer neste *mundo real* para encontrar tempo para pensar de lado.

A maneira como começamos por um caminho que não podemos simplesmente sair,  
mas de onde ela leva a algum lugar, com uma necessidade e depois além de uma fecundidade,  
que tocamos, que estamos lidando com algo completamente diferente [*o real*] do que é, no entanto, usado [*as "letras pequenas"*].

Qual foi a abordagem no início dessa teoria foi questionar tudo o que estava envolvido nesse *real*, pois é a partir daí que partimos porque não podíamos deixar de ver que *o número era real*, e que por algum tempo, finalmente foi *rififi* com o 1.

Mesmo assim, não era uma questão trivial perceber que *o número real*, pode-se  
questionar se tinha algo a ver com o 1, o 1 assim, o primeiro dos números inteiros, dos  
chamados números naturais.

É porque tivemos tempo, desde o século 17 até o início do século 19, de abordar *o número* um pouco  
diferente do que os antigos faziam.

Se eu começar por isso, é bom porque isso é o essencial.

Não apenas "*Yad'lun*", mas pode ser visto disto: que *o Uno*, ele não pensa.

Ele não pensa: "*portanto eu sou*", em particular.

Quando digo: ele não pensa: "*portanto eu existo*", espero que você se lembre de que nem mesmo Descartes é o que está dizendo.

Ele diz: pensa-se "*logo existo*" entre aspas.

*O Um* não pode ser pensado, nem por si só, *mas diz alguma coisa*, é mesmo aquilo que o distingue, e não esperou que as pessoas o questionassem, sobre as suas relações, a questão do que significa a partir o ponto de vista *da verdade*.

Ele nem esperava *lógica*. Porque essa é a *lógica*. A lógica é identificar na gramática o que toma a forma da posição de verdade, o que na linguagem o torna *adequado para tornar a verdade*. Adequado não significa que sempre terá sucesso, portanto, pesquisando bem suas formas, você acredita que está se aproximando da verdade.

Mas antes que Aristóteles pensasse nisso, ou seja, na relação com a gramática, *o Um já havia falado*, e não à toa.

Ele diz o que tem a dizer: no "*Parmênides*" é *Aquele* que se diz.

Diz-se - é preciso dizer - com o objetivo de *ser verdade*, daí naturalmente o pânico resultante.

Não há ninguém, *entre as pessoas que cozinham conhecimento*, que não sinta que está conseguindo sempre um bom sucesso. Ele quebra o dente! É por isso que afinal...

embora alguns tenham colocado uma certa boa vontade, uma certa coragem para dizer: "*afinal isso pode ser admitido mesmo que seja um pouco forçado*"

... ainda não chegamos ao fim desta coisa, por mais simples que seja: *perceber que o Uno, quando é verdadeiro,*

quando diz o que tem a dizer, *vemos para onde vai* : em todo caso, *para o rejeição total de qualquer relação com o ser.*



Só há uma coisa que sai dela quando é articulada, é exatamente isso: *não são duas*. Eu te disse, *é um ditado*. E mesmo você pode encontrar ali, assim, na ponta dos dedos, a confirmação do que digo, quando digo que

" a verdade só pode ser dita pela metade ".

Porque, você só tem que quebrar a fórmula: dizer que ele só pode dizer

- ou então “ *há* ”, e como eu digo: “ *Yad'lun* ”,
- ou “ *não dois* ”, que é imediatamente interpretado para nós: “ *não há relação sexual* ”.

Então já está, você pode ver, ao alcance de nossa mão...

é claro, não ao alcance da mão *uniana* do *Uno*

... para fazer algo significativo com isso .

Por isso recomendo a quem deseja ocupar o cargo de analista...

com o que implica saber não escorregar

... *para* se familiarizar com o que, é claro, poderia ser lido para eles simplesmente trabalhando no *Parmênides*, mas ainda seria um pouco curto, nós quebramos os dentes com isso.

Em vez disso, algo mais aconteceu que deixa bem claro...

se, claro, persistirmos um pouco, se o quebrarmos, se o quebrarmos, mesmo

...o que deixa bem clara a distinção que existe - entre

um *real* que é um real matemático,

- com qualquer uma dessas piadas que partem desse “ *je ne sais quoi* ”, que é nossa posição nauseante que é chamada de “ *a verdade* ” ou “ *o sentido* ”.

Claro, naturalmente, isso não significa que não terá um efeito ...

com efeito de massagem, com efeito revigorante, com efeito de sopro, com efeito de limpeza

...sobre o que nos parecerá ser exigido em relação à *verdade* ou *significado*.

Mas é exatamente isso que eu espero:

- é apenas formar-se para distinguir o que é sobre o *Uno*,
  - simplesmente para abordar este *real* em questão, na medida em que suporta o número,
- isso já permitirá muito ao analista.

Quero dizer, pode vir a ele...

nesse viés onde se trata de interpretar, de renovar o sentido

...*para* dizer coisas que são um pouco menos curtas-circuitadas, um pouco menos “ *brilhantes* ”, do que todas as besteiras que podem vir até nós e das quais antes - ...ou *pior*, assim -

Dei-lhe a amostra simplesmente do que para mim era apenas o aborrecimento da manhã.

Eu poderia ter bordado assim no operário e na sua burguesia e tirado uma mitologia disso. A propósito, fez você rir, porque nesse gênero há ...

o campo é vasto, não faltam *significados* e *verdades*, tornou-

se mesmo a manjedoura da universidade justamente

... há tantos, há uma gama tão grande *que haverá um, um dia* para fazer com o que estou lhe dizendo, uma ontologia, *para dizer que eu disse que* :

" a fala foi um efeito de preenchimento dessa lacuna que é o que eu articulo : *não há relação sexual* ”.

Só vai assim. Interpretação subjetivista, não é?

É porque ele não pode fazer cócegas nela que ele fala com ela.

Isso é simples, isso é simples!

O que estou tentando é outra coisa.

É para deixar seu discurso menos besteira – estou falando de analistas.

Para isso, tente ventilar um pouco o “*significado*” com elementos que seriam um pouco novos.

Portanto, não é uma exigência que não seja imposta, porque é bastante claro que não há como distribuir quaisquer duas séries - quaisquer, digo eu - de atributos que fazem - uma série *masculina* de um lado,

- e do outro lado a *série feminina*.

A princípio não falei homem para não causar confusão, porque vou remoer isso de novo para ficar no *pior*.

Claro que é tentador, mesmo para mim. Eu, eu me divirto. E aí tenho certeza que você vai se divertir mostrando que o que chamamos de "o ativo"...

se é isso que você está confiando porque, claro, isso é comum  
...é isso que "homem" é: ele é ativo, querida fofinha!  
Na relação sexual então, parece-me que é, é antes a mulher que, ela, dá um golpe. *Bom...*

Depois é só ver tudo igual em posições que não chamaremos de forma alguma de primitivas, mas não é porque as encontramos no terceiro mundo...

que é "o mundo de Monsieur Thiers", não é?  
...que não é óbvio que na vida normal...  
é claro que não estou falando dos caras do "Gás e Eletricidade da França" que se distanciaram, que correram para o trabalho  
...mas em uma vida como essa, vamos chamá-la do que é, do que é em todos os lugares...  
exceto quando houve uma grande subversão cristã, *nossa* grande subversão cristã  
...o homem enrola, a mulher mói, ela mói, ela costura, ela vai às compras e ainda dá um jeito,  
nessas civilizações sólidas que não estão perdidas, ela ainda encontra uma maneira de se contorcer por trás depois para...  
Estou falando de uma dança é claro,  
hein! ...para a satisfação jubilosa do cara que está lá!

Então, no que diz respeito aos *ativos* e *passivos*, deixe-me...  
*É verdade que ele caça!* [Risos] E não é para rir meus pequenos, é muito importante!  
Já que você me provoca, vou continuar me divertindo. *É lamentável* porque assim, não chegarei ao fim do que tinha para lhes dizer hoje sobre o *Uno*. São duas horas!

Mas ainda assim, já que te faz rir, a caça...  
Não sei, não sei se mesmo assim, apesar de tudo, não é absolutamente supérfluo ver ali precisamente a virtude do *homem*, a virtude precisamente pela qual ele se mostra, se mostra o que tem de melhor: ser passiva.  
Porque, pelo que sabemos, mesmo assim, não sei se vocês percebem, porque claro que vocês são todos "jeans fuck" aqui. e se aqui não há camponeses, ninguém caça, mas se aqui também há camponeses: caçam mal.

Para o camponês...  
não é necessariamente um homem, hein, o camponês, o que quer que se diga  
...para o camponês, o jogo está dobrado: *bum! bang!* Nós trazemos tudo de volta para ele. Isso não é caça!  
A caça quando existe, basta ver em que transes os colocou, que, porque o sabemos, finalmente tivemos pequenos vestígios de *tudo o que eles ofereciam em termos de propiciação* à coisa - o quê! - que, no entanto, não estava mais lá.

Você entende que eles ainda não eram mais loucos do que nós, um animal morto é um animal morto.  
Só que, se não conseguiram matar a fera, foi porque se submeteram tão bem a tudo sobre seu andar, seu rastro, seus limites, seu território, suas preocupações sexuais. o que não é tudo isso, para a não defesa, para o não fechamento, para os não limites da besta, *para a vida*, a palavra deve ser dita.  
E que quando esta *vida* eles tiveram que tirá-la, depois de terem se tornado tanto nela, esta própria vida, que é compreensível, claro, que eles tenham achado que não só era feia, mas também perigosa.  
Que poderia muito bem acontecer com eles também.

Pode ser uma daquelas coisas que até fez algumas pessoas pensarem assim, porque essas coisas mesmo assim continuam a ser sentidas, e eu mesmo ouvi isso, formulado de forma curiosa por alguém excessivamente inteligente, um matemático: *o quê.* ..

mas aí ele extrapola o cara mesmo assim, mas de qualquer forma eu forneço pra você porque é emocionante  
...que o sistema nervoso em um organismo talvez não fosse nada mais do que o resultado de uma identificação com a presa, hein?

Bem, eu vou deixar você ter a ideia assim, eu vou te dar, você pode fazer o que quiser com ela, é claro,  
mas podemos brincar com *uma nova teoria da evolução* que será um pouco mais engraçada que as anteriores.  
Eu te dou com muito mais prazer:

— primeiro, [porque] não é meu, também me foi dado, — mas tenho certeza que  
excitará cérebros ontológicos.

Claro que isso também vale para o pescador. Finalmente em tudo pelo que o homem é mulher.  
Porque do jeito que um pescador coloca a mão sob a barriga da truta que está sob sua rocha - deve haver um pescador de trutas aqui, embora as probabilidades sejam de que ele saiba o que estou dizendo lá - Isso é algo!

Por fim, tudo isso não nos coloca no assunto de *ativos e passivos*, em uma distribuição muito clara. Portanto, não vou elaborar porque só tenho que confrontar cada um desses casais usuais com alguma tentativa de distribuição bissexual para chegar a esses resultados ridículos. Então, o que poderia ser?

Quando eu digo " *Yad'!Un* "...

Ainda tenho que varrer minha porta e então não vejo por que não vou parar por aí, já que estarei conversando com você na quinta, quinta-feira, 1º de junho, creio, algo assim.

Sabe, na 1ª quinta-feira de junho tenho que voltar de uns dias de férias para não perder Sainte Anne!

...então eu vou do mesmo jeito lá, do mesmo jeito pra fazer a observação que " *Yad'!Un* ", isso não quer dizer...

parece-me que mesmo assim para muitos já deve ser conhecido, mas por que não?

... *isso* não significa que *existe um indivíduo*.

É realmente por isso, você entende, que eu estou pedindo que você enraíze este " *Yad'!Un* " de onde ele vem. Isso é para dizer

"que *não há outra existência do Uno senão a existência matemática*".

Há *um* algo, *um* argumento que satisfaz *uma* fórmula.

E um argumento é algo completamente vazio de significado, é simplesmente *o Um* como *Um*.

Era isso que eu tinha, no início, a intenção de te marcar bem na *teoria dos conjuntos*.

Talvez eu possa, mesmo assim, indicá-lo a você pelo menos antes de deixá-lo.

Mas também é necessário liquidar isso primeiro: que nem mesmo a ideia do indivíduo, que de modo algum constitui *o Uno*.

Porque, mesmo assim, vemos que pode estar ao alcance, no que diz respeito à relação sexual, na qual, em suma, muita gente imagina que se baseia: há tantos indivíduos de um lado o outro...

em princípio, pelo menos no ser que fala, o número de homens e mulheres salvo exceções, é que não, quero dizer pequenas exceções:

– nas Ilhas Britânicas, há um pouco menos homens do que mulheres, – há grandes massacres, claro que homens, que bom!

Mas, no final, *isso não impede que cada um tenha o seu*

...*não* é suficiente para motivar o sexo, que eles vão um por um.

Ainda é engraçado que você viu, que há uma espécie de impureza da *teoria dos conjuntos* lá

em torno dessa ideia de correspondência de um para um, podemos ver claramente *como o todo* está ligado à *classe*

e essa *classe*, como tudo que é fixado por um atributo, é algo que tem a ver com *a relação sexual*.

Só que é precisamente isso que vos peço que possam apreender graças à função do todo.

É que há um 1 distinto deste *[Um]* que unifica, como atributo, uma classe.

Há uma transição através desta correspondência um-para-um.

Há tantos de um lado como do outro e que alguns baseiam a ideia de monogamia nisso.

Nós nos perguntamos como isso é sustentável, mas finalmente está no Evangelho.

Como são tantos, até que haja uma catástrofe social, que aconteceu, ao que parece, em meados da Idade Média na Alemanha, pudemos decretar, parece naquela época, que *a relação sexual* poderia ser outra coisa que não um- para- *um*.

Mas é muito engraçado isso é que na *proporção de sexo*, há pessoas que colocaram o problema como tal: existem tantos homens quanto mulheres?

E tem literatura sobre isso, que é realmente muito picante, muito engraçado, porque esse problema

é, em suma, um problema que é resolvido com mais frequência pelo que chamaremos de *seleção cromossômica*.

O caso mais frequente é evidentemente a divisão dos dois sexos em uma quantidade de indivíduos reproduzidos iguais em cada sexo, iguais em número.

Mas é realmente muito bom termos nos perguntado o que acontece se um desequilíbrio começar a ocorrer.

Podemos demonstrar muito facilmente que *em certos casos desse desequilíbrio*, só pode acontecer aumentando esse desequilíbrio, se nos atermos à seleção cromossômica, que não chamaremos de acaso, pois é uma distribuição.

Mas então a solução tão elegante que demos é que neste caso ela deve ser compensada pela seleção natural. " *Seleção natural* " vemos aqui, mostrando-se nua.

Quero dizer que se trata de dizer o seguinte: que os mais fortes são necessariamente os menos e que, como são os mais fortes, prosperam e, portanto, se juntarão aos demais em número.  
A ligação desta ideia de seleção natural com precisamente a relação sexual é um dos casos em que se mostra claramente que o que se arrisca no início da relação sexual é permanecer dentro *do chiste*.

E, de fato, tudo o que foi dito sobre isso é dessa ordem.  
Se é importante que possamos articular algo diferente do que faz rir, é justamente isso que buscamos para garantir a posição do analista de algo diferente do que aparenta ser, em muitos casos: uma *mordança*.

A partida pode ser lida como segue na *teoria dos conjuntos*: que há função de elemento.  
Ser *elemento de um conjunto* é ser algo que nada tem a ver com pertencer a um registro

É a tentativa da *teoria dos conjuntos* de dissociar, desarticular de forma definitiva o predicado do atributo.

O que, até essa teoria, caracteriza justamente a noção em questão no que está envolvido no *tipo sexual*...  
na medida em que iniciaria algo como *um relatório*  
...é precisamente isto: que *o universal* se funda num atributo comum.

Há também o início da distinção lógica do atributo ao sujeito, e *o sujeito*, a partir daí, se funda: é isso que algo que se distingue pode ser chamado de atributo.  
Desta distinção do atributo, o que resulta muito naturalmente é isto: que não coloquemos panos de prato e guardanapos debaixo do mesmo conjunto, por exemplo.

Em oposição a esta categoria que se chama "*a classe*", existe a do "*todo*"  
em que não apenas o pano de prato e a toalha são compatíveis, mas que só pode haver um em um conjunto como tal de cada uma dessas duas espécies.

Em um conjunto não pode haver...  
se nada distingue um pano de prato de outro  
...só pode haver um pano de prato, assim como só pode haver um pano de prato.

— O 1 como pura diferença é o que distingue a noção de elemento.

— O *Uno* como atributo é, portanto, distinto dele.

A diferença entre o "*1 de diferença*" e o "*Um atributo*" é esta: é que quando você usa, para definir uma classe, de qualquer enunciado atributivo, o atributo não virá, nesta definição, *em excesso*.  
Ou seja, se você diz: *o homem é bom*, e se a esse respeito...

o que pode ser dito, porque quem não é obrigado a dizê-lo? ... postular que o *homem é bom* não exclui que tenhamos que explicar o fato de que ele nem sempre responde a essa *denominação*.

Além disso, sempre encontramos motivos suficientes para mostrar que ele é capaz de não responder a esse *atributo*, de vivenciar uma falha em cumpri-lo. Esta é a teoria que fazemos e onde nos entregamos...

só temos realmente... temos todo o sentido à nossa disposição para, enfrentá-lo, explicar que de vez em quando mesmo assim, é ruim, mas isso não muda seu atributo  
...que se tivéssemos que equilibrar a balança do ponto de vista dos números...

— quantos há que se preocupam com isso,

— e quantos não atendem? ...o atributo "

*bom* " não entraria na balança *além disso*, além de cada um dos homens bons.

É justamente a diferença com o "*1 da diferença*", é que quando se trata de articular sua consequência, esse "*1 da diferença*" tem como tal, ser contado no que se afirma a partir do que funda *que é juntos e que tem partes*.  
A "*1 diferença*" não só conta, mas deve ser contada nas *partes do todo*.

Eu chego na hora, Dois precisamente. Assim, posso apenas dizer-lhes qual será o resultado daquilo que - como sempre - sou levado a cortar, ou seja, muitas vezes quase de qualquer maneira, e hoje, sem dúvida precisamente por outro corte, que é o da minha corrente esta manhã, com as suas consequências, sou, portanto, levado a poder apenas dar-vos uma indicação do que, nesta afirmação, pivô de afirmação, será assumida aqui.

É isso, a relação deste *Um* que deve ser contado " *além* " com o que, naquilo que declaro como, não substituindo, mas desdobrando-se em um lugar " *no lugar da relação sexual* ", é especificado por " *existe* » [ : ] , não ! , mas *dizer* que ! \_

e este é o único elemento característico  
...deve ser colocado ao lado *do que funda o homem como tal*.

Isso significa que esse fundamento *o especifica sexualmente* ? É precisamente isso que será posto em causa no que se segue, pois é claro que permanece o facto de que *a relação ;!*, é o que define o homem, aqui atributivamente, como " *todo homem* ".

O que é esse " *tudo* " ou esse " *tudo* " ?

O que é " *todos os homens* " na medida em que encontraram um lado dessa articulação de substituição?

É aqui que voltaremos a nos ver na próxima vez que nos encontrarmos com você.

A pergunta " *todos* ": "o que é um *todo* ", deve basear-se inteiramente na função que se articula " *Yad'Un* ".

Recanati

[Para o quadro-negro]

“ O que digamos – de fato – permanece esquecido por trás do que se diz, no que se ouve. »

Lacan

Naturalmente esta afirmação, que é assertiva em sua forma de universal, vem sob o modal pelo que emite de existência.

Então, coloque o seu, já que parece, como da última vez, funcionar muito mal.

Será que desta vez conseguirei fazer-me ouvir? Um pouco mais ? Bom ! Eu farei o meu melhor.

Olá, Sibony, chegue um pouco mais perto.

Aproxime-se um pouco, não sabemos, pode ser útil para algo mais tarde.

Então, levando em conta o que chamei anteriormente de " *mixagem* ", as comunicações que podem ter ocorrido entre o meu público aqui e o de Sainte-Anne, suponho que agora estão unificados, é o caso de dizer.

Você pode ver que nós saímos do que eu chamei de um dia aqui, de um predicado formado para seu uso, a saber, " *unien* ", nós fomos a última vez para Sainte-Anne no final de uma outra fatura que seria promovida do termo , da forma " *unier* ". O que lhe falei, o que propus da última vez, em Sainte-Anne, é o pivô que se toma nesta ordem que se *funda*, põe o *fundamento*, enfim o encontrou, deixa estar, deixa estar é um *colapso*.

Lacan - O que é?

X Na platéia: Não ouvimos nada!

Então eu digo que esse " *unier* " que é fundado, e eu te peço que esse " *fundado* " não te pareça muito fundamental, isso é o que eu chamei de deixar no fade, esse " *unier* " que é fundado, há *Um*, há *Um* que diz não.

Não é exatamente o mesmo que negar, mas essa forja do termo " *unido* ", como um verbo que se conjuga e a partir do qual poderíamos avançar em suma para o que está envolvido na função, a função representada na análise pelo mito do pai, *pere* : ele *uniu*, foi isso que aqueles que conseguiram ouvir através dos fogos de artifício, o ponto sobre o qual eu gostaria hoje, finalmente, permitir que vocês, digamos, se acomodem.

Então o pai *une* . No *mito*, tem esse correlato de *tudo*, " *todas as mulheres* ".

É aí, se seguirmos minhas *inscrições quânticas* (*quânticas*), que é necessário introduzir uma modificação.

Certamente os *une* , mas " *não todos* " precisamente.

Aqui toca-se ao mesmo tempo o que não é da minha safra, ou seja, o parentesco – lógica

– e mito, apenas

marca que um pode corrigir o outro. Esse é o trabalho que permanece pela frente.

De momento recorde que com o que me permiti, enfim *de aproximações do pai*, com o que inscrevi do *e-pater*, vê-se que o caminho que ocasionalmente une o mito ao escárnio não nos é estranho. Isto em nada afecta o estatuto fundamental das estruturas em causa.

É engraçado que, assim, há pessoas que descobrem, que descobrem tarde na vida, o que posso dizer do meu lugar que é um pouco geral no momento toda essa efervescência, essa turbulência que ocorre em torno de termos como o *significante*, o *signo* , a *significação*, a *semiótica*, tudo o que por enquanto ocupa a frente do palco, é curioso, os atrasos singulares que ali se mostram.

Há uma pequena revista muito boa, bem, não pior do que qualquer outra, na qual vejo um artigo brotando sob o título de *L'Atelier d'abonnement* , meu Deus, não pior do que outro chamado " *A agonia do sinal* ". ..

Você ouve ?

...que se chama " *A Agonia do Signo* ".

A agonia é sempre muito tocante. Agonia significa luta.

Mas também agonia significa que estamos desmaiando e então *A agonia do sinal* soa, soa patético.

Finalmente, eu teria preferido que não fosse pathos que tudo isso se voltasse. Parte de uma invenção encantadora, da possibilidade de forjar *um novo significante* que seria o **de** " *formiga, formiga* ".

Na verdade , todo **este** artigo é *incrível* e começamos fazendo a pergunta de *qual poderia ser o status de incrível ?*

Eu gosto muito disso.

Sobretudo porque se trata de alguém que há muito tem consciência de um certo número de coisas que apresento e que, em suma, no início deste artigo, se julga obrigado a tornar o inocente, nomeadamente a hesitar, a propósito de *formiga*, colocá-la ou em *metáfora* ou em *metonímia* e dizer que há algo que é negligenciado, pois, na teoria jacosoniana, é o que seria *carimbar palavras umas com as outras*.

Mas eu expliquei isso há muito tempo!

Eu escrevi *The Instance of the letter* de propósito para isso, S em s minúsculos com o resultado, a, parenthesis, *significando efeito*, **[longo suspiro de Lacan, risos na platéia]** é *deslocamento*, é *condensação*.

Esta é exatamente a maneira pela qual se pode criar...

que ainda é um pouco mais divertido e útil do que " *antidable* "

**...podemos** criar " *unidos* " [Risos].

E então é bom para alguma coisa.

Serve para te explicar de outra maneira, o que eu renunciei completamente a abordar por aquela do *Nome-do-pai*.

Eu desisti *porque eles me pararam em um ponto*, e então foram precisamente as pessoas que poderiam ter ajudado que me pararam. Poderia ter feito um favor a eles em sua intimidade pessoal.

São pessoas particularmente envolvidas do lado do *Nome-do-pai*.

Há uma panelinha muito especial no mundo, como essa, que pode ser atribuída a uma tradição religiosa, são eles que iriam ao ar, mas não vejo por que me dedicaria especialmente a eles.

Então eu explico a história do que Freud abordou como ele foi capaz, precisamente, de evitar sua própria história...

" *El shaddai* " em particular, é o nome do qual designa " *aquele cujo nome não é dito* "

**...ele** voltou para os mitos, então ele fez uma coisa muito limpa em suma, um pouco asséptica. Ele não forçou mais, mas é isso que ele é o que faz é deixar passar as oportunidades para retomar o que o dirigiu, e o que deve agora garantir que *o psicanalista esteja em seu lugar em seu discurso*.

Sua sorte passou. Eu já disse isso.

Então, no avião lá, que me trouxe de não sei de onde, que me trouxe de volta de Milão, de onde voltei ontem à noite...

Nós iremos ! eu não trouxe a coisa

... é realmente muito bom, está no avião, em algo chamado *Atlas* e que é distribuído a todos os viajantes pela Compagnie *Air France* : há um pequeno artigo muito, muito bom. ..

felizmente não tenho, esqueci em casa, felizmente porque me levaria a ler trechos para você e não há nada chato como ouvir alguém ler, não tem nada chato assim!

...finalmente, há *psicólogos*, psicólogos da mais alta ordem, sabe, que trabalham nas Américas para investigar sonhos. Porque investigamos sonhos, não é?

Investigamos e percebemos, finalmente, que os sonhos sexuais são muito raros. **[Risos]**

Eles sonham com tudo, essas

pessoas: sonham *com esportes*, sonham com muitas *brincadeiras*, sonham

*com quedas*, enfim, não há uma esmagadora maioria de *sonhos sexuais*. **[Risos]**

Disso decorre, não é, que como a concepção geral - nos é dito neste texto - da *psicanálise* é acreditar que os sonhos são sexuais, bem o público em geral...

o público em geral que é feito justamente de difusão psicanalítica, você também é

um público em geral

...bem, o público em geral vai se endireitar naturalmente, não é, e o suflê inteiro vai cair assim, achatado no fundo da panela.

Não deixa de ser curioso que ninguém, enfim, nesse suposto público em geral, porque tudo isso é suposição, bem, é verdade que numa certa ressonância todos os sonhos, é o que teria dito Freud, que eram todos sexuais.

Ele nunca disse isso precisamente... nunca, nunca disse isso!

*Ele disse que os sonhos eram "sonhos de desejo".  
Ele nunca disse que era desejo sexual!*

Apenas, entendendo a relação entre o fato de que os sonhos são " *sonhos de desejo* " e esta ordem do sexual que se caracteriza pelo que estou avançando, porque demorei para me aproximar e não jogar confusão na cabeça *dessas pessoas encantadoras*, não é, quem fez isso depois de 10 anos que eu disse a eles Coisas, não é, eles só estavam pensando em uma coisa, entrando no seio da Internacional Psicanalítica.

Claro, tudo o que consegui dizer foram belos exercícios, exercícios com estilo. Eles eram sérios: sério é *a Internacional Psicanalítica*.

O que significa que agora posso adiantar - e que ouvimos - *que não há relação sexual*, e é por isso que existe toda uma ordem que funciona em vez disso onde haveria esse relato. E que é aí, nessa ordem, que algo é consequente como *efeito da linguagem*, a saber, o *desejo*. E que talvez pudéssemos avançar um pouco, e pensar que quando Freud disse que " *o sonho é a satisfação de um desejo* ": " *satisfação* " em que sentido?

Quando eu penso que ainda estou lá, não é, que *ninguém*... de todas essas pessoas que se ocupam em confundir o que eu digo, fazendo barulho ... *ninguém* pensou ainda em propor esta coisa que é, no entanto, *a estrita consequência* de tudo o que propus, que articulei da maneira mais precisa ... se bem me lembro, em 57... espere, nem mesmo: em 55 ! ...sobre o " *sonho da injeção de Irma* " : peguei, para mostrar como se trata um texto de Freud, expliquei claramente a eles o que havia de ambíguo nele, se está exatamente ali... mas não no inconsciente: no nível de suas preocupações atuais ...que Freud interprete esse sonho, esse sonho de desejo que nada tem a ver com desejo sexual, mesmo que haja todas as implicações transferenciais que nos convém.

O termo " *interferência de sujeitos* ", eu coloquei pra frente em 55, você percebe: 17 anos, né...

E aí fica claro que vou ter que publicar assim, porque se não publiquei é porque *fiquei absolutamente enojado* como foi retomado em um certo livro que saiu sob o título de " *Auto-análise* " <sup>21</sup>, era o meu texto, mas colocando-o de volta de forma que ninguém entendesse nada.

Como é um sonho? Não satisfaz o desejo! Por motivos fundamentais... que não vou começar a desenvolver hoje porque, porque vale 4 ou 5 seminários ... pela razão que é simplesmente esta e que pode ser tocada, e que Freud diz: que o único desejo fundamental no sono é o desejo de dormir. *[Risos]*

Faz você rir, porque você nunca ouviu isso. Muito bem ! No entanto, é em Freud...

Como não vem imediatamente aos seus sentidos, o que é dormir? Consiste no fato de que o que na minha téttrade, aí, *o semblante, a verdade e o gozo, e o máximo do gozo*... Não preciso escrever no quadro, não é? ...o que se trata de suspender... por isso é feito dormir, basta observar um animal dormir para perceber ...o que se trata justamente de suspender é essa *ambiguidade* que há na relação entre o corpo e ele mesmo: *gozá-lo*.

Se existe a possibilidade de que esse corpo possa acessar o *autoprazer*, obviamente está em todo lugar: — é quando ele se bate, — que ele se machuca, — isso é *prazer*.

Então o homem tem ali pequenas portas de entrada que os outros não têm, ele pode fazer delas um objetivo.

De qualquer forma, quando ele dorme, acabou. É justamente uma questão de fazer esse corpo, ele se enrola, fica em uma bola. Dormir não é ser perturbado.

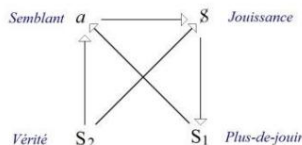
---

21 Didier Anzieu: "Autoanálise ", PUF, 1959.



O prazer, mesmo assim, é perturbador.

Claro que nós o perturbamos, mas afinal, enquanto ele dormir, ele pode esperar não ser perturbado.



É por isso que a partir daí todo o resto se desvanece: não há mais nenhuma questão – não mais de *aparência*, – nem de *verdade*, pois tudo isso, ele se une, é a mesma coisa, – nem *mais gozo*.

Só aqui... o que Freud diz é que o *significante*, por sua vez, continua durante esse tempo a cavalgar.

É por isso que, mesmo quando durmo, preparo meus seminários.

Monsieur Poincaré estava descobrindo as funções fuchsianas...

Qual é o problema ?

*X na sala – É uma poluição!*

Quem acabou de dizer este termo preciso?

*X na sala – Sou eu.*

Sim, está certo, mas *estou particularmente feliz em ver você escolher esse termo*, você deve ser particularmente inteligente *[Risos]*.

Já me regozizei publicamente por um dos meus analisandos...

quem está em algum lugar por aí,

quem é uma pessoa particularmente sensível

... realmente falou sobre o meu discurso de " *poluição intelectual* ".

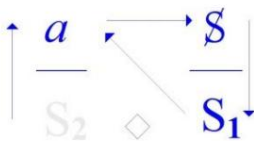
É uma *dimensão muito fundamental*, você vê a poluição.

Eu provavelmente não teria levado as coisas tão longe hoje, mas você parece tão orgulhoso de ter trazido à

tona esse termo " *poluição* " que eu suspeito que você não deve entender nada sobre isso.

No entanto, vocês verão que estou indo imediatamente, não apenas para fazer uso dele, mas para me alegrar uma segunda vez que alguém o tenha trazido à tona, porque essa é precisamente a dificuldade do *discurso analítico*.

Aproveito esta interrupção, salto sobre ela, entro em algo que, na urgência do final do ano, terei oportunidade de dizer.



É o seguinte: *já que é no lugar do semblante que o discurso analítico se caracteriza por situar o objeto pequeno(a)*, imagine, senhor, que pensa que você fez um respingo ali, que você abunda justamente na linha do que Tenho que dizer.

Ou seja, a *poluição* mais característica neste mundo é exatamente o *pequeno objeto (a)*

que o homem toma, e você também toma sua substância, e que é seu dever...

dessa poluição que é o efeito mais certo na superfície do globo

...de ter que fazer disso - em seu corpo, em sua existência como analista - representação, que ele a olha mais de uma vez.

Os queridos pequeninos *estão fartos disso*, e devo dizer-vos que também não estou mais à vontade nesta situação.

O que estou tentando mostrar a eles é que não é totalmente impossível fazê-lo um pouco decentemente.

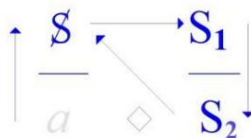
Graças à lógica, chego a eles - se eles quisessem se deixar tentar - tornar *essa posição suportável* para eles . .

Essa é a mola propulsora do que sempre tentei fazer parecer resistência...  
e é muito compreensível  
...do analista, para realmente cumprir sua função.

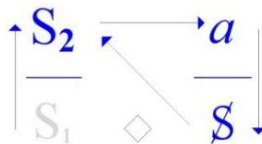
Não devemos acreditar que a *posição do semblante* seja fácil para qualquer um, ela só  
é realmente defensável no nível do *discurso científico* e por uma razão simples, é que aí, o que  
se traz à posição de comando é algo inteiramente do ordem do *real*, na medida em que tudo o que tocamos é *real*,

– é a *Spaltung*,  
– é a *cisão*, – em  
outras palavras, é a forma como defino o sujeito.

É porque no *discurso científico*, é o S maiúsculo, o S [S] riscado que está ali, na posição chave, que ele ocupa.



Para o *discurso acadêmico*, é conhecimento:



Lá, a dificuldade é ainda maior, por causa de uma espécie de curto-circuito:  
porque para *fingir saber*, é preciso saber *fingir*.

E se desgasta rapidamente.

É por isso que quando eu estava lá, de onde venho, como disse anteriormente, em Milão, obviamente eu tinha um público  
muito menor do que o seu, digamos um quarto, mas havia muitos jovens lá, muitos desses jovens que são chamados " *no movimento* ", havia até *um* personagem completamente respeitável de estatura bastante alta que se encontra ali o  
*representante dele*, sabe ou não sabe...

Foi-me dito que ele só estava lá *depois*, eu não queria questioná-lo  
...ele sabe ou não sabe que estando ali neste momento, o que ele quer é como todos aqueles aqui que se interessam um  
pouco *pelo movimento*, é devolver ao *discurso universitário* o seu valor.

Como o nome sugere, leva a " *unidades de valor* ".  
Eles gostariam que soubéssemos um pouco melhor como *fingir que sabemos*.  
Isso é o que os orienta. Bem, de fato, é respeitável e por que não?

O *discurso acadêmico* é um status tão fundamental quanto qualquer outro.  
Simplesmente o que eu marco é *que não é o mesmo*, porque é verdade: *não é o mesmo que discurso psicanalítico*.  
O lugar da *aparência* é mantido ali de maneira diferente.

E foi assim que fui levado para lá...  
Meu Deus, o que fazer com um novo público e principalmente se pode confundir?  
Tentei explicar-lhes um pouco qual era o meu lugar na história.

Comecei dizendo – que  
meus *Escritos* eram *a lata de lixo* – que eles  
não deviam acreditar que poderiam se orientar nisso.

Havia tudo igual e depois a palavra " *seminário* ". Claro, como fazê-los entender isso...  
o que fui obrigado a explicar, a admitir... que  
o seminário não é um seminário, é algo que venho desenterrando sozinho, meus bons amigos, há anos, mas que houve um tempo  
em que merecia seu nome, quando houve pessoas que entrevistaram?

Então foi isso que me irritou, ser forçado a chegar a isso.

E como no caminho de volta alguém me pressionou para me dizer:

“ *Ah bem, como era quando era como um seminário?* Eu disse a mim mesmo, hoje eu vou dizer a eles...

pela penúltima vez que te vejo, porque te verei novamente

...Deus, alguém diga alguma coisa!

Então recebi uma carta de Monsieur Recanati...

Eu não estou contando *uma história* para você no momento, eu não estou fingindo trazer uma intervenção do *chão* ,

Estou apenas dizendo que recebi uma carta, que também foi uma resposta a uma das minhas

...do Sr. Recanati que está lá, que provou para mim, para minha grande surpresa - não foi? - que ele tinha ouvido *algo* do que eu disse este ano.

Então, vou dar a palavra a ele porque ele tem que falar com você sobre algo que tem as conexões mais próximas com o que estou tentando ser pioneiro, com *a teoria dos conjuntos em* particular, não é, e com a lógica matemática, ele vai te dizer qual.

[François Recanati](#)

A carta à qual o Dr. Lacan acaba de aludir era, na verdade, algumas observações e comentários sobre três textos de Peirce que lhe dei, não tanto que ele não os conhecesse, isso é óbvio, mas porque esses textos, precisamente, diferiam do que ele tinha sido capaz de se referir em outro lugar.

Eram, por um lado, textos de cosmologia e, por outro, textos relativos à matemática.

Antes de mais nada, especificarei um pouco o conteúdo desses três textos antes de chegar ao modo como poderei falar sobre eles.

Quanto à matemática, Peirce faz uma crítica das definições que conhece de *conjuntos contínuos*.

Ele examina três definições, a saber, a de Aristóteles, a de Kant, a de Cantor, todas as quais ele critica, e de acordo com um único critério.

O critério é que ele gostaria que o próprio fato da definição fosse marcado em cada definição, pois, diz ele, ao definir *um conjunto contínuo*, não se deixa de determiná-lo de certa forma e isso é importante para o resultado da definição.

O próprio processo de definição deve ser marcado em algum lugar, como tal.

Quanto à cosmologia, Peirce fala de um problema um tanto semelhante, de uma preocupação semelhante com o problema da gênese do universo. O problema dele é o do antes e do depois. Não se pode acessar o que foi antes realizando a simples operação analítica que consiste em retirar do que foi depois, tudo o que constitui o caráter desse *depois*, pois só se acabaria fazendo assim. É justamente no modo desse riscar que se constitui o depois, que difere apenas por uma inscrição precisa, aqui no modo do riscar, do antes.

Em outras palavras, o *antes* é de certa forma um *depois...* ou melhor, o *depois* é um *antes* inscrito e não podemos de modo algum deduzir o *antes* do *depois*, pois o *antes* que está inscrito no *depois*, é precisamente o *depois* que neste sentido já não tem nada a ver com o *antes*, cuja especificidade é justamente não se inscrever.

Em outras palavras, é o registro que conta, quero dizer que a *frente* não é nada.

É o que diz Peirce quando fala da gênese do universo: *antes* não havia nada, mas esse nada é mesmo assim um nada específico, ou melhor, precisamente não é específico, porque em todo caso não está inscrito, e pode-se dizer que tudo o que aconteceu *depois* também não foi nada, mas como nada está inscrito.

Esse *não inscrito* em geral que ele encontrará em quase toda parte, e não apenas na cosmologia, Peirce chama de *potencial* e é sobre isso que vou dizer algumas palavras agora.

Mas antes de fazê-lo, gostaria de dizer algumas palavras sobre minha posição aqui, que é obviamente paradoxal, já que obviamente não sou especialista em nada e não sou mais especialista em Peirce do que em qualquer outro, e que tudo o que vou dizer sobre este autor e sobre outros, já que vou falar de outros, será o que posso retirar do discurso do doutor Lacan. Em minha própria palavra, mantenho meu status de ouvinte.

E como isso é possível? Precisamente para significar em meu discurso para mim, apenas o fato de ter ouvido.

Isso coloca o problema de quem contatar. Porque, obviamente, se me dirijo a quem, como eu, me escutou, de nada lhes servirá, e se me dirijo a quem não escutou, só poderei registrar o nada da sua não escuta e permitindo assim uma elaboração que obviamente se servirá dela em sua continuação e que não terá mais nada a ver com o puro nada que era no início. Neste caso, portanto, não vai mudar nada, *[Risos]* e é na medida em que a minha intervenção como ouvinte não perturba nada, que posso representar efetivamente o público.

Uma vez que, em suma, todas as intervenções de Aristóteles são apenas assumidas no discurso de Parmênides, e precisamente quanto mais cedo terminar, melhor geralmente é, no que diz respeito às intervenções de Aristóteles, antes para que ele mesmo possa manter um discurso real, ele deve, por sua vez, tem um ouvinte mudo a quem, a quem se identifica, o que explica por que o outro Aristóteles na *Metafísica* diz " *Nós, platonistas...* ", pois é depois que Platão falou, ou se você quiser, depois que Parmênides falou pelo outro, que ele mesmo pode começar a fazê-lo. Daí o paradoxo aqui, mas como esse paradoxo não é de minha autoria, deixo para o Dr. Lacan comentar sobre ele depois, porque eu mesmo não posso dizer nada a respeito.

Não se pode, diz Peirce, opor o *vazio*, o 0, a *alguma coisa*, porque o 0 é *alguma coisa*, é bem conhecido.

O *vazio* representa algo e Peirce diz que faz parte desses *conceitos secundários*, *conceitos* importantes em Peirce e que verei um pouco mais tarde. Não é *uma mônada*, como um *vazio inscrito*, mas é *relativo*.

De fato, se postulamos esse *vazio*, nós o inscrevemos. Neste caso, a *inscrição do conjunto vazio* pode dar este  $\{\emptyset\}$ .

Este é reconhecido como sendo o *conjunto vazio* considerado como um elemento do conjunto de partes do *conjunto vazio*.

Então, se o vácuo for constituído como 1 e se quisermos repetir um pouco a operação e fazer o conjunto de partes do conjunto de partes do conjunto vazio, rapidamente teríamos algo assim:  $\{\emptyset, \{\emptyset\}\}$ , que dá algo assim:  $\{\{\emptyset\}\}$ , e isso é reconhecido por poder representar muito bem 2. Isso também pode representar 1.

É por isso que somos levados a fazer esta observação novamente, que é claro que é a *repetição de uma não-existência* que pode fundar muitas coisas, e em particular a *sequência de números inteiros* neste caso, mas o que interessa a Peirce nesta observação é que o que se repete não é a *inexistência* como tal, ou melhor, não exatamente, é a *inscrição* da inexistência, na medida em que a inexistência é marcada por esse registro.

E é isso que ele vai desenvolver em muitas ocasiões, em vários textos, e eu vou falar sobre isso. Aqui voltamos ao seu argumento matemático. Quando se quer, diz ele, definir um sistema onde essa inexistência se repita, deve-se especificar que se repete como inscrito. É no início que há a *inscrição* de uma não- existência. E isso é muito importante para a lógica.

O *quantificador universal*, por si só, não pode definir nada. O quantificador universal, para Peirce, é algo *secundarista*, por mais paradoxal que possa parecer, como ele diz, é relativo a algo.

O que funda esse quantificador é a " *niquilação prévia e inscrita das variáveis* " que o contradizem.

Assim, do ponto de vista puramente *metodológico*, Peirce ataca Cantor.

Cantor está errado porque sua definição do continuum se refere pelo nome a todos os pontos do conjunto.

Peirce especifica que a definição deve ser variada do ponto de vista lógico. Uma linha oval é contínua apenas porque é impossível negar que pelo menos um de seus pontos deve ser verdadeiro para uma função que absolutamente não caracteriza o conjunto. Por exemplo, quando se trata de passar do exterior para o interior, é necessário passar por um dos pontos da borda. Esta é, de certa forma, uma abordagem lateral. Não se pode colocar o *quantor universal* assim, é preciso passar por um nadificação anterior, e que passa, ele mesmo, por uma função anterior.

A negação aqui é ela mesma erigida em uma função, e o conjunto de conjuntos relevantes para essa função...

neste caso, na medida em que é impossível negar etc.

...é o conjunto vazio que *inscreve a negação como impossível*. O mesmo tipo de exemplo poderia ser tomado em topologia. Se dermos ouvidos a Peirce, o *teorema do ponto fixo* deve ser enunciado da seguinte forma, vou escrevê-lo:

$$\exists x \{ (\exists x \overline{\Phi x}) \}$$

É impossível negar que na deformação de um disco em sua borda, pelo menos um ponto escapa à deformação que o autoriza, pelo próprio fato de escapar dela.

Lacan - Comece de novo.

François Recanati

O *teorema do ponto fixo*, se tomarmos por exemplo algo como um disco, trata-se, de certa forma, de deformar continuamente um disco em sua borda. É certo - e isso é dado como um teorema - que pelo menos um ponto do disco escapa à *deformação*, ou seja, permanece fixo, e que é por esse fato de haver esse ponto que permanece fixo que se pode realizar a *deformação geral*. Caso contrário, não seria possível, e aqui há obviamente uma contradição. Digamos que há uma conexão muito clara entre este ponto que escapa à função que ele autoriza.

Lacan

Esse é um teorema comprovado. Não é apenas demonstrável, é demonstrado.

Por outro lado, este teorema é simbolizado, talvez você possa comentá-lo, como é simbolizado por isso :...

porque é uma fórmula muito próxima, enfim, daquela que estou acostumado a registrar

...: tal que se deve negar - que não há :, que se deve negar que não há existência de X - tal que  $\neg X$  é negado.

François Recanati

Há de fato uma dupla negativa, é claro, mas as duas negativas não são equivalentes, não são exatamente a mesma coisa.

E por outro lado, sobretudo esta dupla negativa, na medida em que se inscreve, não é a mesma coisa que *afirmá-la* apenas. Poderíamos ter *dito*. Aí, por isso citei no início a crítica do quantor universal de uma forma dada assim. Se é o produto de uma dupla negação, essa primeira negação não inscrita, trata-se de uma negação posta em função.

Por exemplo: os pontos não permanecem fixos. Pois bem, há um ponto que escapa justamente a essa função e, como tal, a necessidade é sobretudo inscrevê-los. É por isso que eu fiz isso lá. E seria preciso marcar, talvez de maneira específica, o que eu disse ser uma impossibilidade. Mas ao mesmo tempo, aqui, é simplesmente aqui o conjunto vazio posto como único conjunto funcional para a função de negação.

Lacan

Acredito que o que deve ser sublinhado aqui é que a barra marcada aqui nos dois termos cada um como negada é um " *não é verdade que* ", um " *não é verdade que* " frequentemente usado em *matemática*, pois esse é o ponto chave, é a isso que *leva a* chamada demonstração da contradição. Em suma, trata-se de saber por que em matemática, aceita-se que se pode encontrar, mas só em matemática, porque em qualquer outro lugar, como se poderia encontrar algo afirmativo em um " *não é verdade que* "?

É de fato aí que vem a objeção no interior da matemática ao uso da demonstração pelo absurdo. A questão é saber como, em matemática, a prova pelo absurdo pode fundar algo que, de fato, é demonstrado como tal para não levar à contradição.

É aqui que se especifica o domínio próprio da matemática. Então sob este " *não é verdade que* " - trata-se de dar status à barra negativa que é a que uso em um ponto do meu diagrama, para dizer que isso é uma negação, / § : *não há x que satisfaz isso*:  $\neg x$  negado.

François Recanati

Nos termos de Peirce, essa barra é o que vem primeiro, que é a primeira inscrição. Porque ele diz, o potencial...

e que eu ia voltar no curso porque é um conceito que acaba por ser bastante elaborado ...é o campo de inscrição das *impossibilidades*, mas antes das *impossibilidades*, das impossibilidades ainda *não* inscritas, é o campo das *impossibilidades* possíveis.

E nesse campo, algo vem subverter por esse traço, de certa forma, que aqui é a *impossibilidade*, que é uma espécie de corte, corte que se faz dentro de um domínio que, antes, é de certa forma único, e que é por que, diz Peirce, é necessário inscrever primeiro a primeira impossibilidade. Isso determina tudo.

E então, eventualmente, a negação e todas essas especificações continuam a determinar, mas já está lá dentro, o impossível. Em outras palavras, ele diz que existem dois campos:

- há por um lado o *campo de potencial*, que é o elemento do puro 0, pode-se dizer do puro vazio, voltarei a isso,
- e por outro lado os impossíveis que são aqueles que nascem do potencial, mas para opor-lhes muito claramente, e dentro dos impossíveis podemos dizer coisas assim, ou seja: *não existe não existe x tal que não  $\neg x$ , ou existe x tal que não  $\neg x$ . [§, ou: §]*

Mas ele faz uma oposição desses dois campos como fundamentalmente opostos, sendo um o elemento do 0 puro, o outro o elemento que direi do 0 *da repetição*, e é sobre isso que gostaria de chegar.

Lacan

O senhor admite, por exemplo, que transcrevo tudo o que disse dizendo que o potencial equivale ao campo das possibilidades como determinante *do impossível*.

François Recanati

Como *determinante*, mas especifico logo que ele disse, é esse campo de possibilidades que determina o impossível, mas não no sentido de Hegel, é preciso ter cuidado, disse ele mesmo, *que o determina não necessariamente, mas potencialmente*, ou seja, não se pode dizer: " *necessariamente tinha que acontecer* ", nota-se que aconteceu. Sabemos que é esse potencial que determinou essa impossibilidade, mas não necessariamente, concordamos. Então é exatamente isso que eu quis dizer, o potencial...

Lacan

Talvez pudéssemos transcrevê-lo assim: potencial = campo de possibilidades como determinante do impossível.

François Recanati

Portanto, é com esse tipo de consideração que Peirce constrói o conceito de potencial. É, portanto, o lugar onde *se inscrevem as impossibilidades*, é a *possibilidade* geral das *impossibilidades* não efetivadas, isto é, não inscritas.

É o campo das possibilidades como determinante do impossível. Mas não envolve, como acabamos de dizer, em relação às inscrições que *ali ocorrem*, qualquer necessidade, o que significa, em particular, para um *problema matemático*, o dos 2 não se pode explicar *racionalmente*, no sentido de Hegel, que é, necessariamente.

O 2 veio, não podemos dizer de onde veio, podemos simplesmente colocar em relação ao 0, com o que acontece entre o 0 e o 1, mas dizer por que veio é impossível.

O potencial permite isso, definir o paradoxo do contínuo, e isso está em um texto de Peirce...

Estou citando isso, mas, na verdade, não analisei muito de perto, então não vou desenvolvê-lo... se a um ponto de um conjunto potencial contínuo é dada uma determinação precisa, uma inscrição, uma existência real, então a própria continuidade é quebrada.

E isso era interessante não do ponto de vista da continuidade, mas do ponto de vista do potencial.

É que o potencial existe realmente como potencial e que, portanto, se ele se inscreve de uma forma ou de outra, obviamente não há mais potencial, ou seja, ele mesmo é o produto de um impossível que sai de si mesmo.

*X - Là, Cantor um delitto!*

François Recanati

No que diz respeito à *cosmologia*, o 0 *absoluto*, o *puro nada*, como diz Peirce, é *diferente do 0 que se repete na sequência dos inteiros*. Não há mais nada, este 0 que se repete na sequência de números inteiros, do que a ordem geral do tempo, e voltarei a isso, enquanto o 0 *absoluto*, é a ordem geral do potencial. Assim, o 0 *absoluto* tem sua própria dimensão, e Peirce tenta insistir que essa dimensão seja inscrita em algum lugar, ou pelo menos marcada, ou apresentada em definições matemáticas. O problema é obviamente...

Lacan - Aí, Cantor não é contra.

François Recanati

O problema é obviamente: como se pode passar de uma dimensão, a do potencial por exemplo, para outra que eu diria a do *impossível* ou a do tempo, ou o que você quiser.

Peirce apresenta esse problema da seguinte forma: como pensar não temporalmente o que existia *antes do tempo* ?

Certamente nos lembra Spinoza e Santo Agostinho, mas sobretudo nos lembra os empiristas.

E aqui devo dizer que muitas vezes foi notado que Peirce assumiu o estilo dos empiristas e suas preocupações.

Mas para situar verdadeiramente a originalidade de Peirce, nunca informamos isso aos empiristas, nunca procuramos o que neles poderia ter preparado tudo isso. No entanto, essas duas dimensões...

*um potencial e outro, se quiser, temporal, ou melhor, uma dimensão do 0 absoluto, e uma dimensão do 0 de repetição*... está presente desde o início da epopeia empirista.

E é sobre isso que eu gostaria de dizer uma palavrinha para mostrar como ela pode ser desvinculada.

Lacan - Diga bem, treveja!

François Recanati

Farei isso e depois voltarei à semiótica de Peirce em relação a tudo isso.

Sim, o objeto da psicologia empírica - este é um primeiro ponto que propositadamente, cada vez, evacuar - são os *signos* e nada mais, é o *sistema de signos*. É uma extensão, podemos dizer, do sistema quaternário de Port Royal, de modo que, afinal, Saussure também é apenas uma extensão ao limite:

— a coisa como coisa e como representação, — o  
signo como coisa e como signo, — o objeto do  
signo como signo sendo a coisa como representação.

É a mesma coisa que diz Saussure - eu dizia mas não vou desenvolver - o *signo como conceito e como imagem acústica*.

Só que, com a escolástica, evacuamos o problema em geral da " *coisa em si* ", e chegamos mesmo a ver no mundo - e isso, com todas as teorias do *Grande Livro do Mundo* - o sinal de pensamento.

A partir daí, chegamos a algo assim: *o mundo como representação* - como mundo, só podemos conhecê-lo como *representação* - substitui a coisa, no sistema quaternário do signo, e o pensamento do mundo em geral substitui representação, o que equivale a colocar o pensamento do mundo face a face - mundo *do pensamento*.

Agora é óbvio que *o pensamento do mundo* e *o mundo do pensamento*, que talvez diferem em certos aspectos, são a mesma coisa. Então há um problema para o sistema quaternário porque há uma dualidade irredutível no sistema quaternário, ele deve ser abandonado ou mudado, sabemos que Berkeley o abandonou, ao - justamente - estabelecer um sistema de identidade entre o pensamento do mundo e o mundo do pensamento.

Quanto a Locke, ele muda. Quando ele diz que é...

e peço desculpas por me deter um pouco nesta introdução

... o que ele está dizendo são representações, idéias, não representam coisas, elas representam umas às outras.

Assim, as ideias mais complexas representam as mais simples. Há faculdades, por exemplo, de representação idéias entre eles, e é muito desenvolvido, há todo um tópico que é mais ou menos o que foi dito sobre isso, uma hierarquia de idéias e faculdades.

Mas o que eu gostaria de enfatizar um pouco, e que é o que não foi notado em Locke, e que é justamente o mais interessante, pois permite que Condillac e Condillac de certa forma preceda Peirce, é que há outra faculdade para Locke, que permite tudo isso. Porque como vai? Ele funciona por conta própria aparentemente, é preciso algo para fazer o sistema funcionar.

E há uma nova faculdade, uma nova operação que ele chama - e que nunca identificamos porque não está nas suas classificações, está sempre nas notas - *observação* "observação", que é algo que funciona por si só, que funciona em todos os níveis, que se encontra em todos os lugares e que também é *intrínseco* a todos os elementos, algo bastante *incompreensível*, e que é ao mesmo tempo *o processo de transformação* e *o meio, o elemento em geral do transformado*.

É ao mesmo tempo o meio... por essa observação, de certa forma, uma ideia simples se transforma em imagem de si mesma, ou seja, em uma ideia complexa, pois sua objetividade é colocada ao seu lado na ideia, e nessa ideia geral pela qual ela se transforma, há uma inscrição, há a conotação da inscrição de sua transformação. Ou seja, a ideia, uma vez transformada, é de certa forma que se inscreve, assim se torna uma ideia complexa e não mais uma ideia simples.

Portanto, todo o problema aqui é: o que torna isso possível? Ou seja: – o que havia no início, – o que se transforma no início, – *do que* nos transformamos para obter a *primeira causa* ?

– Qual é a *prévia*, de certa forma?

E Locke o coloca nesses termos quando fala da sensação irredutível de uma reflexão originária. Se um reflexo é originário, o que é refletido é pré-originário. Ou o que é o pré-originário, ou o que permite, propriamente falando, o que *permite* essa faculdade?

E há Condillac que assume. Seu método foi absolutamente exemplar: ele identificará esse *algo* o que ele viu em Locke, esse algo inatingível, dando-lhe um nome, fazendo-o funcionar como uma incógnita em uma equação. E depois, quando os autores quiseram criticar Condillac, eles disseram que o sistema dele não era absolutamente psicologia, era profundamente lógico, que ele tinha feito *um sistema lógico* dele, sistema onde não havia conteúdo etc., você vê, precisamente este é o interesse da Condillac.

E em particular essa sensação, da qual ele diz que tudo deriva, pelo menos em um de seus grandes tratados, essa sensação lá, em última análise, não é nada, em nenhum momento ele a define com precisão, pelo contrário todo *o desenvolvimento* que ele dá, tudo o que mostra derivar dela, é uma espécie de contribuição para sua definição.

Mas o que permite propriamente falando - e todo o resto deriva disso, tudo o que é propriamente os atributos da sensação - tudo o que permite essa atribuição é o que indica como o elemento 0 que é sempre dado no início, sempre dado na sensação. , e do qual ele se pergunta *o que é*, e nós vamos nos questionar com ele.

Ele vai caracterizar, para tentar chegar a este *elemento irredutível*, tudo o que acontece com a ajuda deste elemento, mas com mais do que este elemento, ou seja, numa palavra, como ele diz, tudo o que acontece em o entendimento. Com isso, conseguiremos ver o que realmente funda a originalidade da sensação, se é que é da sensação que deriva tudo o que acontece no entendimento.



Agora, o que é próprio do entendimento, diz ele, e isso em seu primeiro ensaio - insisto porque houve uma ligeira divergência depois, ele se afastou dessa ideia que é obviamente sua maior originalidade - o que é próprio do entendimento é a ordem, é conexão em geral, conexão como conexão de ideias, conexão de signos, conexão de necessidades, na verdade é sempre uma conexão de signos, é sempre a mesma coisa.

No homem, a ordem funciona por si mesma, diz ele, e explica um pouco sobre isso, enquanto nos animais, para colocar a ordem em movimento, é preciso *um impulso externo pontual*, e Condillac especifica " *entre homens e animais* ". - e é uma frase muito bonita que ele diz - *entre homens e feras, há tolos e loucos* ":

— *alguns são incapazes de manter a ordem* — estes são os imbecis — sistematicamente *eles são incapazes de manter a ordem*, — e os outros não podem mais se desprender dela. Estão completamente afogados na ordem, não podem mais se distanciar, não podem mais se desprender dela.

A ordem em geral é o que torna possível passar de um signo para outro. É a possibilidade de ter uma ideia da fronteira entre dois signos. E Condillac tem uma concepção do signo, mas como sempre imprópria, sempre *uma metáfora*, e o diz, desta vez pelo nome, num pequeno estudo onde faz uma apologia aos tropos, talvez retomando, não tenho certeza, em termos quintilianos.

Ainda assim, para ele, *um signo* é o que vem preencher o intervalo entre dois outros *signos*. Nesse sentido, *em um signo*, o que é considerado? Esses são os outros dois signos limítrofes, pelo menos dois que são considerados, mas não como signos na medida em que poderiam implicar uma representação, do ponto de vista de suas próprias bordas, ou seja, do ponto de vista formal. E especifica que não podem ser, a rigor, *representações*, mas apenas *signos*, pois diz:

— não há representação formal,  
— não há representação abstrata, — há sempre  
*uma representação que representa uma representação*, ou seja, há sempre uma mediação da representação do signo, mas nunca uma imediata do conteúdo, por exemplo.

Como ele mesmo diz, a imagem de uma percepção, *sua repetição* é apenas *sua repetição alucinatória*. Ele diz que *é a mesma coisa*. Não se pode diferenciar entre uma percepção e sua imagem e, assim, ele critica todas as teorias anteriores. Portanto, a ordem é o que o signo representa, na medida em que o signo substancia um intervalo entre dois signos. Só que os signos em geral são supostos, por todas as teorias das quais ele, Condillac, herda, representar algo.

E isso, isso obviamente lhe dá um problema, ele não consegue sair disso, como é feita a conexão entre o signo formal e sua referência em geral? Essa própria conexão - diz Condillac para se livrar dela - deriva do desconhecido, deriva da sensação. Assim, o desconhecido já é uma relação entre *o signo como acontecimento* e *o signo como inscrição do acontecimento*. E isso eu especifico, não é Condillac quem diz, mas ele sugere, é Destutt de Tracy, seu exegeta, que afirma isso, e eu acho que não é ruim. E Maine de Biran que era estudante...

Lacan

As duas frases que comecei a escrever ao longo da coisa, que alguns podem ter copiado, são diretamente a afirmação que Recanati reproduz aqui...

François Recanati

Maine de Biran, ele próprio discípulo de Destutt de Tracy, se nutre primeiro dessa diferença entre *o evento* e *a inscrição do evento*. E vemos como é o pivô de toda a teoria.

Há, diz ele, uma lacuna perpétua entre a inscrição e o evento. Essa discrepância, diz Maine de Biran, vem da discrepância do ser falante - e não estou brincando - entre *o sujeito do enunciado* e *o sujeito da enunciação*. É nos fundamentos da psicologia de Maine de Biran, onde ele mostra mais ou menos que, na representação do *eu*, na medida em que em qualquer representação, já há um *eu*, ou seja, neste momento, há dois. Assim que tentamos representar o " *eu* ", isso significa que automaticamente há dois deles, isso significa que imediatamente há dois deles, isso significa que não há nunca... que nunca há um, exceto imediatamente.

Para Condillac, a ordem dos signos, na medida em que a ordem dos signos é a ordem dessa discrepância, tem como modelo o espaço que ele diz ser pluridimensional do tempo, e não me deterei nisso. Tempo, podemos dizer que é apenas a repetição infinita de pontualidades. Pontualidade como *tempo zero* é o mesmo problema que surge acima.

Não é a mesma *pontualidade* :

– aquele que se repete ao longo do tempo,

– e aquilo de onde vem o tempo: *pontualidade-zero* - aquilo de onde vem o tempo - *pontualidade-zero* como transparência, precisamente, entre a inscrição e o acontecimento.

A pontualidade que se repete no tempo, novamente para Condillac, é relativizada ao ser considerada *no tempo* como essa pontualidade, presente, passada ou por vir. Ele também é considerado do ponto de vista de suas bordas, do ponto de vista de sua fronteira. O tempo, mais do que uma série de pontualidades, é, portanto, *a série de limites interpontuais*, na medida em que o limite é precisamente o apontar das *respectivas arestas de duas pontualidades ou também de dois signos*.

Há, portanto, a mesma diferença entre pontualidade absoluta e tempo que existe entre o conjunto vazio e o conjunto de suas partes. É a inscrição do 0 que é um elemento dele, assim como é a inscrição da pontualidade que é o elemento do tempo. Portanto, há uma falha que é dada no início de toda essa teoria e que Maine de Biran tentou talvez discernir melhor. O sistema de signos é apenas a repetição infinita dessa falta, como tal, pura falta, e isso se repete em todos os escritos dos *empiristas*, vem da experiência e investigação de sua escola, ou seja: não t falar sobre isso.

Condillac também, raramente acontece com ele, fala da *natureza humana* em determinado momento, dizendo que se perguntaria como, no início, essa relação e essa ordem acontecem, por que, já que justamente, é um fracasso, a ordem entre registro e o evento, por que já que falhou, já que não se encaixa, por que existe de qualquer maneira? Por que há uma inscrição apenas do que é apenas 0 ? Obviamente é problema dele, e nesse momento ele responde, depois de ter feito um pouco de bravura: não sei, é da natureza humana.

É esta *falha* em geral que permite a auto-motricidade do sistema de signos, segundo Condillac, do qual ele disse, o sistema de signos, ali funciona por si só, enquanto em seu *Tratado sobre os animais* ele conta montes de truques mostrar como nos animais há também um sistema de signos e como ele é dependente de todos os objetos externos, dependente de todos [?]

Reencontramos assim a semiótica de Peirce da qual partimos. Peirce chama de *phanéron* - da palavra grega *φανέρων* - o conjunto de tudo o que está presente na mente, aliás, esse é mais ou menos o significado de *phanéron*, real ou não, o imediatamente observável. E ele começa a partir daí, ele decompõe os *elementos do faneron*. Há três elementos no *faneron*, inseparáveis, que ele chama:

– por um lado o que poderia ser traduzido pelo *primante*, a mônada em geral, creio que ele usa a palavra *mônada*, um elemento completo em si mesmo,

– por outro lado, a *segunda*, força estática, oposição, tensão estática entre dois elementos, ou seja, cada elemento, imediatamente, evoca esse outro com o qual está em relação e é de certa forma um conjunto, um absolutamente inseparável. todo,

— e o mais importante é o *terciário*, um elemento imediatamente relativo tanto a um primeiro quanto a um terceiro, e Peirce especifica, toda continuidade, todo processo em geral, está sob a ternidade. A partir daí, dessa concepção de ternariedade, que se pode demonstrar derivar de suas teorias astronômicas, que ele produziu no início de sua vida, mas no final não direi uma palavra sobre isso.

Lacan - Peirce *como astrônomo*...

François Recanati

Assim, a partir dessa ternidade, ele constrói uma lógica que é especificada na semiótica, *Lógica da semiótica*, a própria semiótica sendo especificada em certos níveis como retórica. E isso é importante para Peirce.

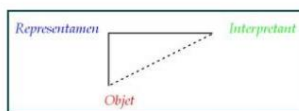
Tudo está na *sua definição do signo* em geral, o *signo*, ele chama de *representamen*, lamento citar:

“ O *representamen* é algo que, para alguém, toma o lugar de outra coisa, de certo ponto de vista ou de certa maneira. »

Nele, há quatro elementos, *pois alguém* é o primeiro, e cito Peirce novamente:

“ Isso significa que o *signo* cria na mente do destinatário um *signo* mais equivalente, ou ainda mais desenvolvido. »

O segundo ponto decorre deste, a *recepção do signo* é, portanto, um segundo signo que funciona como intérprete.



*X na sala - Isso é besteira!*

Terceiro, a coisa da qual o signo se destaca é chamada de " *seu objeto* ". São esses três elementos que farão os três vértices do triângulo semiótico. O quarto termo que vem é mais discreto, mas não menos interessante.

Lacan - Você acredita que Peirce também está errado?

*X no quarto - acho que ele está deitado.*

Lacan - O que isso significa?

François Recanati

O quarto termo, mais discreto, é o que Peirce chama de *fundamento*. O signo toma o lugar do objeto, não absolutamente, mas em referência a uma espécie de ideia chamada *fundo*, ou seja, o fundo, o fundo da relação do signo com o objeto.

Esses quatro termos, tomados em conjunto, definem três relações. E essas três relações são os respectivos objetos dos três ramos da *semiótica*. *Primeira relação*, a relação *signo-fundo*, *relação signo-fundo*. É *gramática pura* ou especulativa, diz Peirce.

Trata-se de reconhecer...

Lacan

Porque não inventamos a *gramática especulativa* há alguns anos, como Monsieur queria que acreditássemos e...

François Recanati

Trata-se de reconhecer o que deve ser verdadeiro do signo para ter sentido, a ideia em geral é a focalização do *representamen* sobre um determinado objeto segundo o *fundamento* ou o ponto de vista.

Então vemos que a significação se destaca, de certa forma, sobre um fundo diferenciado e que o *fundo*, a determinação do *fundo* é quase a determinação do primeiro ponto de vista que determina a inscrição, tudo isso sobre potencial.

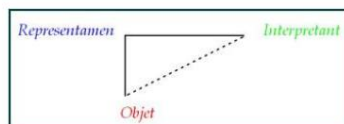
Ou seja, o *solo* em geral já é o potencial. Da mesma forma, o *representamen* é, em relação à sua substância, a determinação de um certo ponto de vista que rege a relação com o objeto.

O *solo* é, portanto, o espaço preliminar da inscrição.

A *segunda relação*, *representamen-objeto*, é o domínio da lógica pura, para Peirce.

É a ciência do que deve ser verdade do *representamen*, para que possa tomar o lugar de um objeto.

A *terceira*, que é a mais importante para o que estamos propondo aqui, é a *relação entre o representamen e o interpretante* que Peirce chama brilhantemente de pura retórica, que reconhece as leis - funciona no nível das leis - segundo as quais um signo dá à luz outro signo que o desenvolve segundo o curso do *interpretante* que vamos ver. E essa questão de pura retórica, Peirce a aborda com a ajuda de seu triângulo semiótico: *representamen*, *interpretante*, *objeto*.



Vou esclarecer cada um de seus termos para que possamos entender melhor. Eu sigo Peirce nesta relação.

" O *representamen*, primeiro, tem uma relação primitiva com um segundo, o objeto. »

O objeto cujo segundo, signo, é dado *primeiro*.

" Mas essa relação pode determinar que um terceiro intérprete tenha com seu objeto a mesma relação que ele mesmo mantém. »

Em outras palavras, a relação do *interpretante* com o *objeto* é ordenada a ser, pela relação do *representamen* com o *objeto*, ser a mesma relação. O mesmo do ponto de vista da ordem, mas diferente no entanto, diferente, quer dizer mais especificado, quer dizer de certo modo o campo de possibilidades desse signo que vem, e assim, vai e vem. infinitum, reduzimos cada vez mais, veremos isso.

O *fundo* está ausente aqui, determina a relação do *representamen* com o *próprio objeto*. E a representação do *representamen* ao *objeto* determina como repetição a relação do representante com o *objeto* que determina como repetição ela mesma...

O que foi que eu disse ? Eu disse do representante?

...Sim, portanto, o *objeto-representante* determina o *objeto-interpretante*.

E de certa forma pode-se dizer, e Peirce o diz, que o *objeto* da relação entre o *interpretante* e o *objeto*, não é exatamente o *objeto*, que é o *objeto* do *interpretante*. relação, ou seja:

- por um lado, tudo o que é objeto disso,  
— e que, por outro lado, que deve repetir isso, deve repeti-lo em geral na forma e tê-lo como seu objeto.

E podemos dar um exemplo, Peirce dá um exemplo.

Lacan - É o que traduzo dizendo que a existência é insistência.

Francois Recanatì

Vemos que todo o problema é o começo. É o que acontece entre o *representamen* e o objeto.

Mas precisamente é impossível dizer qualquer coisa sobre o que está acontecendo sobre isso, impossível voltar do que está acontecendo sobre isso.

Tudo o que sabemos é que isso, o que acontece lá dentro, entre os dois, envolve todo o resto.

Vou acabar registrando o resto porque isso vai até o infinito.

Assim que a gente quiser saber, assim que... para fazer sentido [RO], diz Peirce...

o processo de *significação* se faz a partir daí... para que isso tenha sentido, de uma forma ou de outra, deve necessariamente haver *uma* relação ... como sendo " *equilíbrio* "... é preciso justamente que essa relação, que em si não é nada, seja *interpretada* por seus *intérpretes*.

Esses *interpretantes*, pode ser qualquer coisa, pode ser " *igualdade* ", e como tal, a relação geral, isto é, do interpretante até aqui será ela mesma interpretada por uma segunda *interpretação*. Podemos colocar " *comunismo* ", podemos colocar o que quisermos, e isso não para. Tanto que no início há todos os dados, há uma espécie de *fundo*, um fundo que é escolhido dentro de um fundo indiferenciado, e a partir daí há uma tentativa de esgotamento absolutamente impossível desse fundo desde o primeiro passo que é dado no todo.

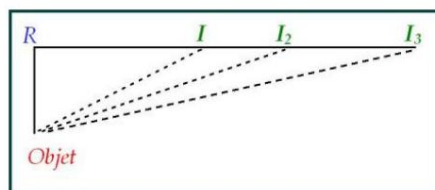
O triângulo semiótico, como podemos ver, é muito claro, reproduz a mesma relação ternária que você citou em relação ao brasão dos Borromeus. Quer dizer, e Peirce o diz, finalmente ele não diz o brasão dos Borromeos

mas ele usa os mesmos termos, os três pólos estão ligados por essa relação de uma maneira que não admite múltiplas relações duais, mas uma tríade irredutível. Eu o cito:

*“ O interpretante não pode ter uma relação dual com o objeto, mas com a relação comandada por aquela do signo-objeto, que não pode ter em uma forma idêntica, mas degenerada. A relação signo-objeto será o objeto próprio do interpretante como signo .*

Assim, o triângulo se desenvolve em uma cadeia como uma *interminável interpretação*...

e a palavra é de Peirce, é tudo a mesma fantástica *interpretação interminável* como expressão... ou seja, cada vez é o que você desenha como uma nova hipotenusa que é tomada como objeto do *novo interpretante* Everytime.



O que existe apenas em linhas pontilhadas, de certa forma, é visto afirmado posteriormente como objeto para o novo interpretante, e esse triângulo continua ad infinitum. No exemplo que dei, a *relação igualdade-justiça* é da mesma ordem que a *relação equilíbrio-justiça*, mas não é a mesma. A igualdade visa não só a justiça, mas também a relação equilíbrio-justiça.

Então, voltando a Locke por exemplo, vemos que é justamente, isso é tomado como objeto de uma *interpretação*, mas o que é novo, de certa forma, do ponto de vista terminal, no resultado da interpretação é que a inscrição do objeto está marcada ali como tal, justamente porque a relação em geral equilíbrio-justiça é colocada ao lado do próprio objeto, a saber, a justiça.

Tal é o modelo do processo de significação na medida em que é interminável.

De um primeiro desvio - aquele que é dado por uma primeira linha dentro do *solo, representamen-objeto* - de uma primeira lacuna nascem uma série de outras e o elemento puro dessa primeira lacuna foi esse *fundamento* análogo ao 0 *puro* .

Aqui surge novamente a dupla função do vazio. Considerando o tempo, não vou continuar porque pode haver muitos exemplos a tomar, e isso, tanto em toda parte em Peirce, como em toda parte em todas as teorias, aí eu peguei o *empirismo*, poderíamos ter pegado qualquer coisa . Em particular, você procurou Berkeley, é uma boa ideia porque é muito rico. Poder-se-ia multiplicar esses exemplos, mas seria apenas ficar no comentário.

Lacan disse que seu discurso possibilitou restituir sentido a discursos mais antigos.

Este é certamente o primeiro fruto que se pode tirar dela.

Mas a localização do que geralmente se produziu como pioneiro, sob a pena de Peirce, por exemplo, ainda é apenas uma inscrição no que até então contava como manteiga, até então, até Peirce, até 'a Lacan, como se quisesse.

Doravante, dessa inscrição do que até então era zero, deve nascer uma enorme sequência infinita e é a essa sequência que se trata de dar espaço.

[Aplausos]

Lacan

Tive que ir a Milão para sentir a necessidade de obter uma resposta.

Acho que o que acabei de obter é suficientemente satisfatório para que você possa se satisfazer com ele também por hoje.

[Para o quadro-negro]

“ O que dizemos como fato permanece esquecido por trás do que é dito, no que é ouvido. »

Hoje me despeço de você.

Dos que vieram e depois dos que não vieram e que vêm para esta partida.

Então ! Nada para se gabar, hein?

Bom ! O que posso fazer ?

Que eu me *resuma* , como dizem, está absolutamente excluído.

Que eu marque algo, um ponto, uma reticência.

Claro, eu poderia dizer que continuei a espremer esse *impossível* no qual reúne o que é para nós, para nós no *discurso analítico*, fundável como *real*. Então !

No último momento, e minha fé por sorte, tive o testemunho de que o que digo é ouvido.

Tive-o por causa de alguém que queria - e isso é um grande mérito - falar no último momento, assim, deste ano, que queria provar-me que de facto para alguns, para mais por um lado, para veias cujo viés não posso prever de forma alguma, encontrando em suma interesse no que estou tentando afirmar.

Bom. Então eu agradeço a pessoa que me deu, não apenas eu, que deu a todos uma espécie de...

Espero que haja um número suficiente deles para quem ela ecoou, que perceberam que ela pode renderizar.

Claro que é sempre difícil saber, saber até onde se estende.

Na Itália, faço alusão a isso um pouco porque afinal isso não me parece supérfluo, conheci

alguém que acho muito legal, que está em... sei lá, *história da arte*, *a ideia de o trabalho*.

Não sabemos por que, mas podemos chegar a entendê-lo, interessa-lhe o que se diz sob o título da *estrutura*, e especificamente o que eu mesmo pude produzir dela. Interessa-lhe por causa de problemas pessoais.

Essa *ideia da obra*, essa *história da arte*, essa veia, faz de você um escravo, isso é certo.

Isso pode ser visto claramente quando você vê o que alguém que não é crítico nem historiador,

mas que foi criador, se formou como imagem, como imagem dessa veia: o escravo, o prisioneiro.

Há um homem chamado Michelangelo que nos mostrou isso.

Então, à margem, está o historiador e crítico que reza pelo escravo.

É uma múmia como qualquer outra, é uma espécie de serviço divino que pode ser praticado. Sim ! Tenta fazer com que as pessoas esqueçam quem manda, porque o trabalho sempre vem em ordem, mesmo para Michelangelo.

Bem, aquele *que comanda*, foi o que tentei produzir para vocês este ano sob o título “ *Yad'lun* ”, não é?

O que comanda é o *Uno* : o *Uno* faz o *Ser*...

Pedi-lhe que o procurasse no “ *Parmênides* ”. Você pode ter, para alguns, cumprido.

... o *Uno* faz o *Ser* como o histérico faz o homem.

Sim ! Obviamente, este *Ser* que faz o *Uno*, não é o *Ser*, ele faz o *Ser*.

Obviamente é isso que é insuportável, uma certa paixão criativa, e no caso da pessoa de quem estou falando, que foi realmente muito legal comigo e que me explicou claramente como ele se agarrou ao que ele chamava, “*meu sistema*”, para denunciar seus espinhos, e por isso também o estou destacando hoje para evitar alguma confusão: ele se agarrou ao que acha que faço ontologia demais.

Ainda é engraçado, bem, não acho que aqui, claro, haja apenas ouvidos abertos.

Acho que em todo lugar há muitos surdos.

Mas dizer que faço ontologia, mesmo assim, é muito engraçado!

E coloque-o neste grande Outro...

que muito precisamente mostro como tendo de ser barrado e

fixado muito precisamente do significante desta própria barragem

...É curioso!

Porque o que ver no impacto, a resposta que recebemos,  
ainda é que afinal as pessoas te respondem com *seus* problemas.

E como o problema dele é que a ontologia e até o Ser já ficam na garganta por causa disso:  
é que se a ontologia é simplesmente a careta do *Uno*, é óbvio que tudo o que se faz ao comando fica, para o *Uno*, suspenso, e -  
meu Deus - isso o incomoda...

Então o que ele realmente gostaria é que a estrutura estivesse ausente.

Seria mais conveniente para o " *pass-noz-moscada* ". O que gostaríamos é que a *retratação*...  
a conjuração que acontece não é e isso é a obra de arte  
...é que a *prestidigitação* não precisa de copos.

Você só tem que olhar para isso, há uma pintura de Breughel...  
quem era um artista que estava muito acima disso  
... ele não esconde como, como os espectadores são cativados. Bom !

Então aqui, obviamente, não é com isso que estamos lidando.  
Lidamos com o *discurso analítico*.

E do *discurso analítico*, eu pensava mesmo assim que não seria ruim pontuar algo antes de sair de você, o que lhe dá a ideia precisa,  
que não só não é ontológico, não é filosófico, mas só é necessário por uma determinada posição.

Uma certa posição que eu me lembro, que é aquela em que eu pensei que poderia condensar a articulação de um discurso,  
e mostrar a todos vocês que relação isso tem, com esse fato de que *analistas* todos têm uma relação...  
e você estaria errado em acreditar que eu não o conheço  
...com algo que se chama " *o ser humano* ", sim claro, mas eu não chamo assim.

Não chamo assim para que você não se empolgue, para que fique onde precisa estar, desde, é claro, que consiga perceber  
quais são as dificuldades que lhe são oferecidas. .

Claro que não vamos mais falar de "conhecimento", pois a relação do homem com um " *seu próprio mundo* ", é  
óbvio que partimos daí há muito tempo, que aliás, sempre, nunca foi *apenas uma pretensão*  
a serviço do *discurso do Mestre*.

Não há mundo como o dele, exceto o mundo que o mestre faz andar com o dedo e o olho.  
E quanto ao famoso " *conhecimento de si mesmo* ": *ÿÿÿÿ ÿÿÿÿÿÿ* [gnôthi seauton], suposto fazer o homem, vamos  
começar por isso que é ao mesmo tempo simples e palpável, não é? lugar, toma lugar *do corpo* : o autoconhecimento é higiene.

Vamos começar a partir daí, vamos.  
Assim, durante séculos, a *doença* permaneceu , é claro.  
Porque todos sabem que não se resolve com higiene.

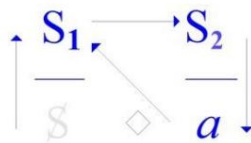
Existe a doença, e isso é definitivamente algo ligado ao corpo.  
E a doença durou séculos, era o médico que deveria saber dela.

Saber, quero dizer " *conhecimento* " e acho que sublinhei bem rápido em uma de nossas últimas entrevistas – nem sei onde – o  
fracasso desses dois vieses, não é assim.  
Tudo o que é óbvio na história, ele se espalha em todos os tipos de aberrações.

Então, mesmo assim, a pergunta que eu gostaria que você sentisse hoje é que, é o *analista* que  
está ali e que parece estar assumindo.

Falamos de doença, não sabemos: ao mesmo tempo dizemos que não há...  
que não há *doença mental*, por exemplo, ...  
justamente no sentido de que é *uma entidade nosológica* como costumávamos dizer,  
a doença mental não é de forma alguma entidade.

É antes a mentalidade que tem falhas, vamos nos expressar assim rapidamente.



Então, vamos tentar ver o que isso supõe, por exemplo, que está escrito lá e que deve indicar onde uma determinada cadeia é colocada que é mais certamente e sem qualquer tipo de ambiguidade, a estrutura :

- vemos dois *significantes* se sucedendo , – e
- o *sujeito* só existe na medida em que " *um significante o representa para o outro significante* ",
- e depois há algo que *resulta* disso e que em grande parte, ao longo dos anos, desenvolvemos motivos suficientes para o notarmos como o *objecto(a)*.

Obviamente, se existe *nesta forma, nesta forma de tetrade*, não é uma topologia sem qualquer tipo de significado. Essa é a novidade trazida por Freud. A novidade trazida por Freud não é nada.

Teve alguém que fez algo muito bem, ao situar, ao cristalizar o *discurso do mestre*, por causa de uma luz histórica que ele conseguiu captar, foi Marx.

É ao mesmo tempo um passo, um passo que não há razão alguma para reduzir ao primeiro, também não há razão para fazer uma mistura entre os dois, pergunta-se em nome do que absolutamente devem concordar.

Eles não concordam, eles são perfeitamente compatíveis: eles se encaixam.

Eles se encaixam e certamente há um que tem seu lugar com toda a facilidade, o de Freud.

Em suma, o que ele trouxe de essencial? Ele trouxe a dimensão da *sobredeterminação*.

A *sobredeterminação* é exatamente o que *imagino com minha forma de formalizar* da maneira mais radical a *essência do discurso*, na medida em que ele está em posição rotativa em relação ao que acabei de chamar de suporte.

É mesmo assim *do discurso* que Freud fez emergir o seguinte: que

o que se produzia no nível do *suporte* tinha a ver com o que se articulava no *discurso*.

O suporte é o corpo.

É o corpo, e você ainda tem que ter cuidado ao dizer " *é o corpo* ": não é necessariamente *um* corpo.

Porque a partir do momento que partimos do gozo, isso significa exatamente que o corpo não está só, que há outro.

Não é por isso que o gozo é *sexual*, pois o que acabei

de explicar para vocês este ano é que o mínimo que podemos dizer é que esse gozo não é relatado, c é o gozo de corpo a corpo.

A característica do gozo é que quando há dois corpos...

ainda mais quando há mais, é claro,

...não sabemos, não podemos dizer *qual* gosta.

É por isso que pode haver neste caso, tomados vários corpos e até mesmo séries de corpos.

Assim, a *sobredeterminação* consiste nisso, é que as coisas que não são significados, onde o sentido seria sustentado por um significante, justamente o próprio do significante...

E eu não sei, eu comecei assim uma coisa levando a outra, Deus sabe porque, então um pouco mais...

Não importa... Encontrei uma coisa, um seminário que fiz no início de um mandato, justamente o período que era o final do ano sobre o que se chama o caso do presidente Schreber, c foi 11 de abril de 1956.

É muito precisamente logo abaixo: são os dois primeiros trimestres que estão resumidos no que escrevi:

"*Sobre uma questão preliminar a qualquer possível tratamento da psicose*".

No final, em 11 de abril de 1956, eu coloquei o que era isso...

então assim eu chamo pelo nome, o nome que tem na minha fala

...a *estrutura*.



Nem sempre é o que um povo vaidoso pensa, mas é perfeitamente dito neste nível. Vai me divertir republicá-lo, este seminário...

se o "ataraxamento" não tivesse feito um grande número de pequenos furos, por falta de ter ouvido corretamente.

Se ao menos ela tivesse reproduzido corretamente a frase em latim que escrevi no quadro, cujo autor não conheço mais.

[Cicéron: "Quanto ao uso da oração, é incrível, a menos que você preste atenção às obras que a natureza inventou."]

...Eu vou, não sei, na próxima edição da *Scilicet*.

O tempo que levarei para descobrir de quem é essa frase latina certamente me fará perder tempo, bem, não importa, tudo o que eu disse naquele momento sobre o significante...

do significante numa época em que realmente não podemos dizer que estava na moda: em 56

...permanece golpeado com um metal onde não tenho nada para retocar.

Sim ! O que digo com muita precisão é que se distingue por isso, que não tem *significado*.

Digo-o com rispidez porque nesse momento tenho de me fazer ouvir por...

Você percebe que, além disso, foram os médicos que me ouviram!

O que diabos eles poderiam fazer? Simplesmente que era de... bem, eles estavam ouvindo Lacan.

Finalmente, de Lacan: quer dizer esse tipo de palhaço, não é, aquele...

Bem, ele fez seu trapézio maravilhosamente, é claro.

Enquanto isso, eles já estavam cobiçando como poderiam voltar à digestão, porque não se pode dizer que estão sonhando. Seria muito bonito. Eles não sonham, eles digerem!

Afinal, é uma ocupação como qualquer outra.

O que devemos, mesmo assim, realmente tentar ver é que o que Freud introduz é algo que...

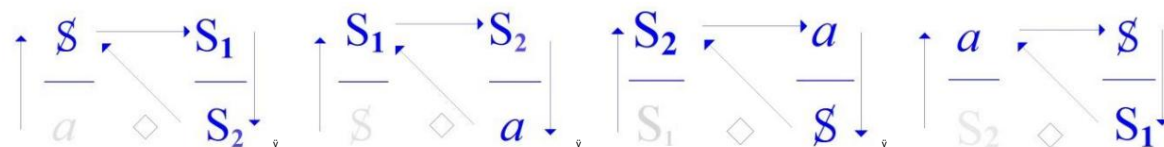
imagina-se que o interpreto mal porque falo do significante

...é o retorno a esse fundamento que está no corpo, e que faz isso...

independentemente dos significantes com os quais se articulam.

...esses 4 polos [1 em cada discurso] que são determinados pela emergência como tal do gozo justamente como evasivo, bem é isso que faz surgir os outros 3 [em cada um dos discursos], e em resposta !

O 1º [pólo] que é a verdade, que – a verdade – já implica discurso.



Isso não quer dizer que pode ser dito, eu me mato dizendo que não pode ser dito, ou *que só pode ser dito pela metade*.

Mas enfim por gozo, enfim isso, isso existe. Precisamos ser capazes de falar sobre isso.

Por meio do qual há algo que é outro e que se chama "dizê-lo".

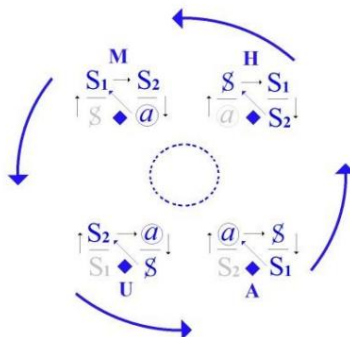
Bem, eu basicamente expliquei para você por um ano, eu levei tempo suficiente para articular isso, porque para articulá-lo...

é nisso que você deve ver que a necessidade que é minha, a maneira como eu procedo

...precisamente eu nunca posso articular isso como uma *verdade*.

É necessário, de acordo com o que é seu destino para todos, é necessário contorná-lo.

Mais exatamente para ver como ele gira, como ele se inclina, como ele se inclina assim que você o toca e como, até certo ponto, é instável o suficiente para se prestar a todos os tipos de erros.



De qualquer forma, se eu emiti...  
que é tudo a mesma coisa um certo nervo  
...o título " *Um discurso que não seria semblante* ".

Acho que foi pra te fazer sentir, e que você sentiu *que o discurso como tal é sempre discurso de aparência*,  
e que se há algo em algum lugar que se permite gozo, é justamente fingir.

E é a partir dessa partida que conseguimos conceber esse algo que só podemos pegar ali, mas de uma forma já tão  
assegurada, tão assegurada por alguém cuja memória devemos saudar, a memória como a escrevo [*mé -moire*],  
dando ao " *mé* " o mesmo significado que o " *mé* " do desconhecimento, aquele que foi tão bem memorizado [*minhas*  
*palavras de riso*] que é *fazer de suas palavras um motivo de chacota* , o que é mais uma questão de, ou seja, Platão.

Mesmo assim, se há alguém que captou o que é *mais o gozo*, algo que faz Platão  
pensar que não são apenas " *Idéias* " e " *Forma* ", mas tudo o que temos... com uma certa grade - uma grade que ,  
concordo, é plausível  
...traduzido dessas declarações.

Platão é o mesmo que propõe a função da *díade* como sendo este ponto de queda, onde tudo passa, onde tudo foge: não há "  
*maior* " sem " *menor* ", " *mais velho* " sem " *mais novo* ", e o fato que a *díade* é

– o lugar da nossa perda, –  
o lugar da fuga, – o lugar

graças ao qual ele é forçado a forjar este *Um* da *Idéia*, da *Forma*, esse *Um* que  
além disso imediatamente se multiplica, " para Um-agarra "

...sim, é bom porque está lá como todos nós imersos neste suplemento...

Eu falo sobre tudo isso em 11 de abril de 1956

...o suplemento, a diferença entre o suplemento e o complemento.

Enfim eu tinha dito tudo isso muito bem desde o ano de 56, poderia ter servido, me parece, para cristalizar algo do lado dessa  
*função* a ser cumprida, a *do analista* e da qual ele parece tão impossível - mais do que outros -  
que se pensa apenas em camuflá-lo.

Sim ! Então, é disso que se trata e isso, e que você tem que ver certas coisas.

É que entre *este suporte*, o que acontece ao nível *do corpo*, e *de onde surge todo o sentido*, *mas*  
*inconstituído*, *porque depois do que acabo de dizer sobre o gozo* , a *verdade* , o *semblante* e *não mais gozar* como criador do fundo,  
o *chão*, como a pessoa que teve a gentileza de vir aqui falar conosco sobre Peirce se expressou outro dia, na medida em que estava  
na *nota* de Peirce que ele tinha ouvido isso que eu estava dizendo.

<u>Semblant</u>		<u>Autre</u>
Vérité	♦	Produit

Escusado será dizer que foi mais ou menos ao mesmo tempo que lancei os quadrantes PEIRCE para os quais...

Claro que foi inútil, porque o que você pode pensar...

que comenta sobre a total ambiguidade do *Universal*, seja *Afirmativo* ou *Negativo*, e do  
*Particular* igualmente

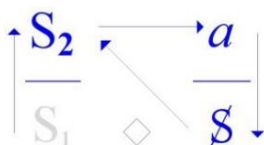
...o que isso poderia fazer para aqueles que estavam apenas pensando em redescobrir seu refrão?

Sim ! O *chão* está lá. É de fato o corpo com seus sentidos radicais sobre o qual não há domínio.

Porque não é com a *verdade*, o *semblante*, o *gozo* nem *mais para gozar* que fazemos filosofia.

Fazemos filosofia, a partir do momento em que há algo que enche, que enche o suporte,  
que só pode ser articulado a partir do *discurso*, que o enche de quê?

Tem que ser dito, hein, que tudo de que você é feito, e ainda mais porque você é meio que um filósofo,  
às vezes acontece, mas afinal é raro, você é acima de tudo " *esperto* " como eu disse um dia, você está  
no lugar onde o *discurso universitário* te coloca. Você é tomado como formado [*como "sujeitos" : S*].



Há algum tempo, há uma crise, mas falaremos sobre isso mais tarde. É secundário.

Então a questão é diferente.

Você tem que perceber que o que você mais fundamentalmente depende...

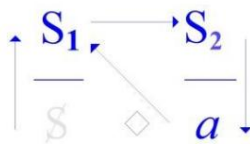
porque finalmente a universidade não nasceu ontem

...é o *discurso do mestre* mesmo assim, que é o primeiro a surgir, e depois é ele que dura e que tem poucas chances de se livrar.

Poderia ser compensado, equilibrado, com algo que seria - bem, o dia que será! - *discurso analítico*.

Ao nível do *discurso do mestre*, pode-se dizer perfeitamente o que é

– entre o *campo do discurso*, entre as *funções do discurso* como se articulam a partir deste S1, S2, o S e o a...



– e depois este corpo, este corpo que aqui te representa, e ao qual – como *analista* – me dirijo.

Porque quando alguém vem me ver em meu escritório pela primeira vez e eu canto nossa entrada no *negócio* de algumas entrevistas preliminares, o importante é que, é o confronto de corpos.

É justamente porque é a partir daí que se inicia, esse encontro de corpos, que a partir do momento em que se entra no *discurso analítico*, não se trata disso.

Mas o fato é que no nível em que o discurso funciona...

que não é o *discurso analítico*

...surge a questão de como esse discurso conseguiu pegar corpos.

Ao nível do *discurso do mestre*, é claro.

Ao nível do *discurso do mestre* de quem tu és, como corpo, amassado, não o escondas de ti, sejam quais forem as tuas jogadas, é o que chamarei "os *sentimentos*" e muito precisamente os "bons *sentimentos*".

Entre o corpo e o discurso está o que os analistas gargalham, chamando-o pretensiosamente de "afetos".

É bastante óbvio que você é afetado em uma análise, é isso que faz uma análise, é o que eles obviamente afirmam, eles têm que segurar a corda em algum lugar para ter certeza de não escorregar.

Bons sentimentos, com o que se faz?

Bem, somos obrigados a chegar a isso, ao nível do *discurso do mestre* é claro: é feito com jurisprudência.

É bom não esquecê-lo quando falo, quando sou convidado da *Faculdade de Direito*, não entender mal que os bons sentimentos são a *jurisprudência* e nada mais, que os funda.

E quando algo assim acontece de repente faz seu coração girar porque você não tem certeza se não é um pouco receptivo a como uma análise deu errado.

Ouçó ! hein? vamos ser claros!

Se não houvesse ética, se não houvesse jurisprudência, onde estaria essa mágoa, esse *afeto* como dizem?

Devemos até tentar de vez em quando *contar um pouco a verdade*.

Um pouco, isso significa que o que acabei de dizer não é exaustivo.

Eu também poderia dizer outra coisa incompatível com o que acabei de dizer, isso também seria verdade.

E é isso mesmo que acontece quando simplesmente pelo fato não de 1/4 de volta, mas de meia volta completa, de 2/4 quartos de volta de deslizamento desses elementos de acordo com o discurso, acontece, acontece porque há mesmo assim nesta téttrade vetores, vetores cuja necessidade podemos muito bem estabelecer, não estão ligados à téttrade, nem à verdade, nem ao semblante, nem ao que é desta espécie, são devidos ao fato de que a téttrade é 4.

Com a única condição de exigir que haja vetores em ambas as direções, ou seja, que sejam 2 chegando ou 2 saindo, ou 1 chegando ou 1 saindo, você é absolutamente obrigado a encontrar a maneira como aqui eles estão ligados, é devido a o número 4, nada mais.

Naturalmente, *semblante*, *verdade*, *gozo* e *mais gozo* não se somam. Então eles não podem fazer 4 sozinhos, é exatamente nisso que *consiste o real*, é que o número 4, por sua vez, existe por si só. Também é algo que eu disse em 11 de abril de 1956, mas muito precisamente eu ainda não havia divulgado tudo isso. Além disso, eu nem tinha construído tudo isso.

Só isso é o que me prova que estou no caminho certo, pois o fato de eu dizer naquela época que o número 4 estava ali um número essencial para que fosse lembrado, prova que eu ainda estava no fio certo, desde agora, não consigo encontrar nada supérfluo em torno disso. Eu disse isso quando era necessário, quando se trata de psicose. Bom !

Então a pergunta é esta: se os sentimentos, se...

*Não se agitem pelas pessoas que vão embora, eles têm coisas para fazer a esta hora, têm que ir ao funeral de alguém cuja memória aqui saúdo, e que era alguém da nossa Escola, que eu muito estimava. Lamento, dados os meus compromissos, não poder juntar-me.*

...sim, o que há no *discurso analítico*, entre as funções do discurso e esse suporte, qual não é o sentido do discurso, que não depende de nada do que é "dito"?

- Tudo o que é "dito" é *aparência*.
- Tudo o que é "dito" é *verdade* além do mercado.
- Tudo o que é "dito" *faz* você gostar.

"O que é dito", e como repito, como escrevi no quadro hoje:

*" Aquilo que se diz como fato - dizê-lo - fica esquecido por trás do que se diz. »  
"O que é dito" não está em outro lugar senão no que é ouvido, e isso é a fala.*

Só que "dizer" é outra coisa, é outro plano, é *discurso*.

É que relacionamentos, relacionamentos que mantêm vocês todos juntos, com pessoas que não são necessariamente aquelas que estão ali, o que chamamos de relacionamento, a *religião*, o apego social, acontece ao nível de um certo número de "takes" que não são feitos ao acaso, que exigem - com muito pouco errante - essa certa ordem na articulação significante.

E para que algo seja dito ali, é necessário *algo diferente* do que você imagina sob o nome de *realidade*.

Porque a "realidade" deriva muito precisamente do *dizer*.

O dizer tem seus efeitos que constituem o que se chama *fantasia*, ou *seja*, essa relação entre o *objeto pequeno(a)*...

que é o que concentra o *efeito da fala* para causar desejo

...e esse *algo* que se *condensa* ao redor e como uma fenda, e que se chama *sujeito*.

É uma fenda porque o *objeto pequeno(a)*, está sempre *entre* cada um dos significantes e o que segue, e por isso o *sujeito*, sempre não esteve entre, mas ao contrário escancarado.

Sim ! Finalmente, para voltar a Roma, pude agarrar, tocar com o dedo o efeito, o efeito bastante marcante, o efeito em que me reconheci muito bem, das placas de cobre que um homem chamado Fontana, aparentemente falecido, e que depois de ter demonstrado grandes habilidades como construtor, escultor, etc., dedicou seus últimos anos a fazer...

em italiano diz " *squarcio* " parece, mas eu não sei italiano, me explicaram

...é uma fenda, assim, ele fez uma fenda em uma placa de cobre.



Tem algum efeito. Tem um certo efeito para quem é um pouco sensível, mas não é preciso ter ouvido meu discurso sobre a *Spaltung do sujeito* para ser sensível a ela.

A primeira pessoa a chegar, especialmente se for mulher, pode ter uma pequena oscilação assim.

Deve acreditar que Fontana não era um daqueles que entenderam completamente mal a estrutura, *[dos ]* que acreditavam que era muito ontológica.

Então, do que se trata a análise?

Porque se você acredita em mim, você deve pensar que é mesmo como eu afirmo, que é sob o que " *em corpo* ", com toda a *ambiguidade* desse termo que é motivado, e é porque o analista " *em corpo* " *instala o objeto petit(a) no lugar da aparência*, que existe algo que existe e que se chama *discurso analítico*.

O que isto significa ?

No ponto em que estamos, ou seja, tendo começado a ver esse discurso tomar forma, vemos que como discurso, e não no que se diz, em seu *dizer*, ela nos permite apreender o que está no *semblante*.

É aqui que é impressionante ver que no fim de uma tradição...  
como fomos feitos para sentir a última vez

...cosmológico, como o universo pode ter nascido?

Isso não parece um pouco datado para você? Mas a datação *das profundezas do tempo* não é menos datada.  
O que chama a atenção é que ela leva Peirce a uma articulação puramente lógica, até lógica.

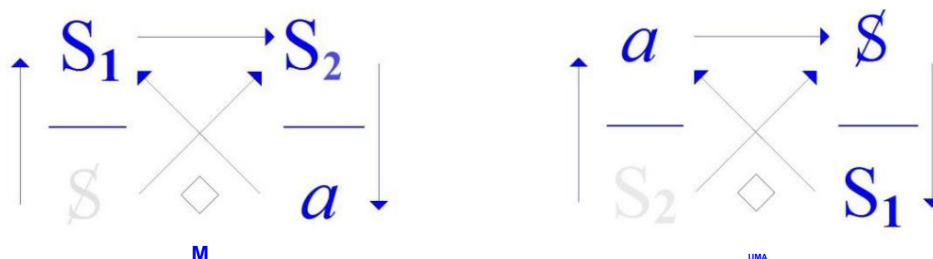
É um *ponto de desprendimento do fruto na árvore* de uma certa articulação - *ilusória*, eu a chamarei - que do fundo dos tempos resultara nessa cosmologia unida a uma psicologia, a uma teologia, a tudo o que é então .

Aqui estamos nós, tocando...

como lhe foi dito da última vez

...tocar com o dedo que *há um discurso sobre a origem apenas tratando da origem de um discurso*.

Que não há outra origem que possa ser captada do que a origem de um discurso, e é isso que nos importa quando se trata da emergência de outro discurso [*d. A.*], de um discurso que, comparado ao *discurso do mestre* [*disco. M.*]...  
dos quais vou refazer rapidamente os termos e seu arranjo  
...apresenta precisamente a dupla inversão de vetores oblíquos.  
E tudo isso é importante.



O que Peirce ousa nos articular está lá na junção de uma cosmologia antiga, é a plenitude do que está envolvido na aparência do corpo, é o discurso em sua relação, diz ele, com o " *nada* ". Significa aquilo em torno do qual todo discurso necessariamente gira.

Desta forma, o que promover este ano a *teoria dos conjuntos*, procuro...

àqueles que exercem a função de analista

... sugerir é que seja nesse sentido...

explorada por esses enunciados que são formalizados a partir da lógica

...é nessa veia que eles se quebram para se formar.

Treinar em quê?

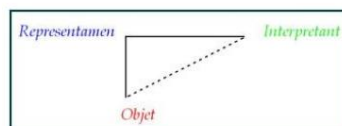
Ao que deve distinguir o que chamei *anteriormente de recheio, intervalo, buffer, lacuna* que existe entre:

– o nível do corpo, do *gozo* e do *semblante*,

– e discurso,

...perceber que é aí que eles se perguntam o que colocar, e que não é bom sentimento ou jurisprudência, que é tratar de outra coisa, que tem nome, que se chama *interpretação*.

O que foi colocado no quadro outro dia na forma do chamado *triângulo semiótico*, na forma do *representamen*, do *interpretante* e aqui do *objeto* :



mostrar que a relação é sempre ternária, ou seja, que o par representação-objeto que sempre deve ser reinterpretado, é o que está em jogo na análise. O interpretante é o analisando.

Isso não quer dizer que o analista não esteja ali para ajudá-lo, para empurrá-lo um pouco na direção do interpretado.

Deve-se dizer que isso não pode ser feito no nível de um único analista, pela simples razão – que

se o que digo é verdade, ou seja, é apenas na veia da *lógica*, da extração de articulações do que é “disse”, e não de “dizer”,

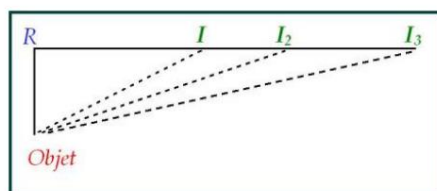
– que se, para ser franco, o analista em sua função não sabe, quero dizer *no corpo*, *recolher* o suficiente do que ouve do interpretante que é aquele a quem, sob o nome de *analisando*, ele dá no chão, bem esse discurso analítico fica no que, com efeito, foi dito por Freud sem mover uma linha.

Mas a partir do momento em que se torna parte do discurso comum, que é o caso agora, cai no quadro dos *bons sentimentos*. Para que a interpretação progrida, seja possível, segundo o esquema de Peirce que foi avançada a você da última vez, é como esta relação *interpretação e objeto*...

aviso, o que é?

O que é esse objeto em Peirce? ... é

aqui que a *nova interpretação*, não há fim para o que pode chegar, exceto que há um limite precisamente:

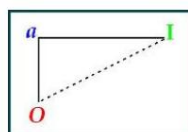


...que é de fato o que o *discurso analítico* deve se tornar, com a condição de não definir em seu pisoteio atual.

O que deve substituir o esquema de Peirce para que ele fique com minha articulação do *discurso analítico* ?

É tão simples quanto olá : para os fins do que está envolvido no tratamento analítico, não há outro *representamen* além do *objeto(a)*.

O *objeto(a)* de que o analista se faz precisamente o *representamen* , ele mesmo, no lugar do *semblante*.



O objeto em questão nada mais é do que o que interoguei aqui com minhas duas fórmulas, nada mais é

que isso, como esquecido : o fato de *dizer*. [cf. “O atordoa”: “O que dizemos fica esquecido por trás do que é dito no que é ouvido”]

Este é o objeto do que para todos é a pergunta: onde estou *dizendo* ?

Porque se é bem claro que a neurose se espalha, é precisamente nisso que nos explica a oscilação do que Freud propôs sobre o desejo, e especialmente o desejo no sonho.

É bem verdade que existem sonhos de desejo, mas quando Freud analisa um de seus sonhos, vemos claramente que desejo está em questão, é desejo colocar a equação do desejo com “= zero”.

Em um momento não muito posterior ao de 11 de abril de 1956, precisamente em 1957 , analisei o sonho “da injeção de Irma” . Foi transcrita como você pode imaginar de um acadêmico, em uma tese que está circulando agora.

Do jeito que foi, não vou dizer “ *ouviu* ”, porque a pessoa não estava lá, ela trabalhou em notas, ela trabalhou em notas e ela achou que poderia acrescentar mais suas.

Mas é claro que se há uma coisa que o *sonho desta injeção de Irma*, sublime, divina, permite mostrar, é o óbvio, que deveria ser...

desde o momento em que eu anunciei essa coisa  
...que deveria ter sido explorado por qualquer pessoa em análise.  
Deixei por aí, porque afinal, como você vai ver, a coisa não tem tantas consequências.

Se, como recordei recentemente, a essência do sono é justamente a *suspensão da relação do corpo com o gozo*, é bastante óbvio que o desejo, que dele está suspenso no *máximo* para o gozo, não vai ser colocado entre parênteses. .

Sobre o que o sonho trabalha, o que ele tece, e podemos ver claramente como e com o quê: com os elementos da véspera, como diz Freud, isto é, com o que há ainda completamente na superfície da memória, não em profundidade.

A única coisa que liga o desejo do sonho ao *inconsciente* é como trabalhar  
– para *resolver a solução*, –  
para *resolver* o problema de uma fórmula com “ = zero ”,  
– encontrar a *raiz* graças à qual o modo como funciona se anula.

Se não se anular, como dizem, há avivamento. Por meio do qual, é claro, o *sujeito continua a sonhar em sua vida*.

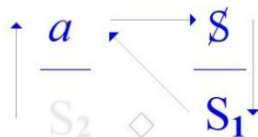
Se o *desejo tem interesse no sonho*, Freud o sublinha, é na medida em que *há casos em que a fantasia, não se pode resolvê-la*, isto é, perceber que o desejo...

permita que eu me expresse - já que estou no fim - então  
... não tem razão de ser, é que aconteceu algo que é o *encontro*, o *encontro* do qual procede a neurose, a *cabeça da Medusa*, a *fenda* do agora há pouco, *vista diretamente*, é como ela, não tem solução.

Por isso, nos sonhos da maioria, é mesmo a questão do desejo.  
A questão do desejo na medida em que se refere muito mais longe, à estrutura, à estrutura graças à qual é o (o) que é a causa da *Spaltung* do sujeito.

Sim ! Então, o que nos liga àquele com quem embarcamos, além da primeira *apreensão* do corpo?  
E o analista está aí para culpá-lo por não ser suficientemente sexual, por gozar bem o suficiente? E o que mais?  
O que nos liga àquele que embarca conosco na posição que chamamos de paciente?

Não lhe parece que, se juntarmos aqui, o termo “ *irmão* ”...  
que está em todas as paredes: “ *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* ”  
...eu te pergunto, no ponto de cultura onde estamos, de quem somos irmãos?  
De quem somos irmãos em qualquer outro discurso senão no *discurso analítico* ?



O patrão é irmão do proletário?  
Não lhe parece que essa palavra “ *irmão* ” é justamente aquela a que o *discurso analítico* dá sua presença, mesmo porque traz de volta o que se chama essa *engrenagem* familiar ?

Você acha que é simplesmente para evitar a luta de classes?  
Você está errado, é devido a muitas outras coisas além da família bastringue.  
*Somos irmãos de nosso paciente na medida em que, como ele, somos filhos do discurso.*

Para representar esse efeito que designo do *objeto(a)*, para nos trazer a esse des-ser de ser o suporte, o desperdício, a abjeção a que pode se agarrar o que, graças a nós, nascerá do *dizer*, do *dizer* que está *interpretando*, é claro, com a ajuda disso, que é o que eu convido o analista a se sustentar de modo a ser digno da transferência, a se sustentar com *esse saber* que pode, de estar no lugar da *verdade* [S2], questionar-se como tal sobre o que sempre foi a estrutura do conhecimento, do saber-fazer ao conhecimento da ciência.

A partir daí, é claro que interpretamos.

Mas quem pode fazê-lo senão aquele que se empenha em *dizê* -lo e quem, do irmão, certamente, que somos, vai nos dar exaltação? Quero dizer que o que nasce de uma análise, o que nasce no nível do sujeito, do sujeito que fala, do analisando, é algo que, " *com* ", " *por meio* "...

"O homem pensa - disse Aristóteles - *com sua alma*"

...o analisando analisa *com* essa merda que o *objeto(a) lhe propõe, na figura de seu analista*.

É *com* isso que deve nascer *alguma coisa*, essa coisa cindida [S], que afinal não é outra coisa...

para pegar algo que foi colocado para você outro dia sobre Peirce

... do que o flagelo do qual se pode estabelecer um equilíbrio e que se chama justiça.

*Nosso irmão transfigurado*, é isso que nasce da conspiração analítica e é isso que nos liga àquele que é impropriamente chamado de nosso *paciente*.

Essa conversa " *parassexual* " – hein? - deve-se dizer, assim, que ele pode ter esses retrocessos.

Eu não gostaria de deixá-lo em *açúcar sozinho*.

A noção de " *irmão* ", tão firmemente carimbada graças a toda sorte de jurisprudência ao longo dos tempos, ao retornar a este nível, ao nível de um discurso, terá o que chamei há pouco de " *esses retornos* " ao nível de o médio.

Eu não falei com você em tudo isso sobre o " *pai* " porque eu considerei que você já foi dito o suficiente, explicado o suficiente para lhe mostrar que está em torno daquele que " *une* ", aquele que *diz não* , – que pode ser fundado, – que deve ser fundado, – que só pode ser fundado,

...tudo *universal*.

E quando voltarmos à raiz do corpo, se revalorizarmos a palavra " *irmão* ", ela voltará a todo vapor ao nível dos *bons sentimentos*.

Já que é preciso mesmo assim não te pintar apenas o futuro de rosa, saiba que aquele que sobe, que ainda não vimos até suas últimas consequências, e que está enraizado no corpo, *na fraternidade do corpo*, é ' *s racismo*, sobre o qual você ainda não ouviu falar.

Então !

[Aplausos]